

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO
EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

LEONARDO BRITO HERRMANN

A relação entre Brasil e Israel no governo Bolsonaro:
Impactos do discurso religioso evangélico na condução da política externa brasileira.

Uberlândia – MG

2023

LEONARDO BRITO HERRMANN

A relação entre Brasil e Israel no governo Bolsonaro:
Impactos do discurso religioso evangélico na condução da política externa brasileira.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação
em Relações Internacionais da Universidade Federal de
Uberlândia como requisito parcial para obtenção do
título de mestre em Relações Internacionais.

Área de concentração: Política Internacional.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Henrique de Moraes Cicero

Uberlândia – MG

2023

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

H568 Herrmann, Leonardo Brito, 1989-
2023 A relação entre Brasil e Israel no governo Bolsonaro:
[recurso eletrônico] : Impactos do discurso religioso
evangélico na condução da política externa brasileira. /
Leonardo Brito Herrmann. - 2023.

Orientador: Pedro Henrique de Moraes Cicero.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de
Uberlândia, Pós-graduação em Relações Internacionais.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2023.279>
Inclui bibliografia.

1. Relações Internacionais. I. Cicero, Pedro Henrique
de Moraes, 1984-, (Orient.). II. Universidade Federal de
Uberlândia. Pós-graduação em Relações Internacionais.
III. Título.

CDU: 327

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:
Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais - PPGRI				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico, número 78, PPGRI				
Data:	02 de agosto de 2023	Hora de início:	09:00	Hora de encerramento:	10:35
Matrícula do Discente:	12112RIT006				
Nome do Discente:	Leonardo Brito Herrmann				
Título do Trabalho:	A relação entre Brasil e Israel no governo Bolsonaro: Impactos do discurso religioso evangélico na condução da política externa brasileira.				
Área de concentração:	Política Internacional				
Linha de pesquisa:	Política Externa e Instituições Internacionais				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	O impacto das tensões sino-EUA na América do Sul (2000-2020): Um estudo comparado entre Argentina, Brasil e Chile				

Reuniu-se por meio de tecnologia de webconferência do Instituto de Economia e Relações Internacionais, em sessão pública, da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais, assim composta: Professores(as) Doutores(as): Anna Carletti - Unipampa; Filipe Almeida do Prado Mendonça - UFU; Pedro Henrique de Moraes Cicero - UFU orientador(a) do(a) candidato(a).

Iniciando os trabalhos o presidente da mesa, Dr. Pedro Henrique de Moraes Cicero - UFU, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato, agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos examinadores, que passaram a arguir o candidato. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o candidato:

Aprovado.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Pedro Henrique de Moraes Cicero, Professor(a) do Magistério Superior**, em 02/08/2023, às 10:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Filipe Almeida do Prado Mendonça, Presidente**, em 02/08/2023, às 10:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Anna Carletti, Usuário Externo**, em 02/08/2023, às 10:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4662016** e o código CRC **9B3E81A1**.

A quem chegar aqui buscando algo.

Espero que encontre.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Paulo e Eliana, e ao meu irmão Paulo Lourenço, uma gratidão especial pelo apoio e encorajamento inabaláveis. Seu apoio emocional e suporte incondicional foram fundamentais para minha jornada acadêmica. Agradeço aos meus pais por sempre acreditarem em mim e por me inspirarem a alcançar o melhor de mim mesmo.

À Mariana, agradeço por estar ao meu lado e pelo incansável companheirismo, e à Alice, pela interminável alegria e entusiasmo que nunca falharam em trazer leveza nos momentos mais desafiadores.

Ao meu orientador, professor Pedro Henrique, expresso minha profunda gratidão pela orientação, apoio e conhecimentos compartilhados ao longo deste processo de pesquisa. Suas orientações foram essenciais para o sucesso deste trabalho. Sou extremamente grato pela oportunidade de aprender com as valiosas contribuições para o meu crescimento acadêmico e profissional.

Gostaria de agradecer aos membros da banca examinadora por dedicarem seu tempo para avaliar minha tese. Suas contribuições e feedback foram inestimáveis e ajudaram a aprimorar o trabalho. Agradeço também aos professores e colegas do programa de mestrado que, apesar da distância imposta pela pandemia, proporcionaram um ambiente acadêmico estimulante e enriquecedor. Também à UFU e à CAPES, pelo apoio e suporte à pesquisa.

Aos meus amigos e colegas agradeço por compartilharem as alegrias e desafios dessa jornada acadêmica. Suas amizades e discussões enriquecedoras tornaram essa jornada mais significativa e prazerosa.

Por fim, agradeço a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para o desenvolvimento desta tese. Cada palavra de encorajamento e colaboração foi fundamental para a conclusão deste trabalho.

A todos os mencionados e aqueles que não puderam ser mencionados, expresso minha sincera gratidão. Este trabalho é o resultado de um esforço coletivo e sou grato a todos que fizeram parte dessa jornada.

*Estarrecimento e coisas tremendas
Aconteceram na terra
Os profetas profetizam coisas injustas;
E os sacerdotes aplaudem com as suas mãos;
E o Meu povo amou [que fosse] assim.
E que fareis vós depois destas coisas?*

Jeremias 5,30-31

RESUMO

A crescente presença da religião, especificamente do cristianismo evangélico, na política brasileira tem levantado questões importantes sobre seus impactos na elaboração de políticas públicas. Essa influência, porém, parece ter transbordado do seu tradicional palco das discussões políticas domésticas para o espaço mais rarefeito da produção de política externa. O presente trabalho busca analisar se, e de qual maneira, ideias sobre o Estado de Israel, presentes no meio pentecostal brasileiro influenciaram a condução da política externa do Brasil durante o governo Bolsonaro. Após uma introdução metodológica que detalha o processo computacional de análise de conteúdo e o modelo de Gustavsson (1999) para análise de mudanças de política externa, o trabalho faz um levantamento preliminar sobre a religião como objeto de estudo nas Relações Internacionais, e analisa o movimento evangélico no Brasil, suas subdivisões denominacionais, suas principais crenças, sua evolução demográfica e o papel de Israel na teologia desses grupos. Em seguida, é feito um breve histórico da relação entre Brasil e Israel desde o primeiro Governo Lula até Temer, buscando estabelecer algumas das linhas mestras que balizaram essa interação ao longo dos anos 2003-2022. Analisou-se então o envolvimento de Jair Bolsonaro, de Deputado à Presidente, com o Estado de Israel e sua aproximação do segmento evangélico. Parte dessa análise foi feita com base no *corpus* discursivo de Bolsonaro ao longo de sua presidência, utilizando ferramentas computacionais para apresentar algumas relações entre diferentes palavras-chave no seu vocabulário. Por meio desse estudo, foi demonstrada a importância do segmento evangélico como elemento capaz de influenciar - por meio de pressões políticas e lideranças próximas do Palácio do Planalto - a condução da política externa nacional, com um impacto visível de suas ideias nos discursos do presidente e em seu processo decisório, ainda que de maneira menos ambiciosa que almejada por algumas de suas lideranças.

Palavras-chave: Bolsonaro; Brasil; Israel; Religião; Evangélicos.

ABSTRACT

The growing presence of religion, specifically evangelical Christianity, in Brazilian politics has raised important questions about its impacts on the formulation of public policies. However, this influence appears to have spilled over from its traditional stage of domestic political discussions to the more rarified realm of foreign policy production. The present work seeks to analyze whether, and in what way, ideas about the State of Israel, present in the Brazilian Pentecostal milieu, influenced Brazil's foreign policy during the Bolsonaro government. After a methodological introduction that details the computational process of content analysis of Bolsonaro's speeches and Gustavsson's model (1999) for the analysis of foreign policy changes, the paper provides a preliminary survey on religion as a subject of study in International Relations, and analyzes the evangelical movement in Brazil, its denominational subdivisions, main beliefs, demographic evolution, and the role of Israel in the theology of these groups. Next, a brief history of the relationship between Brazil and Israel from the first Lula government to Temer's government is presented, aiming to establish some of the main guidelines that oriented this interaction from 2003 to 2022. The involvement of Jair Bolsonaro, from Congressman to President, with the State of Israel and his approach to the evangelical segment are then analyzed. Part of this analysis was based on Bolsonaro's discursive corpus throughout his presidency, using computational tools to present some relationships between different keywords in his vocabulary. Through this study, the importance of the evangelical segment was established as an element capable of influencing - through political pressures and leaders close to the presidency - the conduct of national foreign policy, with a visible impact of their ideas on the president's speeches and decision-making process, although in a less ambitious way than desired by some of its leaders.

Keywords: Bolsonaro; Brazil; Israel; Religion; Evangelicals.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Dinâmica Causal no modelo de Gustavsson.....	23
Figura 2 - Evolução dos segmentos religiosos no Brasil em matéria disponível no site da Revista EXAME.....	58
Figura 3 - Parcela de pastores na bancada evangélica.....	62
Figura 4 - Denominação dos membros evangélicos da Câmara (2019-2022).....	63
Figura 5 - Votos válidos para Bolsonaro sobre Haddad relacionado ao número de evangélicos sobre católicos por Estado.....	87
Figura 6 - Comércio com Países Árabes.....	101
Figura 7 - Comércio com Israel.....	101
Figura 8 - Quadro esquemático do processo de decisão na mudança da embaixada para Jerusalém seguindo o modelo de Gustavsson.....	113

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Evangélicos por denominação	45
Tabela 2 - Deputados por grupo em cada legislatura.....	63
Tabela 3 - Acordos celebrados entre Brasil e Israel por presidência.....	95
Tabela 4 - Importações de Israel por Classificação por Grandes Categorias Econômicas – CGCE nível 1.....	102
Tabela 5 - Exportações para Israel por Classificação por Grandes Categorias Econômicas – CGCE nível 1.....	102
Tabela 6 - 20 palavras mais recorrentes nos discursos de Bolsonaro.....	104
Tabela 7 - Número de ocorrências de cada palavra de interesse nos discursos de Bolsonaro.....	105
Tabela 8 - 11 Pares mais frequentes ordenados por número de co-ocorrências.....	106

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASBI	Associação Sionista Brasil Israel
ASPA	Cúpula América do Sul – Países Árabes
CBN	Christian Broadcast Network
CGADB	Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil
CGCE	Classificação por Grandes Categorias Econômicas
Conib	Confederação Israelita do Brasil
CPAD	Casa Publicadora das Assembleias de Deus
DIAP	Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar
EUA	Estados Unidos da América
FPE	Frente Parlamentar Evangélica
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IURD	Igreja Universal do Reino de Deus
ONU	Organização das Nações Unidas
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira
PT	Partido dos Trabalhadores
SNI	Serviço Nacional de Informações
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	Procedimento detalhado de análise computacional	16
1.2	Mudanças na condução da política	22
2	UM PANORAMA SOBRE O TEMA DA RELIGIÃO NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS	25
2.1	O choque da religião	25
2.2	Origens das atitudes contemporâneas à religião	26
2.3	O estado nacional moderno.....	33
2.4	Religião no internacional como reação política e ontológica	38
3	QUEM SÃO OS EVANGÉLICOS	44
3.1	Uma transformação demográfica.....	44
3.2	Do Pentecostes ao pentecostalismo	46
3.3	Recristianizando o Brasil	50
3.4	Quem são os evangélicos brasileiros?	57
3.5	Washington, Brasília e Jerusalém.....	64
4	OS EVANGÉLICOS NAS ELEIÇÕES DE 2018 E NO GOVERNO BOLSONARO	72
4.1	Relações Brasil – Israel: um panorama de 2003 a 2018	72
4.2	Bolsonaro Deputado	83
4.3	O Ministro Ernesto Araújo, o Tradicionalismo no Governo e a intersecção com Israel.....	88
4.4	Bolsonaro Presidente	95
4.5	Relações Comerciais.....	100
4.6	Púlpito e Palanque	104
5	CONCLUSÃO	111
6	REFERÊNCIAS	116
	ANEXO A – NOTA DE BOLSONARO À EMBAIXADA ISRAELENSE	135
	APÊNDICE A – MATRIZES DE CO-OCORRÊNCIA	136
	APÊNDICE B – CÓDIGO FONTE	140
	APÊNDICE C – RESULTADOS	143
	APÊNDICE D – <i>STOPWORDS</i> USADAS NO PRÉ-PROCESSAMENTO	150
	APÊNDICE E – DEPUTADOS EVANGÉLICOS ELEITOS EM 2018, COM BASE EM DADOS DO DIAP	151
	APÊNDICE F – ACORDOS ENTRE BRASIL E ISRAEL (2000-2022)	155
	APÊNDICE G – IMPORTAÇÃO DETALHADA DE PRODUTOS ISRAELENSES PELO BRASIL	158
	APÊNDICE H – EXPORTAÇÃO DETALHADA DE PRODUTOS BRASILEIROS PARA ISRAEL	160

1 INTRODUÇÃO

Em termos populacionais, o Brasil é um país majoritariamente cristão. Mais especificamente, Católico Romano. No entanto, há algumas décadas, uma transformação importante vem sendo efetuada no panorama religioso nacional, inicialmente de forma um tanto silenciosa e discreta, mas cujos efeitos vêm sendo sentidos de forma cada vez mais notórias. Antes uma minoria quase imperceptível, a população evangélica vem crescendo de forma ininterrupta, se estabelecendo como o segundo maior bloco religioso do país e ameaçando, surpreendentemente e em relativamente poucos anos, ultrapassar o número de católicos, transformando definitivamente a composição religiosa do país.

Capazes de articularem eleitoralmente seus interesses, a influência evangélica na política tem recebido maior atenção, especialmente em razão da atividade da Frente Parlamentar Evangélica, ou Bancada Evangélica, e sua atuação em pautas consideradas relevantes por esse segmento. As eleições de 2018, porém, mostraram o peso do voto evangélico quando o Brasil viu o candidato vencedor celebrar os resultados com um discurso de sua parte e uma oração por parte de um Pastor evangélico aliado. Essa proximidade do presidente com importantes lideranças evangélicas teria repercussões na política doméstica, mas também externa. Embora haja grande variedade de posições teológicas no meio evangélico, há uma parcela significativa dos evangélicos que acredita na importância de um país se aproximar politicamente do moderno Estado de Israel, seja por razões de bênçãos a quem fizer isso, seja por crenças sobre o papel de Israel nos eventos derradeiros do apocalipse bíblico. Concomitantemente, a presidência de Bolsonaro também é marcada por uma ostensiva tentativa de se aproximar do Estado de Israel. Dada a coincidência da aproximação do presidente com os evangélicos e o valor que Israel tem para alguns deles, se torna relevante averiguar se há aí alguma relação entre as crenças religiosas evangélicas e a orientação da política externa do Brasil sob Bolsonaro.

O presente trabalho é um estudo de caso, descritivo e exploratório de eventos recentes da política brasileira e seu impacto na condução da política externa. Optou-se por uma abordagem de pesquisa qualitativa, utilizando para tal fim o método hipotético-dedutivo. Partindo de uma observação dos discursos de atores relevantes e dos eventos políticos no período de campanha de 2018 e, posteriormente, no posicionamento do Brasil em questões relativas ao Estado de Israel durante o governo Bolsonaro, foi possível

analisar semelhanças e diferenças na relação diplomática tradicional e estabelecer relações entre os processos que influenciaram essas transformações.

Como método de procedimento utilizou-se o histórico-comparativo e de revisão bibliográfica, resgatando e avaliando a evolução do discurso político do candidato Jair Bolsonaro relativo ao Estado de Israel, avaliando a influência de certas correntes teológicas prevalentes no meio evangélico e comparando as alterações na condução das relações diplomáticas entre os dois países antes e depois da eleição de 2018. Para tanto, o procedimento de observação empregado foi de análise documental, utilizando fontes primárias e secundárias dos períodos de campanha e governo, como manifestos políticos, notícias de jornais, discursos político-religiosos de lideranças no meio evangélico, a produção teológica que os influenciam, assim como estudos acadêmicos atuais sobre o histórico das relações entre Brasil e Israel, e da evolução da influência política de segmentos religiosos na sociedade brasileira.

Dedicou-se um capítulo para compreender o fenômeno das religiões nas relações internacionais, suas origens e implicações no campo, assim como para se familiarizar com a literatura existente. O próximo capítulo se debruçou sobre o fenômeno evangélico no Brasil e as transformações demográficas e políticas dele decorrentes. Ambos os capítulos são marcados por uma extensa revisão bibliográfica. Em seguida, foi escrito um capítulo para registrar informações sobre o candidato Bolsonaro, sua carreira e envolvimento com pastores evangélicos, ações durante o governo e revisão de seus discursos enquanto presidente.

Com base nessa apreciação qualitativa das informações, empregou-se um método computacional de análise para avaliar o conteúdo dos discursos de Bolsonaro durante sua presidência, como forma de visualizar algumas relações matemáticas e estatísticas dos termos existentes nesse corpo textual. Como sintetizam Caregnato e Mutti (2006), essa abordagem estatística é conhecida como Análise de Conteúdo, método que surgiu nos Estados Unidos ainda no início do século XX para a análise de material jornalístico e que, a partir dos anos 1940 e 50, passou a ser adotado, também, para análise política. A Análise de Conteúdo pode ter uma abordagem qualitativa e quantitativa, com esta última traçando a frequência de características que se repetem no conteúdo do texto:

A maioria dos autores refere-se à AC como sendo uma técnica de pesquisa que trabalha com a palavra, permitindo de forma prática e objetiva produzir inferências do conteúdo da comunicação de um texto replicáveis ao seu contexto social. Na AC o texto é um meio de expressão do sujeito, onde o analista busca categorizar as unidades de texto

(palavras ou frases) que se repetem, inferindo uma expressão que as representem (CAREGNATO; MUTTI, 2006).

Comumente, a Análise de Conteúdo pode ser feita através do método de dedução frequencial. A dedução frequencial é uma enumeração das ocorrências de palavras ao longo do texto, não sendo de importância primária a preocupação com as diferenças de sentido dessa palavra nos textos analisados. É, portanto, um tratamento fundamentalmente estatístico e numérico do material, se prestando perfeitamente à análise computacional em razão da alta capacidade que computadores têm de trabalhar grandes quantidades de dados de forma rápida e matematizada.

Há também a Análise Categral, que demanda qualidades psicológicas complementares como fineza e sensibilidade "por parte do codificador para apreender o que importa" (CAREGNATO; MUTTI, 2006). É o desmembramento do texto em unidades, ou categorias, muitas vezes temáticas, a partir dos temas e ideias que surgem dos textos, identificando o que eles têm em comum e agrupando-os. A Análise de Conteúdo pode ser, portanto, subdividida em três etapas que são a Pré-Análise, a Exploração do Material e a Interpretação dos Resultados. A primeira etapa consiste primariamente na organização do estudo, que é orientado por procedimentos como leitura flutuante, levantamento de hipóteses e objetivos, além de indicadores que fundamentam a interpretação. Na etapa da Exploração do Material, há a codificação a partir das unidades relevantes e que, no presente trabalho, foram feitas com auxílio do computador. Finalmente, na terceira etapa, faz-se a categorização, que consiste na classificação dos elementos de acordo com semelhanças e diferenças (CAREGNATO; MUTTI, 2006).

Para Rossi, Serralvo e João (2014), a Análise de Conteúdo Quantitativa pode ser dividida em duas categorias genéricas: a análise relacional e a conceitual. A análise conceitual tem como objetivo a quantificação e marcação de um conceito escolhido para exame, com a ênfase na verificação da ocorrência no texto, de forma implícita ou explícita, dos termos selecionados. A análise relacional, também conhecida por análise semântica, por sua vez, vai além da identificação desses conceitos no texto, buscando explorar relações semânticas ou de significados entre os conceitos selecionados. O significado, nessa vertente, não é inerente ao conceito, mas surge da relação entre esses conceitos no próprio texto.

Ainda de acordo com Rossi, Serralvo e João (2014), existem alguns passos a serem seguidos para execução de uma análise conceitual. Primeiramente, ela requer o

estabelecimento de um nível de análise, que é a palavra ou conjunto de palavras ou frases a serem codificadas. No caso do presente trabalho, optou-se por codificar primeiramente as palavras ligadas ao cristianismo tal qual existe no Brasil e, mais especificamente, ao crescente movimento evangélico, suas lideranças e suas crenças sobre Israel contemporâneo. Por se tratar também da intersecção da religião com a política implementada por Jair Bolsonaro, após leitura flutuante preliminar, foram selecionadas algumas palavras relevantes no contexto do mandato, como termos e expressões religiosas, assim como nomes de países do Oriente-Médio visitados pelo presidente. A lista das palavras se encontra na próxima seção, onde se descreve o procedimento computacional em maior detalhe.

Como parte do processo, foi necessário escolher entre a codificação dos conceitos por existência ou frequência. A codificação por existência apenas registra se o conceito ocorre no texto, não importando o número de vezes. A frequência, por sua vez, registra o número de ocorrências dos conceitos, permitindo medir a importância relativa destes no corpo textual analisado. Optou-se pela codificação por frequência, em razão da maior riqueza nos dados gerados. Em seguida é preciso decidir pela forma que serão distinguidos esses conceitos. Se forem sinônimos, por exemplo, podem ser considerados como um mesmo conceito ou não. Optou-se por considerar cada conceito de forma independente para posterior avaliação qualitativa caso necessário. Por exemplo, embora seja possível considerar “católico” e “católica” como equivalentes à membros da Igreja diferenciados apenas no gênero, é importante observar como “católica” pode também fazer referência à instituição “Igreja Católica”, mudando substancialmente seu conteúdo. É também necessário decidir o que fazer com informações consideradas irrelevantes, se devem ser ignoradas ou não. No caso da palavra “palestina” que nunca ocorre nos discursos analisados, optou-se por eliminá-la da matriz de co-ocorrência final por uma questão de organização da tabela no Apêndice A, uma vez que todos os resultados, evidentemente, são nulos. No entanto, a ausência dessa palavra é, por si só, um fator importante para a análise e é algo comentado mais adiante. Como passos finais, é feita a codificação e, por fim, a análise dos resultados. A codificação pode ser feita manualmente ou com auxílio de computadores, sendo esta última a opção escolhida.

1.1 Procedimento detalhado de análise computacional

Bastante útil para a Análise de Conteúdo, a análise computacional se baseia na premissa que uma palavra pode ser estudada em relação às palavras ao seu redor,

especialmente por meio de relações estatísticas que podem esclarecer se essas ocorrências se apresentam de maneira sistemática ou ao acaso, indicando quais são os tópicos (ou tema) de um texto (ELWERT, 2021). Alguns desses métodos já são utilizados para organizar a grande quantidade de informação textual existente na internet, especialmente por ferramentas de buscas, mas também em outras aplicações e investigações acadêmicas. Esses métodos vêm sendo empregados nas ciências humanas, como nos estudos literários e, mais recentemente, no estudo das religiões. O presente trabalho busca fazer uma aplicação dessas metodologias ao estudo das relações internacionais e sua relação com o fenômeno religioso, oferecendo uma contribuição nesse campo.

A linguistically informed set of computational methods is today known under the term ‘corpus linguistics’. It can be characterized by two features. First, it aims at empirically studying language through the analysis of large text collections, or corpora. Second, it emphasizes comparably small linguistic units, e.g., frequent two-word and three-word combinations, in order to make statements about language use and language change. The detection of these linguistic patterns can be used in discourse analysis to identify dominant discourse patterns and shifts in them¹ (ELWERT, 2021, p. 166).

Frederik Elwert (2021, p.168) delinea alguns passos típicos na elaboração dessas análises computacionais na seguinte ordem:

1. Estabelecimento de um corpo de texto a ser analisado, disponível em forma digital.
2. Pré-processamento, que é a etapa de transformação do texto em um formato adequado para processamento pelo algoritmo. Geralmente esse passo demanda a eliminação de acentos gráficos e pontuação, transformação do texto em letras minúsculas, remoção de *stopwords*, além de *lematização* e *stemming*. Esses termos serão discutidos logo adiante.
3. Escolha dos parâmetros e tópicos de análise.
4. Usar o programa de análise.
5. Visualizar os resultados para mais análises.

¹ Um conjunto de métodos computacionais informados linguisticamente é conhecido atualmente pelo termo "linguística de corpus". Ele pode ser caracterizado por duas características. Primeiro, tem como objetivo estudar empiricamente a linguagem por meio da análise de grandes coleções de texto, ou corpora. Segundo, enfatiza unidades linguísticas comparativamente pequenas, como combinações frequentes de duas ou três palavras, a fim de fazer declarações sobre o uso e a mudança da linguagem. A detecção desses padrões linguísticos pode ser usada na análise do discurso para identificar padrões de discurso dominantes e mudanças neles.

6. Repetir os passos anteriores no caso de falhas no pré-processamento ou nos parâmetros.

O corpo de texto estudado foi uma compilação de todos os discursos de Bolsonaro disponíveis oficialmente na página www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos, que foram coletados e reunidos manualmente em um arquivo de Microsoft Word. No arquivo final gerado, sem pré-processamento algum, constam 1.986 páginas e 645.836 palavras.

Ainda no Word, foram excluídos elementos de catalogação como títulos, datas e localização dos discursos. Dado o extenso corpo textual, é possível que alguns elementos como datas e localização tenham permanecido no texto por engano, mas não atrapalham significativamente a análise. Foi tomado particular cuidado com localizações importantes para a dissertação como no caso de “Israel” ou “Jerusalém”, para evitar contagens viciadas pelo programa. Para tornar esse corpo adequado para análise pelo computador, foram eliminados os acentos gráficos, sinais de pontuação e todas as letras foram transformadas em minúsculas. Em seguida, o texto foi transferido para um arquivo no formato .txt para posterior análise.

Foi então desenvolvido um programa no software Spyder, um Ambiente de Desenvolvimento Integrado para a linguagem Python na sua versão 3.9. O desenvolvimento do programa foi tornado mais eficiente com o uso da Inteligência Artificial *ChatGPT*², da empresa *OpenAI*, que auxiliou na identificação dos programas, bibliotecas e ferramentas relevantes para elaboração do código fonte, acelerando significativamente o trabalho.

De maneira esquemática, o código fonte é um programa que executa os seguintes passos, na seguinte ordem:

- Ler o arquivo e pré-processar o texto, fazendo uma segunda remoção de caracteres desnecessários e transformando tudo em letras minúsculas por redundância.
- “Tokenizar” o texto, transformando as palavras em unidades distintas que podem ser trabalhadas pelo computador. Em seguida, remove as *stopwords* do texto, que são consideradas palavras irrelevantes e com

² Disponível em <https://chat.openai.com/>.

pouco valor semântico para um corpo de texto como, por exemplo, artigos e preposições³. Por fim, é feita uma contagem e cálculo da frequência que esses tokens aparecem ao longo do texto.

- Definida a lista de termos a serem estudados pela máquina, são executadas algumas funções que irão calcular: a frequência dos termos estudados no corpo de texto; e obter a matriz de co-ocorrência com uma janela de 15 palavras.
- Imprimir os resultados.

Algumas observações sobre o procedimento acima descrito são necessárias. Optou-se por não realizar os processos de *stemming* e *lemmatization* no corpo de texto. Esses dois processos visam simplificar a análise do material. No caso do *stemming*, faz-se uma redução automática das palavras aos seus radicais. Por exemplo, as palavras *gato*, *gata*, *gatos* se tornariam todos “gat”. Já no caso da *lematização*, as palavras são reduzidas à sua “forma canônica levando em conta sua classe gramatical” (SANTOS; PARDO, 202-?) como, por exemplo as palavras *estudando*, *estudioso* e *estudei* ficariam simplesmente “estudar”. Em testes preliminares, as ferramentas disponíveis para processar um texto em português se mostraram pouco eficazes e, possivelmente mais danosas para avaliação dos resultados. Como o interesse da presente pesquisa se deu mais em torno de substantivos específicos, em alguns poucos casos de adjetivos, optou-se por discretizar cada instância para evitar maiores dificuldades.

Em razão dos temas próprios da pesquisa, dos tópicos abordados na dissertação e de observações feitas ao longo da revisão bibliográfica, foi determinado um grupo de palavras consideradas relevantes (doravante palavras de interesse) para serem analisadas pelo programa. Elas são: *deus*, *jesus*, *israel*, *palestina*, *brasil*, *catar*, *saudita*, *emirados*, *bahreïn*, *jerusalem*, *judaico*, *judeu*, *judeus*, *cristao*, *cristaos*, *crista*, *cristas*, *palestino*, *biblia*, *pastor*, *padre*, *evangelico*, *catolico*, *tecnologia*, *desenvolvimento*, *agricultura*.⁴

A maior parte dessas palavras foi selecionada como forma de destacar os elementos religiosos nos discursos de Bolsonaro, especialmente aqueles ligados a Israel, ao judaísmo e ao cristianismo. Alguns países da região foram selecionados (Estados

³ Ver lista completa das *stopwords* utilizadas para o pré-processamento em Anexo D.

⁴ É importante observar que esse método de contagem bruta tem algumas limitações como, por exemplo, não diferenciar entre Israel como nome do país ou nome de pessoa, ou Catar como o nome do país ou verbo. No texto analisado, Bolsonaro sempre usa Israel como nome do país/território e Catar apenas 3 vezes como verbo.

Unidos⁵, Argentina, Arábia Saudita, Bahrein, Catar e Emirados Árabes) como forma de medir sua importância relativa, uma vez que foram mais visitados por Bolsonaro durante sua presidência do que Israel. Três palavras específicas – tecnologia, desenvolvimento e agricultura - foram selecionadas como tentativa de medir a relação delas com Israel para Bolsonaro, uma vez que este se referia ao país como exemplo de desenvolvimento e de tecnologia agrícola.

O primeiro resultado é uma amostra de 100 palavras, apresentando como ficou o texto após sua tokenização e pré-processamento. O resultado pode ser comparado com o texto original a seguir:

Excelentíssimo presidente do Congresso Nacional, senador Eunício Oliveira, Senhoras e senhores chefes de Estado, chefes de Governo, vice-chefes de Estado e vice-chefes de Governo, que me honram com suas presenças. Vice-presidente da República Federativa do Brasil, Hamilton Mourão, meu contemporâneo de Academia Militar de Agulhas Negras, Presidente da Câmara dos Deputados, prezado amigo e companheiro, deputado Rodrigo Maia, Ex-presidentes da República Federativa do Brasil, senhor José Sarney, senhor Fernando Collor de Mello, Presidente do Supremo Tribunal Federal, ministro Dias Toffoli, Senhoras e senhores ministros de Estado e comandantes das Forças aqui presentes, Procuradora-Geral da República, Raquel Dodge, Senhoras e senhores governadores, Senhoras e senhores senadores e deputados federais, Senhoras e senhores chefes de missões estrangeiras acreditados junto ao governo brasileiro, Minha querida esposa Michelle, daqui vizinha Ceilândia, Meus filhos e familiares aqui

Texto tokenizado e pré-processado:

['excelentissimo', 'presidente', 'congresso', 'nacional', 'senador', 'eunicio', 'oliveira', 'senhoras', 'senhores', 'chefes', 'estado', 'chefes', 'governo', 'vice', 'chefes', 'estado', 'vice', 'chefes', 'governo', 'honram', 'presenças', 'vice', 'presidente', 'republica', 'federativa', 'brasil', 'hamilton', 'mourao', 'contemporaneo', 'academia', 'militar', 'agulhas', 'negras', 'presidente',

⁵ No caso específico dos Estados Unidos da América, foram manualmente substituídas todas as instâncias de “Estados Unidos” e “Estados Unidos da América” por “eua” no arquivo a ser lido pelo programa, como forma de facilitar a contagem pelo computador. Portanto, onde se ler “eua” nas tabelas, no texto original ele pode estar se referindo a Estados Unidos, Estados Unidos da América ou, em alguns raros casos, a própria sigla eua como em “câmara do comércio brasil-eua”.

'camara', 'deputados', 'prezado', 'amigo', 'companheiro', 'deputado', 'rodrigo', 'maia', 'ex', 'presidentes', 'republica', 'federativa', 'brasil', 'senhor', 'jose', 'sarney', 'senhor', 'fernando', 'collor', 'mello', 'presidente', 'supremo', 'tribunal', 'federal', 'ministro', 'dias', 'toffoli', 'senhoras', 'senhores', 'ministros', 'estado', 'comandantes', 'forças', 'aqui', 'presentes', 'procuradora', 'geral', 'republica', 'raquel', 'dodge', 'senhoras', 'senhores', 'governadores', 'senhoras', 'senhores', 'senadores', 'deputados', 'federais', 'senhoras', 'senhores', 'chefes', 'missões', 'estrangeiras', 'acreditados', 'junto', 'governo', 'brasileiro', 'querida', 'esposa', 'michelle', 'daqui', 'vizinha', 'ceilandia', 'filhos', 'familiares', 'aqui']

Logo abaixo, sob *Word Frequency* foi impresso o número de *tokens* únicos gerados, contados em 20.832. Também é dado o número final de palavras no corpo de texto após pré-processamento, totalizando 346.361 e cerca de 53,6% da quantidade original. Em seguida, obtém-se uma lista das 20 palavras mais comuns no texto e o número de instâncias de cada uma. Como forma de conferir a confiabilidade dos resultados, foram selecionadas algumas dessas palavras para serem manualmente conferidas com os resultados da ferramenta de buscas do próprio editor de textos Microsoft Word. Os resultados foram iguais, demonstrando, portanto, que o programa estava executando adequadamente a tarefa.

Após a contagem das 20 palavras mais frequentes, fez-se a contagem de número de ocorrências das palavras de interesse. Essa contagem já mostra, por exemplo, que enquanto a palavra *israel* aparece 191 vezes, a palavra *palestina* – como já mencionado – não ocorre nenhuma vez, ilustrando as possibilidades de análise usando essa ferramenta. Por último, encontra-se a matriz de co-ocorrência, que gera uma matriz com o número de vezes em que duas palavras específicas ocorrem dentro de uma mesma janela de análise. No caso da presente matriz, escolheu-se uma janela de 15 palavras, valor escolhido por capturar melhor o contexto semântico. Essa janela significa que, ao escolher uma palavra qualquer, o programa irá conferir as 15 palavras anteriores a ela e contabilizar quando uma delas ocorrer em proximidade a uma outra palavra previamente escolhida. Por exemplo, podemos ver na matriz gerada que a palavra “tecnologia” ocorreu próxima à palavra “israel” um total de 14 vezes e, em proximidade à palavra “brasil”, um total de 57 vezes. Os resultados são discutidos com maior detalhe no corpo da dissertação. A matriz de co-ocorrência editada para facilitar a consulta se encontra no Apêndice A. O código-fonte completo do programa e os resultados brutos se encontram nos Apêndices

B e C respectivamente. A opção por um método de análise estatística computacional tem a vantagem de permitir alguma substanciação quantitativa ao que é estabelecido apenas com a leitura e a interpretação do corpo de textos estudados, ainda que se reconheçam algumas limitações e vieses do analista como, a escolha dos termos de análise, a seleção de *corpus* discursivo etc.

1.2 Mudanças na condução da política

Por fim, com base nos dados coletados na revisão bibliográfica e documental, foi feita uma avaliação das mudanças na condução da política externa com base no modelo de Gustavsson (1999) para análise de mudanças de política externa. O modelo adota a tipologia de Hermann (1990) para os diferentes tipos de mudança na política externa e se baseia na suposição que são os *decision-makers* individuais que percebem fatores de mudança. Assim, o processo de tomada de decisão segue o fator cognitivo do decisor, de forma que, uma vez que os ocorre uma mudança nas crenças, segue-se o esforço para efetuar uma mudança na política internacional através das estruturas institucionais existentes. Ainda de acordo com Hermann, é destacada também a importância da dependência que os líderes de um determinado regime têm do suporte de certos grupos de interesse eleitoral (*constituencies*) para legitimação e suporte.

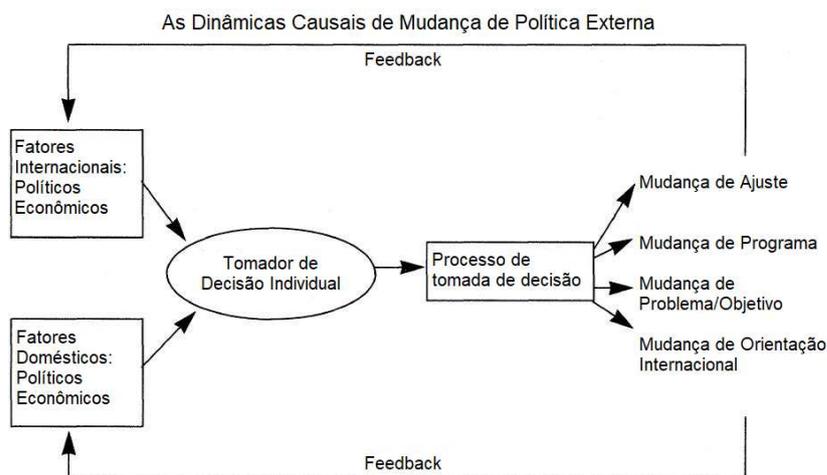
A tipologia de Hermann propõe quatro espécies de mudança:

- (1) Adjustment Changes. Changes occur in the level of effort (greater or lesser) and/or in the scope of recipients (such as refinement in the class of targets). What is done, how it is done, and the purposes for which it is done remain unchanged.
- (2) Program Changes. Changes are made in the methods or means by which the goal or problem is addressed. In contrast to adjustment changes, which tend to be quantitative, program changes are qualitative and involve new instruments of statecraft (such as the pursuit of a goal through diplomatic negotiation rather than military force). What is done and how it is done changes, but the purposes for which it is done remain unchanged.
- (3) Problem/Goal Changes. The initial problem or goal that the policy addresses is replaced or simply forfeited. In this foreign policy change, the purposes themselves are replaced.
- (4) International Orientation Changes. The most extreme form of foreign policy change involves the redirection of the actor's entire orientation

toward world affairs. In contrast to lesser forms of change that concern the actor's approach to a single issue or specific set of other actors, orientation change involves a basic shift in the actor's international role and activities. Not one policy but many are more or less simultaneously changed⁶ (HERMANN, 1990, p. 5-6).

A Figura 1 ilustra as três etapas do processo que levam aos tipos de mudança classificados por Hermann. A primeira compreende os fatores domésticos e internacionais, a segunda destaca os tomadores individuais de decisão e a terceira é o processo de tomada de decisão em si. Uma vez que a decisão é tomada, ocorre um processo de *feedback*, no qual os efeitos da política adotada são capazes de influenciar os fatores domésticos e internacionais, e que podem levar a uma nova etapa de mudanças da política internacional.

Figura 1 - Dinâmica Causal no modelo de Gustavsson



Fonte: Gustavsson(1990), tradução própria.

⁶ (1) Mudanças de Ajuste. Mudanças que ocorrem no nível do esforço (maior ou menor) e/ou no escopo dos recipientes (como um refinamento na classe dos alvos). O que é feito, como é feito e os propósitos para os quais é feito permanece inalterado. (2) Mudanças de Programa. Mudanças que são efetuadas nos métodos ou meios pelos quais o objetivo ou problema é abordado. Em contraste com as Mudanças de Ajuste, que tendem a ser quantitativa, mudanças de programa são qualitativas e envolvem novos instrumentos de estado (como a busca de um objetivo através da negociação diplomática ao invés de força militar). O que é feito e como é feito muda, mas os propósitos para os quais é feito permanecem inalterados. (3) Mudanças de Problema/Objetivo. O problema ou objetivo inicial que a política aborda é substituído ou simplesmente abandonado. Nessa mudança de política externa, os objetivos são substituídos. (4) Mudanças de Orientação Internacional. A forma mais extrema de mudança de política externa envolve a reorientação completa do ator em relação aos assuntos mundiais. Em contraste com as formas menores de mudança que dizem respeito à abordagem do ator em relação a uma única questão ou conjunto específico de outros atores, a mudança de orientação envolve uma mudança básica no papel e atividades internacionais do ator. Não é apenas uma política que muda, mas muitas mais ou menos simultaneamente.

Gustavsson admite que o modelo não tem capacidade de prever quando as mudanças irão ocorrer. Para tentar suprir essa deficiência, Gustavsson faz referência ao conceito de “janelas de políticas” (*policy windows*) de John Wells Kingdon, que se refere aos “momentos de oportunidade que podem ser usados para introduzir reformas.” É uma explicação que vai na contramão das abordagens racionalistas da política, que tendem a ver mudanças em políticas como processos de ajustes graduais às mudanças no ambiente e contexto. Essas janelas são impermanentes, de forma que uma situação favorável pode não durar por muito tempo, demandando que as alterações sejam feitas rapidamente se uma mudança efetiva for realmente desejada (Gustavsson, 1990).

Personagem central nessa abordagem é o “empreendedor de políticas” (*policy entrepreneur*) que é fortemente comprometido com alguma reforma específica e aguarda os episódios de mudanças nas relações políticas para inserir sua proposta no debate público. Paul Cairney (2015) elabora com mais detalhes o conceito:

For example, ‘policy entrepreneur’ is used by Kingdon (1984: 21; 104) to describe actors who use their knowledge of the process to further their own policy ends. They ‘lie in wait in and around government with their solutions at hand, waiting for problems to float by to which they can attach their solutions, waiting for a development in the political stream they can use to their advantage’ (Kingdon, 1984: 165–6). Entrepreneurs may be elected politicians, leaders of interest groups or merely unofficial spokespeople for particular causes. They are people with the knowledge, power, tenacity and luck to be able to exploit windows of opportunity and heightened levels of attention to policy problems to promote their ‘pet solutions’ to policymakers (see also Jones, 1994: 196 on their ability to reframe issues)⁷ (CAIRNEY, 2015).

Com esse arcabouço definido, foi possível, na Conclusão, discutir os achados da pesquisa de forma esquematizada, levando a uma maior clareza na categorização dos tipos de mudanças ou mesmo das permanências observadas ao longo do governo Bolsonaro em seu trato com o Estado de Israel.

⁷ Por exemplo, o termo “empreendedor de políticas” é usado por Kingdon para descrever atores que usam seu conhecimento do processo para avançar seus próprios objetivos políticos. Eles “ficam à espera dentro e ao redor do governo com suas soluções em mãos, aguardando problemas aparecerem para os quais possam aplicar suas soluções, aguardando um desenvolvimento no fluxo político que possam usar a seu favor”. Os empreendedores podem ser políticos eleitos, líderes de grupos de interesse ou simplesmente porta-vozes não oficiais de causas específicas. São pessoas com conhecimento, poder, tenacidade e sorte para aproveitar janelas de oportunidade e níveis elevados de atenção a problemas políticos, a fim de promover suas “soluções favoritas” junto aos formuladores de políticas (veja também Jones, 1994: 196 sobre sua capacidade de reformular questões).

2 UM PANORAMA SOBRE O TEMA DA RELIGIÃO NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

2.1 O choque da religião

O tema da religião merece maior atenção nas discussões de relações internacionais. Aquele que talvez seja o acontecimento geopolítico mais significativo do novo milênio até o momento, os atentados do 11 de setembro de 2001, complexo em causas como é, não pode ser, no entanto, dissociado da dimensão religiosa. Nos dramáticos eventos daquele dia e nas palavras das pessoas que realizaram o ataque, ficou claro que não se tratava de um gesto apenas geopolítico, mas também de dimensões profundamente religiosas. Em um discurso publicado em 7 de outubro de 2001, logo após os primeiros bombardeios ocidentais no Afeganistão, Osama Bin Laden inicia seu pronunciamento com a *Shahada* (profissão de fé muçulmana) e agradecendo a Deus pelo sucesso dos atentados. No breve discurso, Bin Laden delinea uma divisão do mundo em dois grupos bastante claros, os infiéis, liderados pelos Estados Unidos com a participação de Israel, e os muçulmanos, oprimidos pelo primeiro grupo em seu próprio território. Em dois momentos, Bin Laden faz uma referência à humilhação que o mundo muçulmano vem sofrendo há 80 anos (TEXT, 2001). De acordo com Bernard Lewis (2004), a menção pode ter sido enigmática para os ocidentais, mas para o público muçulmano, a referência era clara.

Com o fim da primeira guerra mundial, os territórios do chamado “mundo muçulmano”, até então liderado pelo Império Otomano, foram partilhados entre potências ocidentais nos conhecidos acordos Sykes-Picot⁸. Mais do que isso, porém, as transformações ocasionadas pelo fim da guerra significaram também o fim de uma instituição muito mais antiga e importante do que o próprio Império Otomano, uma que há mais de mil anos era tida como central no mundo muçulmano: o Califado. De acordo com a tradição, desde o profeta Mohammed, o Califa representa o soberano supremo da comunidade religiosa e política do Islã, responsável por manter a lei sagrada de Alá, criar as condições para o florescimento da comunidade muçulmana assim como proteger e expandir as fronteiras territoriais do Islã (LEWIS, 2000). Durante a história, a instituição do califado passou por diversas alterações, sérios conflitos internos, variáveis graus de autoridade e influência, mas foi sempre presente na visão de mundo muçulmana. Dada a

⁸ Tratado colonial secreto de 1916 entre França e Inglaterra que forma a base das fronteiras dos países do oriente médio ainda hoje.

importância histórica, sua abolição pelo governo da Turquia secular de Mustafa Kemal Atatürk em 1924 foi um evento traumático e é a ele que Bin Laden fez referência. A ausência de um Califa é algo que ainda é sentido no mundo muçulmano e Abu Bakr Al-Baghdadi⁹, líder do Estado Islâmico, foi apenas o último de vários a reclamar para si o título, em uma tentativa de restaurar a instituição.

Independentemente das ideias do Talibã e outros grupos representarem ou não uma visão coerente e unificada do Islã, ou da maneira que são mobilizados esses valores (SNOW; BYRD, 2007), os atentados do 11 de setembro e toda a consequente guerra ao terror reacenderam o interesse em uma dimensão dos eventos geopolíticos àquela altura relativamente negligenciada pela literatura de Relações Internacionais: a religião. Para os grupos extremistas, objetivos estratégicos geopolíticos e a motivação de seus agentes são frequentemente enquadradas em uma linguagem religiosa, com eventos políticos e sagrados convivendo lado a lado e se entrecendo no mesmo discurso e práxis e com maior alcance em razão da globalização (HAYNES, 2005).

2.2 Origens das atitudes contemporâneas à religião

Durante a década de 1990 foram publicados dois livros de impacto significativo a respeito das tendências políticas mundiais que deveriam se manifestar após a derrocada da União Soviética. Francis Fukuyama, em seu *The End of History and the Last Man*, argumenta de maneira otimista que:

As mankind approaches the end of the millennium, the twin crises of authoritarianism and socialist central planning have left only one competitor standing in the ring as an ideology of potentially universal validity: liberal democracy, the doctrine of individual freedom and popular sovereignty. Two hundred years after they first animated the French and American revolutions, the principles of liberty and equality have proven not just durable but resurgent.¹⁰
(FUKUYAMA, 1992, p. 42)

O tema geral do livro é o de que as grandes questões que a humanidade fazia sobre si mesma haviam sido, em grande medida, já respondidas pelas ideias de democracia

⁹ A escolha do nome Abu Bakr não é sem significado. Este é também o nome do primeiro Califa a suceder a Mohammed, de acordo com a tradição Sunita.

¹⁰ À medida que a humanidade se aproxima do fim do milênio, as duas crises do autoritarismo e do planejamento central socialista deixaram apenas um competidor em pé no ringue como uma ideologia de potencial validade universal: a democracia liberal, a doutrina da liberdade individual e da soberania popular. Duzentos anos depois de terem animado as revoluções francesa e americana, os princípios da liberdade e da igualdade se mostraram não apenas duráveis, mas também ressurgentes.

liberal e liberdade individual, restando apenas o seu gradual e inevitável avanço para além dos países ocidentais. Poucos anos mais tarde a publicação de outro livro explorava a possibilidade de que esse otimismo era precoce e que a tendência vislumbrada por Fukuyama precisava superar alguns obstáculos difíceis. Na segunda metade dos anos 1990, Samuel Huntington (1997), refletiu:

No final da década de 80, o mundo comunista desmoronou e o sistema internacional da Guerra Fria virou história passada. No mundo pós-Guerra Fria, as distinções mais importantes entre os povos não são ideológicas, políticas ou econômicas. Elas são culturais. Os povos e as nações estão tentando responder à pergunta mais elementar que os seres humanos podem encarar: quem somos nós. (HUNTINGTON, 1997, p. 20)

As diferenças culturais existentes ao redor do globo formariam, por sua vez, diferentes blocos de países com expectativas bastante diferentes e que gravitariam em torno dos aspectos singulares e constitutivos de suas respectivas formações históricas. Apesar da recepção relativamente pouco expressiva na época (ELLIOTT, 1996);(SEN,1999);(RUSSETT; ONEAL; COX, 2000), cerca de 25 anos após a publicação desses dois livros e das transformações globais ocasionadas pelo 11 de setembro, a polêmica persiste com a academia ainda longe de um consenso quanto aos méritos e deméritos dos dois autores. No entanto, observa-se em alguns países, um crescente processo de resgate de elementos culturais tradicionais como forma de afirmar uma identidade e rejeitar outras, algo que Huntington aparenta ter sugerido de maneira acertada em seu trabalho (ROSE, 2013).

Dada, portanto, a importância das distinções culturais nas relações internacionais e o papel das religiões na formação destas, por alguma razão, a discussão sobre o tema nem sempre teve tanta proeminência na literatura de Relações Internacionais (HAYNES, 2013). De forma bastante sucinta, a seguinte explicação pode ser avançada para essa omissão:

Much of public and academic discourse in the past decades was dominated by the so-called “secularization thesis”, claiming that modern societies would become more and more secular, while religion was retreating. The secularization thesis was reinforced by the post-Enlightenment proposition that religion belongs to the private sphere, while all matters of public, let alone global concern, ought to be treated as purely secular¹¹ (...) (SCHLISSER; KADAYIFCI-ORELLANA; KOLLONTAI, 2021, p.9-10).

¹¹ Grande parte do discurso público e acadêmico nas últimas décadas foi dominado pela chamada "tese da secularização", que alegava que as sociedades modernas se tornariam cada vez mais secularizadas, à medida que a religião recuava. A tese da secularização foi reforçada pela proposição pós-Iluminismo de que a

A ideia de secularização é uma que vem sendo debatida na academia há décadas, desde que Weber introduziu o termo em *A ética protestante e o espírito do capitalismo* no começo do século XX. Weber argumentava que, em contraste com o passado, a autoridade divina perdera credibilidade como geradora de conhecimento e ação social, sendo suplantada por considerações econômicas práticas. Os padres e monges teriam sido substituídos pelos economistas e cientistas para resolver os problemas mundiais. Gerou-se um debate na sociologia conhecido como “Tese da Secularização”, que buscava compreender em qual medida essa posição de Weber era justificada ou se a religião vinha mesmo perdendo espaço na sociedade (SWATOS JUNIOR; CHRISTIANO, 1999).

No entanto, uma revisão da literatura demonstra que as discussões caminham por vias que são bastante relacionadas à maneira que secularização é inicialmente definida. Hanson (1997), avaliando como o conceito é usado por diversos autores, argumenta ser possível enquadrar a ideia de secularização em duas abordagens distintas: uma ampla (*broad approach*) e uma restrita (*narrow approach*). A abordagem ampla considera a perda de importância da religião no nível de sistema social, enquanto a restrita considera se essa perda ocorreu no nível individual. O que a revisão dos debates aponta é que, independentemente da abordagem escolhida, observa-se a dependência do conceito de “religião” como necessário para definir secularização, como se este fosse o oposto daquele. De forma geral, a secularização seria o que sobra quando se subtrai a religião, seja das instituições e da cultura da sociedade, seja da vida interior e dos hábitos dos indivíduos, e há sempre uma interpelação entre as dimensões ampla e restrita.

A tendência a se observar uma oposição entre religião e sociedade, no entanto, não tem sua origem no trabalho de Weber e na sociologia contemporânea, e a progressiva aceitação dessa distinção encontra pontos importantes de contato com o próprio desenvolvimento da conceitualização do estado moderno. O seguinte resumo é bastante informativo:

The overall point is that nearly all countries officially organise both domestic and foreign policies according to ‘secular’ principles – that is, where religious beliefs do not significantly inform decision making. The widespread absence of religious ideas or principles in governments’ foreign policies is the result of a basic principle of international relations, established in Europe over 350 years ago, following the Peace of Westphalia (in today’s southern Germany) in 1648. (...) The result is that secularity became the dominant principle of international relations, with

religião pertence à esfera privada, enquanto todos os assuntos de preocupação pública, ainda mais preocupação global, deveriam ser tratados como puramente seculares (...)

the result that formerly powerful religious leaders were over time excluded from the public realm. The perceived superiority and desirability of secular power and authority over religion was made explicit, the key ideological and organisational principle, of both the American (1776) and the French Revolutions (1789). Over the next decades, all European states adopted the principle of the superiority of secular political power over that of religious authority. Spread to the rest of the world via European colonialism and imperialism in the eighteenth, nineteenth and early twentieth centuries, the outcome for international relations was that by the twentieth century, governments the world over pursued secular international relations¹² (HAYNES, 2013, p. 16-17).

O avanço da secularização - junto à redução da importância da religião na política e sociedade do mundo ocidental - é fruto de transformações profundas pela qual a Europa passava nos estertores da Idade Moderna e que mudariam radicalmente não apenas a maneira da humanidade se organizar politicamente como também de se relacionar intelectualmente com o conhecimento e o mundo natural.

Se convencionava dizer que a ciência moderna traça suas origens de desenvolvimentos intelectuais e culturais do final da Idade Média e do início do Renascimento, que resultariam na revolução científica que se seguiria nos séculos seguintes. A narrativa comum que explica esse processo é conhecida. Em termos gerais, é uma de abandono das mitologias e superstições que dominaram a Idade Média em prol da livre investigação, experimentação e valorização da razão, que romperiam definitivamente com a ignorância imposta pelas elites eclesiásticas de então e, ao resgatarem o conhecimento reprimido da antiguidade clássica, libertariam o espírito humano para descobrir as verdades da natureza, livre do dogmatismo religioso, marcando uma mudança radical e bem clara entre a era das trevas e a era das luzes. *E pur si muove!*

Esse mito, embora popular, revela uma interpretação não apenas limitada, mas essencialmente panfletária do processo histórico, condicionado por sensibilidades

¹² O ponto geral é que quase todos os países organizam, oficialmente, tanto as políticas domésticas quanto as políticas externas de acordo com princípios "seculares" - ou seja, onde as crenças religiosas não influenciam significativamente a tomada de decisões. A ausência generalizada de ideias ou princípios religiosos nas políticas externas dos governos é resultado de um princípio básico das relações internacionais, estabelecido na Europa há mais de 350 anos, após a Paz de Westfália (no sul da Alemanha atual) em 1648. (...) O resultado é que a secularidade se tornou o princípio dominante das relações internacionais, com o resultado de que líderes religiosos anteriormente poderosos foram excluídos, ao longo do tempo, da esfera pública. A superioridade e a deseabilidade percebidas do poder e da autoridade seculares sobre a religião foram tornadas explícitas, o princípio ideológico e organizacional chave tanto da Revolução Americana (1776) quanto da Revolução Francesa (1789). Nas décadas seguintes, todos os estados europeus adotaram o princípio da superioridade do poder político secular sobre a autoridade religiosa. Espalhado para o resto do mundo por meio do colonialismo e imperialismo europeus nos séculos XVIII, XIX e início do XX, o resultado para as relações internacionais foi que, no século XX, governos do mundo todo buscaram relações internacionais seculares.

retóricas de Petrarca – criador do rótulo “idade das trevas” - e objetivos intelectuais do Renascimento e Iluminismo (MOMMSEN, 1942). A transição do mundo medieval religioso para o mundo moderno secularizado (se uma distinção tão clara é realmente possível) não ocorre a partir de rupturas radicais. Muito longe de se tratar de um rompimento sísmico repentino, capaz de deslocar a terra do centro do universo, há cada vez mais atenção dedicada ao processo gradual e contínuo de acréscimo de conhecimento e mudanças de atitudes para com o mundo natural que podem ser traçadas centenas de anos antes do *Siècle des Lumières*. Pamela Smith, assim resume as tendências atuais nos estudos sobre as origens da ciência moderna:

It is difficult to recognize this history in the old history of the Scientific Revolution that was centered on the Copernican hypothesis, and which told a story of a change in theory. This account emerged out of the history of ideas, and it, of course, remains a part of the history of science, but we have come to realize that practices and materials — in other words, the engagement with the stuff of nature — has always been part of science, and that the history of science must be integrated with social history, economic history, art history, and the history of technology and medicine. Moreover, while changes in theories of the cosmos are, of course, exceedingly important in the long run, in the period from about 1400 to at least 1650, I believe the real story lies in changing attitudes to nature, to natural knowledge, and to knowledge making¹³ (SMITH, 2009).

Um tema importante nesse conjunto de mudanças, especialmente naquilo que diz respeito à natureza, se dá com relação à um antigo debate metafísico que pode ser traçado à Aristóteles. Uma das preocupações da filosofia pré-socrática é a questão da permanência e da mudança. Aristóteles, de maneira original, propõe uma solução para o problema com o conceito de potencialidades. A transição de potencialidade para atualidade (ou o estado final de um estado potencial) é possível por algo que *move* essa transformação, ou seja, sua causa. Para essa mudança de potencialidade para atualidade, Aristóteles dá o nome de Causa Eficiente. No entanto, descrever um fenômeno apenas por aquilo que explica sua transformação não oferece uma explicação completa e, portanto, Aristóteles introduz também a ideia de Causa Material, ou seja, aquilo que constitui materialmente o objeto

¹³ É difícil reconhecer essa história na antiga história da Revolução Científica, que se concentrava na hipótese copernicana e contava uma história de mudança na teoria. Essa conta emergiu da história das ideias e, é claro, ainda faz parte da história da ciência, mas agora entendemos que práticas e materiais - em outras palavras, o engajamento com as coisas da natureza - sempre fizeram parte da ciência, e que a história da ciência deve ser integrada à história social, econômica, da arte, da tecnologia e da medicina. Ademais, enquanto mudanças nas teorias do cosmos são, é claro, extremamente importantes a longo prazo, no período de cerca de 1400 até pelo menos 1650, acredito que a verdadeira história reside em mudanças de atitudes em relação à natureza, ao conhecimento natural e à produção do conhecimento.

estudado (por exemplo, o barro que forma o tijolo) e a Causa Formal, ou seja, aquilo que dá forma ao objeto em questão (a forma de um retângulo, para o tijolo, no caso). Há, porém, uma última causa, ou Causa Final, que corresponde ao propósito daquele fenômeno ou objeto. No caso do tijolo, o que o diferenciaria, por exemplo de alguma escultura de barro, seria seu destino à edificação de uma casa e, portanto, sua finalidade seria constitutiva de sua correta compreensão e explicação enquanto tijolo. Assim como a incompletude inerente ao potencial (MARMODORO, 2018), o aspecto da finalidade é de suma importância para Aristóteles, que discordava daqueles que chamava de *physiologoi*, que viam apenas, *ex necessitate*, na causa material, toda a explicação de um fenômeno:

The opponents whom Aristotle has in mind are the Presocratic natural philosophers (*physiologoi*) - especially Democritus, Empedocles, and Anaxagoras. He here homogenizes their views and attributes to them generally the thesis that natural phenomena result of necessity from the activities of the material elements: earth, air, fire, and water-referred to here as "the hot, ... the cold, and each of the things of this sort". I shall refer to this as "the thesis of necessity"¹⁴. (MEYER 1992 pg. 792)

A pluralidade de causas de um fenômeno, tida como elemento fundamental da cosmovisão clássica e medieval, no entanto, foi sendo gradualmente abandonada nas décadas que precedem a Renascença. Como observa David Bentley Hart (2013), o que se iniciou no fim da Idade Média como uma mera simplificação metodológica, de investigar as causas materiais e eficientes de determinado fenômeno – o que evitava algumas das dificuldades práticas de se “examinar” a finalidade ou forma do objeto em questão – gradualmente reduziu e, eventualmente, abandonou completamente a tarefa de considerar as outras duas causas (formal e final), assumindo-as uma relíquia metafísica desnecessária do passado, gerando as seguintes - e dramáticas - consequências:

(...), as was probably inevitable, the new anti-metaphysical method soon hypertrophied into a metaphysics of its own. Over the course of a very short time, relatively speaking (a few generations at most), the heuristic metaphor of a purely mechanical cosmos became a kind of ontology, a picture of reality as such. The reasons for this were many—scientific, social, ideological, even theological—but the result was fairly uniform: Western persons quickly acquired the habit of seeing the universe not

¹⁴ Os oponentes que Aristóteles tem em mente são os filósofos naturais pré-socráticos (*physiologoi*) - especialmente Demócrito, Empédocles e Anaxágoras. Ele aqui homogeneiza suas visões e geralmente atribui a eles a tese de que os fenômenos naturais resultam necessariamente das atividades dos elementos materiais: terra, ar, fogo e água - referidos aqui como "o quente, ... o frio e cada uma das coisas desse tipo". Eu chamarei isso de "a tese da necessidade".

simply as something that can be investigated according to a mechanistic paradigm, but as in fact a machine¹⁵. (HART, 2013 p.57)

Em outras palavras, o atomista Demócrito e os outros *physiologoi* venceram Aristóteles no Ocidente, e o paradigma mecanicista de um universo eternamente regido pela dinâmica impessoal de forças, matéria e energia, que, de um instante a outro interagem entre si de forma determinística, se consolidou como a metafísica definitiva da modernidade.

Essa suposição ontológica deu resultados inegáveis no campo das nascentes ciências naturais. O evidente sucesso metodológico científico, aliado à fragmentação religiosa da Europa moderna, logo contribuiu para mudanças importantes na produção de conhecimento no mundo ocidental que iriam além da mera observação do mundo natural:

Especially as the demonstrated power of applied scientific knowledge grew, the unresolved doctrinal disagreements within Western Christianity would eventually be marshalled alongside religious pluralism in general as evidence for the reclassification of all religion as a matter of belief and opinion, not as knowledge; as subjective, not objective; and as particular, not universal. In the midst of nineteenth-century positivism and naturalism in the sciences, theology would be deliberately exiled from research universities, with the study of religion installed in its stead as just one increasingly marginal discipline among all the rest that constituted secular knowledge making.¹⁶ (GREGORY, 2015, p.327)

É precisamente nesse momento histórico, em meio ao contexto cultural e intelectual da Europa do início da Idade Moderna - no qual a religião gradualmente perdia sua centralidade como legitimadora do conhecimento e da ação política - que é possível observar os primeiros passos de dois desenvolvimentos que impactam fundamentalmente

¹⁵ (...), como era provavelmente inevitável, o novo método anti-metafísico logo se hipertrofiou em uma metafísica própria. Ao longo de um tempo muito curto, relativamente falando (poucas gerações no máximo), a metáfora heurística de um cosmos puramente mecânico tornou-se uma espécie de ontologia, uma imagem da realidade como tal. As razões para isso foram muitas - científicas, sociais, ideológicas, até mesmo teológicas -, mas o resultado foi bastante uniforme: as pessoas ocidentais rapidamente adquiriram o hábito de ver o universo não apenas como algo que pode ser investigado de acordo com um paradigma mecanicista, mas como uma máquina.

¹⁶ Especialmente à medida que o poder demonstrado do conhecimento científico aplicado cresceu, as desavenças doutrinárias não resolvidas dentro do cristianismo ocidental eventualmente seriam usadas, juntamente com o pluralismo religioso em geral, como evidência para a reclassificação de todas as religiões como uma questão de crença e opinião, não como conhecimento; como subjetivas, não objetivas; e como particulares, não universais. No meio do positivismo e naturalismo nas ciências do século XIX, a teologia seria deliberadamente exilada das universidades, com o estudo da religião instalado em seu lugar apenas como uma disciplina cada vez mais marginal entre todas as outras que constituíam a produção de conhecimento secular.

as atitudes do ocidente com a religião e a política: o Estado Nacional Moderno e o Positivismo nas ciências humanas.

2.3 O estado nacional moderno

É das guerras de religião que vinham assolando o continente europeu desde a Reforma Protestante que se firma a Paz de Westfália, sendo este o momento tido pela literatura em Relações Internacionais como marco fundamental no desenvolvimento do sistema internacional (SCHMIDT, 2011). Embora hoje seja possível argumentar que sua importância no estabelecimento do conceito de soberania seja em grande parte uma construção de séculos posteriores, ainda assim, a Paz de Westfália se impõe como um importante marco no desenvolvimento da relação contemporânea entre religião e Estado. Dentre as disposições a respeito da religião na Europa que emergia da guerra dos 30 anos, estava a definição das diferentes religiões adotadas nos diferentes Estados: católicos permaneceriam católicos e, protestantes permaneceriam protestantes. A religião oficial de um Estado não mais poderia ser mudada pelo soberano e, também, os súditos não eram mais obrigados a adotarem a religião oficial (OSIANDER, 2003).

Ademais, questões religiosas no Sacro Império Romano seriam decididas em negociação pelos Estados reunidos nas Dietas. Após o longo período de guerra e morticínio inter-religioso da guerra dos 30 anos, os Países Baixos ensaiavam novos arranjos políticos domésticos que buscavam evitar um novo banho de sangue, e é nela que é ensaiada a ideia de uma sociedade promotora de tolerância religiosa, com católicos, protestantes e judeus convivendo pacificamente, deixando de lado velhas rivalidades religiosas para juntos poderem se dedicar a lucrativos empreendimentos comerciais ao redor do mundo (GREGORY, 2015). O projeto medieval de uma “cristandade¹⁷” se encontrava em ruínas, mas não o cristianismo. A disposição para avançar a religião

¹⁷ Para Greengrass (2014), *Cristandade*, de maneira sucinta, é o nome dado aos antigos territórios europeus sob domínio da religião cristã. Pode ser também caracterizada como uma comunidade com crenças comuns compartilhando símbolos e expectativas semelhantes. Ao longo da Idade Média, à medida que o ocidente latino se distanciava de um oriente grego em declínio, a ideia de cristandade foi se tornando cada vez mais associada ao poder político e espiritual de Roma e do papado. No entanto, em razão disso, à medida que o papado perdia sua autoridade moral com cismas e escândalos, também se degradava a credibilidade das antigas instituições da ordem medieval, culminando na reforma protestante e nos estágios iniciais da formação dos estados nacionais. Embora a religião, o cristianismo, continuasse a ser um elemento importante na era moderna, sua fragmentação e perda de autoridade foi gradualmente engendrando uma nova maneira de conceituar aquele espaço e comunidade, substituindo a ideia de cristandade por uma nova: Europa.

continuava forte na mente de lideranças católicas e protestantes que competiam entre si por novos conversos. Missionários eram treinados e peregrinos se aventuravam no Novo Mundo não somente para escapar de perseguições no Velho, mas para avançar o reino de Deus sobre *terra incognita*. Como sintetiza Greengrass (2014), a ideia de uma cristandade fora destruída, mas agora o cristianismo encontrava formas de se projetar.

No entanto, a perda de relevância do conceito de cristandade europeia dá origem a uma narrativa, não inteiramente justificada, sobre como, com a origem do Estado moderno, ocorre um rompimento com o imaginário profundamente religioso do mundo medieval em prol de uma organização da política com bases fundamentalmente racionais e seculares. Assume-se que a revolução intelectual e metafísica do início da era moderna, junto às monumentais transformações políticas e guerras que assolaram a Europa, tornaram as velhas referências ao sagrado e à divindade em documentos oficiais, teses políticas e rituais de estado que, ainda hoje, vez ou outra são encontrados, em acessórios virtualmente cosméticos, sem maiores implicações práticas que um respeito à forma e ao bom gosto simbólico (BRUCE, 2009). No entanto, o que se observa, na realidade, não é uma superação da metafísica religiosa medieval pela política, mas a deslocamento para uma conceituação política que se declara secular, preservando, porém, parte importante da essência daquela precedente, ou uma extensão da passada, a qual deve muito de sua existência (JUERGENSMEYER, 2008);(STRAYER, 1970);(TESCHKE, 2002).

O estado deixa de ser um epifenômeno político da história sagrada do mundo (essa sim a verdadeira história, diriam os medievais) para se tornar ele mesmo um fenômeno - por falta de expressão mais precisa - sagrado, que não é apenas um acidente contingente, fruto de forças materiais ou espirituais da humanidade, mas algo que existe além dela, que é fruto da razão, algo inevitável e inscrito nas leis ocultas da história, que transforma tudo o que o precede em apenas um longo prelúdio à verdadeira *história*¹⁸, até então escondida por camadas de ofuscação teológica. Assim, parte da complexa relação da sociologia contemporânea – inserida dentro do sentimento contemporâneo ocidental - com a religião pode ser compreendida sob a excelente observação de John Milbank (2006), que vale ser reproduzida aqui:

Received sociology altogether misses the positive institution of the

¹⁸ Essa tendência é particularmente visível, por exemplo, na historiografia Whig, ou na leitura marxista da dinâmica entre economia e política. Embora as duas partam de princípios e sejam direcionadas a objetivos completamente diferentes, ainda assim elas assumem um progresso natural e previsível da história inscrito em leis quer sejam naturais e econômicas, quer sejam espirituais (RESNICK; WOLFF, 1982) (WILSON; ASHPLANT, 1988).

secular, because it fully embraces the notion of humanism as the perennial destiny of the West and of human autonomous freedom as always gestating in the womb of 'Judeo-Christianity'. However, in this respect it is doomed to repeat the self-understanding of Christianity arrived at in late-medieval nominalism, the Protestant reformation and seventeenth-century Augustinianism, which completely privatized, spiritualized and transcendentalized the sacred, and concurrently reimagined nature, human action and society as a sphere of autonomous, sheerly formal power. Sociology projects this specific mutation in Christianity back to its origins and even to the Bible. It interprets the theological transformation at the inception of modernity as a genuine 'reformation' which fulfils the destiny of Christianity to let the spiritual be the spiritual, without public interference, and the public be the secular, without private prejudice¹⁹ (MILBANK, 2006, p. 9-10).

A redução da importância da religião, junto com afastamento da teologia como campo de investigação relevante é um fenômeno essencialmente recente e condicionado a suposições filosóficas e realidades históricas ocidentais. Isso também coincide com a consolidação de uma atitude de extrema valorização - predominância, na verdade - de paradigmas naturalistas na produção de conhecimento, que vão além dos diversos campos das ciências naturais²⁰ (SMITH, 2001). Ao longo do tempo, somaram-se tentativas genuínas de se submeter o estudo da sociedade e da humanidade à critérios, metodologias e pretensões semelhantes às das ciências naturais, com Stuart-Mill, Comte e Marx, cada um à sua maneira, alegando terem descoberto cientificamente a chave para explicar os padrões, repetições e a verdadeira natureza da sociedade, assim como prescrever remédios para suas deficiências: "a ciência como panaceia", nas palavras de Bailey e Eastman (1994). A essa tendência podemos atribuir o nome de Positivismo²¹, e que, de

¹⁹ A sociologia recebida incompreende completamente a instituição positiva do secular, pois abraça totalmente a noção de humanismo como o destino perene do Ocidente e a liberdade autônoma humana como sempre gestando no ventre do "judeu-cristianismo". No entanto, nesse aspecto, está condenada a repetir a autocompreensão do cristianismo atingida no nominalismo da Idade Média tardia, na Reforma Protestante e no agostinianismo do século XVII, que privatizaram, espiritualizaram e transcendentalizaram completamente o sagrado, e ao mesmo tempo reimaginaram a natureza, a ação humana e a sociedade como uma esfera de poder autônomo e puramente formal. A sociologia projeta essa mutação específica no cristianismo de volta às suas origens e até mesmo à Bíblia. Ela interpreta a transformação teológica no início da modernidade como uma verdadeira "reforma" que cumpre o destino do cristianismo de permitir que o espiritual seja o espiritual, sem interferência pública, e o público seja o secular, sem preconceitos privados.

²⁰ É curioso apontar que Quentin Smith (2001), quando escreveu o artigo, observava justamente no seu campo de estudo (filosofia) o processo inverso dessa tendência, uma perda do paradigma naturalista na disciplina, com crescente e significativo número de filósofos abertamente não-naturalistas.

²¹ O termo "Positivismo", como não poderia deixar de ser, é definido de maneiras diferentes por diferentes autores que tratam o tema. Por positivismo no presente trabalho, será empregada a caracterização que Mark Neufeld (1995) faz no texto citado logo adiante, uma vez que ela expressa com sucesso o sentido geral pretendido quando o termo é empregado atualmente. Porém, é importante destacar que um naturalista não precisa necessariamente estar comprometido com uma perspectiva positivista da ciência, como argumenta Keat (1971).

forma mais ou menos declarada, mais ou menos consciente, influenciou muito do pensamento no campo das humanidades, especialmente a partir do século XIX. Embora - como mostra o exemplo de Mill, Marx e Comte - o positivismo engendre conclusões radicalmente diferentes, é possível uma tentativa de condensar os seus aspectos mais gerais e, para tanto, será feito uso da caracterização de Mark Neufeld faz do positivismo e suas principais pressuposições epistemológicas:

To summarize, we have established that the logic of investigation of present-day positivism comprises three basic tenets: (i) truth as correspondence; (ii) the methodological unity of science; and (iii) the value-free nature of scientific knowledge. These three tenets rest, in turn, upon three basic assumptions: (i) the separation of subject and object; (ii) naturalism; and (iii) the separation of fact and value. Finally, we have established that these three tenets and their underlying assumptions are shared by positivist social scientists²² (NEUFELD, 1995, p.38).

Essa atitude para com o conhecimento permeia a produção de conhecimento nas Relações Internacionais. Nas ciências naturais, os objetos de estudo geralmente desfrutam da vantagem de serem mais facilmente delimitados, definidos e quantificáveis. O mesmo não pode ser dito do objeto de análise das relações internacionais. Estudar Estados, cooperação, paz e conflito é, essencialmente, um estudo de elementos sujeitos às idiossincrasias do comportamento humano (MESSNER; WEINLICH, 2015). Embora haja, ainda, um vestígio de positivismo na expectativa de que, por trás da aparente aleatoriedade imprevisível, ou da intencionalidade autorreflexiva dos seres humanos, haja - apenas aguardando ser descoberta - algum tipo de lógica interna oculta que a explique²³, ainda assim, é preciso dar conta dessa observável diferença para com o mundo ordenado e regular da metafísica mecanicista que informa a compreensão clássica da ciência natural. Uma vez reconhecida a importância e a dificuldade de definir precisamente os

²² Para resumir, estabelecemos que a lógica de investigação do positivismo contemporâneo engloba três princípios básicos: (i) a verdade como correspondência; (ii) a unidade metodológica da ciência; e (iii) a natureza isenta de valores do conhecimento científico. Esses três princípios dependem, por sua vez, em três pressupostos básicos: (i) a separação entre sujeito e objeto; (ii) o naturalismo; e (iii) a separação entre fato e valor. Por fim, estabelecemos que esses três princípios e seus pressupostos subjacentes são compartilhados pelos cientistas sociais positivistas.

²³ Com o advento da gigantesca quantidade de dados (*big data*) gerada todo dia pelas atividades virtuais dos seres humanos, aliado ao enorme poder computacional capaz de trabalhar esses dados, já é possível estudar padrões de comportamento em números antes impossíveis de indivíduos. As possibilidades disso já são aplicadas, por exemplo, no campo da psicologia e psiquiatria (MARKOWETZ; BŁASZKIEWICZ; MONTAG; SWITALA; SCHLAEPFER, 2014), e, especialmente no mercado e negócios (NUNAN; DOMENICO, 2013). As implicações dessas descobertas para a compreensão do comportamento humano ainda não são inteiramente conhecidas. Não obstante esse potencial, é ainda uma incógnita quais os benefícios dessa abordagem para a discussão sobre Teoria de Relações Internacionais, dada não somente a novidade da técnica como também a natureza dos dados existentes e se estes contribuiriam para tal investigação.

objetos de estudo das relações internacionais, a diferença para com as ciências naturais se torna evidente. Ao contrário das ciências naturais, é impossível, para “ciências humanas” limitar a definição de um fenômeno à meras causas materiais e eficientes. É necessário um retorno da metafísica nas ciências humanas. Como disse Solovyov sobre Comte, mas que pode ser extrapolado para o positivismo que ora discutimos:

The fundamental principle of positivism as a universal view consists in the exclusive recognition of relative phenomena and therefore in the rejection of any absolute view, either religious or philosophical. The sole basis of this rejection that is possible for positivism, namely Comte's law of three phases, proves to be completely groundless in this sense, for in no wise does it touch upon the proper content of religion and metaphysical philosophy. It is clear that positivism's claim to be the universal world-view is completely unfounded. Apart from this claim, positivism is reducible to a certain system of particular empirical sciences without universal significance. Thus, if positivists affirm this system of empirical sciences as the only true knowledge and deny any absolute religious and philosophical principle, this affirmation and denial are only a natural consequence of the inherent limitations of positivism²⁴. (SOLOVYOV, 1996, p.168)

Uma leitura puramente positivista da realidade fornece apenas um quadro parcial desta, limitando a apreensão de um fenômeno, ontologicamente compreendido, à apenas alguns de seus elementos constitutivos, isto é, aqueles ao alcance da metodologia positivista. Aspectos considerados “não-empíricos” como o propósito pretendido (ou causa final) de uma determinada política estatal (*policy*) ou mesmo do próprio Estado²⁵

²⁴ O princípio fundamental do positivismo como uma visão universal consiste no reconhecimento exclusivo de fenômenos relativos e, portanto, na rejeição de qualquer visão absoluta, seja ela religiosa ou filosófica. A única base possível para essa rejeição no positivismo, ou seja, a lei das três fases de Comte, acaba sendo completamente infundada nesse sentido, pois em nada se refere ao conteúdo próprio da religião e da filosofia metafísica. É evidente que a pretensão do positivismo de ser a visão de mundo universal é completamente infundada. Além dessa pretensão, o positivismo é reduzido a um certo sistema de ciências empíricas particulares sem significado universal. Assim, se os positivistas afirmam que esse sistema de ciências empíricas é o único conhecimento verdadeiro e negam qualquer princípio religioso e filosófico absoluto, essa afirmação e negação são apenas uma consequência natural das limitações inerentes ao positivismo.

²⁵ A ideia de que o Estado é fundamentalmente ligado a um propósito pode ser observada no pano de fundo de diversas discussões acadêmicas nas relações internacionais. Na discussão sobre regimes e normas internacionais, Finnemore e Sikkink (1998) destacam precisamente o caráter de *oughtness* (dever-ser) implícito nas normas que é detectado nas justificativas que estados dão para suas ações. Por exemplo, Eric Laps (1997), quando se pergunta se o Estado busca maximizar sua segurança através de poder relativo ou preservação do status quo atribuiu prerrogativas teleológicas ao Estado. Esse tipo de consideração, embora pareça de pouca consequência, marca a profunda diferença entre as questões próprias das ciências naturais e aquelas das ciências humanas. Sem uma visão clara de noções como o propósito de uma política ou da natureza do Estado, um trabalho como o de Laps não poderia ser mais do que descrição de eventos arbitrários, ou uma coleção de dados.

são necessários nas definições que, não apenas importam ao estudo das Relações Internacionais, mas que seriam impossíveis de outra maneira.

2.4 Religião no internacional como reação política e ontológica

Junto com o positivismo, a narrativa triunfalista da origem do estado moderno opera, com algum sucesso, o efeito de transformar o fenômeno religioso na política como algo superado e, no limite, irrelevante; uma questão essencialmente privada do indivíduo crente (GREGORY, 2015); (HAYNES, 2013); (MILBANK, 2006); (SCHLIESSER; KADAYIFCI-ORELLANA; KOLLONTAI, 2021). No entanto, a fricção nas fronteiras culturais entre as visões de mundo tradicionais, imersas no religioso, e aquela do mundo ocidental, secular e laica, mostra que a questão não é irrelevante. De fato, mesmo no mundo ocidental, onde esse antagonismo se acreditava essencialmente superado (com a clara vitória do secular), se observa de maneira bastante clara uma crescente tensão entre as duas visões de mundo, com grupos organizados em torno do objetivo de deslocar o laico de seu primado e resgatar a lógica religiosa no espaço político. Em alguns casos, esses grupos se aproveitam de estruturas deixadas por desenvolvimentos pós-religiosos importantes, como o próprio estado-nação:

Yet even though secular nationalism does not easily accommodate religion and religion does not accept the ideology of secular nationalism, religion can sometimes be hospitable to the institution of the nation state—albeit on religion’s terms. Religious activists are well aware that if a nation is based from the start on the premise of secular nationalism, religion is often made marginal to the political order. This outcome is especially unfortunate from many radical religious perspectives—including Jihadi militants, messianic Jewish Zionists, and Christian militias—because they regard the two ideologies as unequal: the religious one is far superior. Rather than starting with secular nationalism, they prefer to begin with religion.²⁶ (JUERGENSMEYER, 2008, p.35)

²⁶ Apesar de o nacionalismo secular não acomodar facilmente a religião e de a religião não aceitar a ideologia do nacionalismo secular, a religião às vezes pode ser hospitaleira à instituição do Estado-nação - embora em seus próprios termos. Os ativistas religiosos estão bem cientes de que, se uma nação é baseada desde o início na premissa do nacionalismo secular, a religião muitas vezes se torna marginal para a ordem política. Esse resultado é especialmente infeliz de muitas perspectivas religiosas radicais, incluindo

Juntas, essas questões apontam para a importância das ideias religiosas na arena da política doméstica e internacional. Embora não seja hoje excessivamente comum, ainda assim há casos de objetivos de política externa traçados sobre bases e justificativas religiosas cuja compreensão muitas vezes é limitada apenas pelo viés de uma lógica de cálculo de poder secularizada²⁷. (HAYNES, 2013). Ademais, em razão dos diferentes paradigmas e compreensões que as religiões têm do seu papel no mundo, não é possível garantir que a convivência entre umas e outras seja sempre harmoniosa, ou até mesmo possível.

Embora alguns sistemas religiosos permitam melhor acomodação e convivência com outras fés, a existência de algumas que reclamam para si o status de verdade incontestável, com implicações não somente espirituais, mas políticas - no *saeculum*, por assim dizer - permitem antever que uma lógica de antagonismo e anarquia pode não ser somente um acidente, mas parte constitutiva da ordem internacional (CERNY; PRICHARD, 2017). Ademais, a capacidade que religiões têm de mobilizarem grandes números de pessoas, de forma mais ou menos espontânea, implica no surgimento de organizações e instituições voltadas não somente à manutenção daquilo que diz respeito às hierarquias sacerdotais daquela fé específica, mas de grupos de interesse comprometidos com a promoção dos objetivos políticos dessa fé (AMMERMAN, 2003); (MANZA; WRIGHT, 2003). Exemplo dramático dessa característica são as células terroristas islâmicas, que justificam suas ações com racionalizações evidentemente religiosas, como mencionado anteriormente. No entanto, embora por outros meios, organizações missionárias do mundo cristão também podem ser empregadas como ferramentas de pressão política em regiões e organizações chave (BUSS; HERMAN, 2003), assim como monges organizados em nações de matriz religiosa budista são capazes de influenciar politicamente os rumos de suas respectivas nações (HARRIS, 2007).

Essa complexa rede de ideias religiosas e expectativas políticas gera grande variedade de atores relevantes. Algumas lógicas religiosas consideram o estado e o poder

militantes jihadistas, sionistas judeus messiânicos e milícias cristãs, pois consideram as duas ideologias como desiguais: a religiosa é muito superior. No lugar de começar com o nacionalismo secular, eles preferem começar com a religião.

²⁷ É difícil compreender eventos significativos como o terrorismo moderno, a separação entre Índia e Paquistão, a mudança de postura do Irã para com Israel após a revolução de 1978, o nacionalismo polonês, ou os conflitos nos Bálcãs, sem algum conhecimento dos elementos religiosos particulares de cada caso.

organizado secular como uma infeliz, mas necessária inconveniência, buscando formas de coexistência ou influência. Essa parece ser a norma em grande parte das nações ocidentais que ainda herdam aspectos de uma tradição religiosa cristã, e que coalesce em algo híbrido como uma religião civil, fornecendo um “denominador comum” em torno do qual certos valores e rituais elaborados ao longo da história são compartilhados pela sociedade (DEMERATH III, 2003). Outras, à sua maneira, consideram o moderno estado laico uma imposição estrangeira, ateia, fundamentalmente inimiga de suas tradições espirituais. Para essas, o objetivo é a superação ou absorção das estruturas do estado moderno por instituições e normas religiosas próprias de como o poder político deve ser exercido. Em alguns casos essa captura ocorreu, como no exemplo da revolução iraniana, que buscou fundir as funções de um moderno estado-nação com as expectativas próprias da tradição política islâmica (JUERGENSEMEYER, 2008).

Qualquer que seja o arranjo, é comum existir uma tensão entre as instituições do estado laico e as da religião, e os frutos dessa dinâmica são instituições que tentam transitar entre dois mundos, nem sempre com resultados positivos. Essa tensão pode ser observada entre atores nos mais diversos níveis. Instituições globais como a Igreja Católica Romana, em razão de seu *status sui generis*, por vezes transita nos mesmos espaços tradicionalmente entendidos como exclusivos de estados-nação (BYRNES, 2017). Já lideranças religiosas suficientemente carismáticas são capazes de acessar lideranças políticas estratégicas, como no caso do Pastor Billy Graham nos Estados Unidos (KING, 1997). As vias de influência e participação das forças religiosas é multifacetada o suficiente para desencorajar uma caracterização fácil das formas que a religião opera na dinâmica das relações internacionais. Sua atuação internacional pode se dar por meio de uma difusa consciência religiosa política da população de determinado estado, passando por lideranças influentes e organizações espontâneas de ativismo social, até um estado organizado e militarmente competente (HAYNES, 2009, 2013); (MANZA; WRIGHT, 2003); (SHANI, 2009); (WILLIAMS, 2003). Uma análise específica de cada caso sempre se faz necessária quando se deseja mobilizar a dimensão religiosa como elemento relevante nas relações e política internacional.

Apesar de os atores religiosos serem bastante distintos entre si, engendrando diversos objetivos e características próprias de atuação, pode-se, porém, generalizar de maneira operacional, que as religiões tendem a destacar o aspecto imutável e permanente de algumas verdades espirituais e morais que também se colocam como os maiores objetivos almejáveis; como o ideal definitivo.

We keep thinking we can do better. Religion is the institution of doing better *par excellence*. Sacred is the best you can get. What has come to be called "secularization" is the process by which societies in the experience of "modernization" have created competing institutions for doing better. Pluralism is not only competition among multiple historic religious traditions, but it is also competition between historical religious approaches to doing better and other systems of doing better.²⁸ (SWATOS JUNIOR; CHRISTIANO, 1999, p. 224-225)

Um corolário disso, porém, é que, além da competição entre as diferentes religiões globais, frequentemente há dificuldade, dentro de uma mesma tradição religiosa, para traduzir concretamente alguns desses preceitos, resultando em diferentes interpretações do que exatamente é esse ideal e de como articulá-los no mundo. Desde a época de Constantino, por exemplo, cristãos tentam fazer sentido do comando pacifista de “dar a outra face” *vis-à-vis* a necessidade de um estado distribuir punições para criminosos ou conduzir guerras defensivas e ofensivas, em um processo de desenvolvimento teológico, cultural e legal que levaria boa parte da Idade Média e ainda hoje suscita posições radicalmente diferentes por parte dos teólogos (FLORI, 2013). Algumas religiões se anunciam como referenciais absolutos, estáticos e atemporais, mas sua ação na história não é menos contraditória e paradoxal que aquelas observadas pelos atores na política secular. Dentro de uma mesma tradição, há divergências profundas de opinião entre os diferentes atores, que discordam quanto aos meios, modelos, objetivos e prioridades (MOHSENI; WILCOX, 2009).

No entanto, a religião se mostra como um aspecto que, embora no passado tenha se acreditado superada na política (e, por sua vez, nas Relações Internacionais), vem ganhando destaque tanto pela sua importância nas fronteiras culturais entre o mundo ocidental dito secular e aquela parte do mundo que se desenvolveu sob uma matriz cultural distinta, que não passou pelo mesmo grau de transformação que levou parte do ocidente a ligar a essência do Estado moderno ao positivismo e secularismo. Mesmo dentro do ocidente, há um sensível movimento de rejeição à essa concepção moderna de Estado, partindo de grupos religiosos - tradicionalistas ou não - que advogam um retorno a noções políticas mais alinhadas com expectativas próprias de movimentos religiosos.

²⁸ Continuamos pensando que podemos fazer melhor. A religião é a instituição que busca fazer melhor por excelência. O sagrado é o melhor que se pode ter. O que veio a ser chamado de "secularização" é o processo pelo qual as sociedades, na experiência de "modernização", criaram instituições concorrentes para fazer melhor. O pluralismo não é apenas a competição entre múltiplas tradições religiosas históricas, mas também a competição entre abordagens religiosas históricas para fazer melhor e outros sistemas de fazer melhor.

Esses fatores contribuem para que o tema da religião, em suas mais diversas faces, demande maior atenção por parte dos analistas de relações internacionais. Com as possibilidades oferecidas pela crítica ao positivismo e à centralidade do estado-nação a partir do Terceiro Grande Debate das Relações Internacionais²⁹, o estudo das religiões e, especialmente do seu conteúdo teológico e filosófico, pode encontrar um campo fértil para a análise das maneiras que essas doutrinas e crenças podem impactar as relações internacionais.

Exemplos disso podem ser mencionados. Jonathan Fox (2001) aponta exemplos de revoltas conduzidas por movimentos religiosos em países como Irã e Argélia, após crises de legitimidades em seus governos seculares. Destaca, também, como as lideranças responsáveis pela elaboração de políticas muitas vezes são pessoalmente religiosos, de forma que é provável que suas crenças influenciem suas ações ou legitimem suas escolhas no cenário internacional. Assim, a omissão desse fator tão importante é considerada uma deficiência na profissão de analista de Relações Internacionais que não deve ser ignorada. Já Pavlos Hatzopoulos e Fabio Petito (2003), argumentam que há um retorno da religião na política global; um retorno de seu “exílio westfaliano”. Como tal, a religião não apenas encontra um mundo mudado, mas também ela mesma sofreu mudanças ao longo desse exílio. Concomitantemente, essa readmissão da religião apresenta implicações relevantes para o próprio pensar das Teorias das Relações Internacionais, contendo o potencial de revolucionar essas teorias de forma comparável ao que ocorreu com o fim da Guerra Fria e o processo de Globalização. De fato, os autores ousadamente propõem a religião como uma forma de explorar um *ethos* global e uma universalidade para além do sistema de pensamento liberal e ocidental. Pedro Soares (2020) vê uma crise do secularismo, uma vez que a própria aplicação da concepção secular ocidental ao mundo mostrou suas limitações, de forma que o declarado distanciamento entre o religioso e a esfera civil não passa de um mito, com a religião tendo sempre estado presente. Mais que isso, a religião se mistura com todos os aspectos da sociedade, mesmo entre as estruturas institucionais do Estado que se proclama secular, tornando essencial sua compreensão.

Religiões não são fenômenos meramente privados. Elas motivam indivíduos a interpretarem o mundo de determinada forma e a agirem de maneiras condizentes com

²⁹ Se o Primeiro Debate pode ser resumido como uma busca pelo lugar da disciplina, o Segundo Debate, para alguns, como relata Kristensen (2015), é considerado como um debate entre metodologias tradicionais e modernas. No Terceiro Debate, porém, é introduzida uma dicotomia mais radical e significativa: aquela entre Positivistas e Pós-Positivistas.

essa interpretação. Essa é uma hipótese fundamental do presente trabalho, que busca explicar algumas das razões pelas quais se efetuou uma aparente mudança na orientação da política externa do Brasil para com o Estado de Israel durante o Governo Bolsonaro, em linha com expectativas de parte do eleitorado evangélico do ex-presidente. Partindo dessas observações gerais sobre a religião como um paradigma não-negligenciável das relações internacionais, busca-se explorar os efeitos dela no caso específico do Brasil recente. O crescimento significativo do número de evangélicos demanda um exame atento de suas crenças, valores e expectativas uma vez que impactam suas preferências nas urnas. Essas preferências podem ter consequências também para a condução da política externa, especialmente se esse grupo sente algum tipo de ligação especial com um país estrangeiro.

3 QUEM SÃO OS EVANGÉLICOS

3.1 Uma transformação demográfica

O Brasil passou por uma profunda transformação social nos últimos 30 anos. Quase que de maneira silenciosa, um pequeno grupo que antes representava cerca de 9% da população em 1991, saltou para mais de 22% em 2010 de acordo com dados do IBGE (MARIANI; DUCROQUET, 2017). Já os dados publicados pela Pesquisa Datafolha demonstram que esse crescimento não parou, com o percentual chegando aos 31% da população em 2020 (50%, 2020). Uma transformação social dessa magnitude em tão pouco tempo tem implicações que vão além de mera curiosidade estatística. Virtualmente um terço da população brasileira hoje se declara evangélica e, em razão de sua crescente importância, uma parte cada vez maior da academia tem dedicado atenção – quiçá tardia - aos impactos dessa parcela da população não somente no panorama religioso, mas cultural e político. Apenas para mencionar o exemplo mais conhecido dessa influência, aquela que é conhecida como “Bancada Evangélica” – ou Frente Parlamentar Evangélica (FPE) - no Congresso Nacional conta hoje com 196 deputados e 8 senadores³⁰ (BRASIL, 2019).

Há cada vez mais reconhecimento do impacto desse segmento religioso na sociedade brasileira, embora haja também certa confusão em torno do que realmente significa ser evangélico. Existem diversas denominações religiosas que são comumente classificadas como evangélicas, gerando considerável variação no emprego do termo. De acordo com pesquisa sobre religião no Brasil, publicada pelo Datafolha de dezembro de 2016, as denominações mais frequentemente citadas pelos entrevistados evangélicos estão relacionadas na figura 1:

³⁰ Em 2023, mesmo após a derrota de Bolsonaro nas urnas, a FPE contava com 220 deputados e 26 senadores (BRASIL, 2023).

Tabela 1- Evangélicos por denominação

Fonte: Datafolha, 2016.

É comum encontrar palavras como pentecostais, neopentecostais, evangélicos, protestantes e mesmo protestantes históricos usadas de maneira mais ou menos equivalente no discurso popular. No entanto, essas palavras guardam também diferenças de significado que, se não forem devidamente definidas, podem afetar um entendimento mais preciso desse grupo. Essas diferentes definições serão discutidas ao longo do presente capítulo com o objetivo de se propor uma conceituação útil para a discussão proposta pelo tema em mão.

Uma primeira dificuldade que surge quando se tenta enquadrar o fenômeno evangélico é a sua grande diversidade e descentralização. A Tabela 1, por exemplo, mostra diversas denominações diferentes que podem ser enquadradas como protestantes históricas, pentecostais, neopentecostais ou mesmo fora dessas categorias. O que se destaca imediatamente, porém, é que, das 10 denominações listadas por nome, apenas 3 (Batista, Adventista e Presbiteriana) não se consideram Pentecostais ou Neopentecostais. Essas três juntas não somam metade da primeira colocada, a Assembleia de Deus, uma igreja pentecostal. Reconhecendo essa discrepância, a mesma pesquisa do Datafolha discrimina as categorias de Evangélicos Pentecostais e não-Pentecostais, com os dados

de 2016 indicando significativa predominância daqueles (22% da população) sobre esses (cerca de 7%). A diferença nos números e a importância dos segmentos pentecostais no panorama religioso brasileiro demanda um grau de atenção especial às suas crenças e história, de forma a melhor esclarecer quem são, quais expectativas que esse grupo de igrejas têm espiritualmente e como isso afeta suas expectativas seculares e políticas. Para tanto, será feita uma breve recapitulação da história do cristianismo de forma a contextualizar o surgimento do segmento evangélico e sua subsequente difusão pelo Brasil.

3.2 Do Pentecostes ao pentecostalismo

O cristianismo surge no primeiro século como um movimento religioso na Judeia, centrado em torno da figura de Jesus, tido como messias esperado pelos Judeus. Ao longo de três séculos, o movimento se espalha pelo Império Romano e fora dele³¹, em meio a fases de tolerância e perseguição pelas autoridades imperiais. Com o Imperador Constantino, no quarto século, a religião então relativamente descentralizada e independente se torna a religião oficial e adquire características de instituição imperial, organizada de acordo com modelos romanos de administração. Bispos de cinco cidades importantes para a Igreja e para o Estado se tornam figuras que supervisionam questões eclesiais nas diferentes regiões do Império, em um arranjo que seria conhecido como Pentarquia. Na parte Ocidental, essa tarefa recai sobre o Bispo de Roma – ou Papa – que, por razões políticas e religiosas, irá se distanciar dos outros bispos ao longo da Idade Média, culminando no Grande Cisma de 1054. Daí em diante, a parte Ocidental da igreja se tornaria conhecida como a Igreja Católica Apostólica Romana, e a Oriental como Igreja Católica Ortodoxa³². Pelos próximos 500 anos, a Igreja Romana se tornaria a principal instituição religiosa da Europa Ocidental, influenciando e sendo influenciada, moldando e sendo moldada pela cultura, política e arte daquelas regiões sob sua influência. Ao longo desse período, a Igreja Romana, com sua hierarquia regimentada reforçará também a

³¹ O cristianismo se espalhou para muito além das fronteiras do Império Romano, atingindo a Índia, Mesopotâmia e chegando até mesmo à China, ainda no século VII como atesta a estela de Sian-fu. Esse cristianismo viria ser conhecido como Igreja do Oriente e, por se desviar em alguns pontos da teologia oficial das igrejas do Império Romano, veio a ser conhecida também como Igreja Nestoriana por se aproximar da cristologia do Bispo Nestório, condenada como heresia. Em razão do avanço do Islã, das conquistas mongóis e perseguição por imperadores chineses posteriores, os cristãos do Oriente foram sendo gradualmente reduzidos ao que hoje são pequenos enclaves étnico-religiosos (HART, 2013).

³² Vale mencionar que, antes da cisma de 1054, a Igreja passara por outra fragmentação importante quando uma grande parte da cristandade africana se separou da igreja imperial após divergências cristológicas (mas também culturais e políticas) que culminaram no concílio de Calcedônia de 451. Essas igrejas existem até hoje, com a Igreja Copta do Egito formando sua mais expressiva comunidade.

centralidade e importância de sua autoridade máxima: o Bispo de Roma, ou o Papa³³. Porém, certas práticas da Igreja viriam a ser questionadas por membros leigos, acadêmicos e sacerdotes, culminando em movimentos esporádicos de contestação no final da Idade Média que culminariam na Reforma Protestante. Evangélicos traçam suas raízes a esse grupo, que surge como uma contestação, entre outras coisas, à organização centralizada e hierarquizada da Igreja Romana (GREGORY, 2015); (HART, 2013); (SPYER, 2020); (VEYNE, 2014); (WARE, 2015).

Embora o protestantismo tenha surgido no Sacro Império Romano inicialmente apenas como uma proposta de revisão teológica e reforma das instituições religiosas existentes na Europa do século XVI, a resistência do clero em Roma às propostas do então monge Lutero rapidamente levaram a uma nova cisão, agora no cristianismo ocidental. Por razões sinceras da fé das autoridades existentes ou por circunstâncias politicamente vantajosas (ou mesmo ambas), o surgimento da possibilidade de maior independência da influência de Roma foi abraçado por principados e reinos o que, por sua vez, estabeleceu um precedente para o surgimento de ainda outros movimentos de contestação religiosa por toda a Europa. Em pouco tempo, o Sacro Império Romano se viu dividido religiosamente, com parte dos territórios mantendo a religião Católica tradicional e outra parte adotando igrejas protestantes sob controle dos príncipes que, em um processo de crescente controle institucional por parte do Estado, eventualmente se transformariam em igrejas nacionais. As diferenças teológicas ainda entre líderes da primeira geração de protestantes foi dando origem a novos movimentos com divergências que não se limitavam apenas às discordâncias sobre obscuras minúcias teológicas e espirituais, mas também de organização eclesiástica e social. Como mencionado, alguns desses movimentos conseguiram se estabelecer como igrejas protegidas e oficiais de certas cidades e reinados, tal como a Igreja Anglicana da Inglaterra, o movimento de Calvino em Genebra, e o de Zuínglio em Zurique. Já outros movimentos foram rapidamente suprimidos, como no caso da Rebelião de Münster, ou foram duramente perseguidos, por católicos e mesmo protestantes, sobrevivendo apenas como religiões toleradas em alguns territórios mais lenientes ou afastados como o que ocorreu, por exemplo, com os Anabatistas e Quakers. Com a miríade de novas denominações surgindo, apenas uma

³³A autoridade do Papa na Igreja Católica Romana é talvez um dos aspectos mais claros da doutrina Católica. De acordo com o catecismo romano o poder do Papa sobre a igreja é pleno, supremo, universal e pode ser exercido livremente: *Romanus enim Pontifex habet in Ecclesiam, (...) plenam, supremam et universalem potestatem, quam semper libere exercere valet.* (VATICANO, 1992).

certeza logo se estabeleceu: a unidade religiosa da Europa Ocidental estava encerrada. A precária cristandade medieval agora se encontrava fragmentada em dezenas de igrejas nacionais e centenas de movimentos independentes. A divisão não era apenas entre católicos e protestantes, mas também entre igrejas que diziam pertencer a uma mesma tradição como, por exemplo, as igrejas da Prússia e da Suécia que, embora nominalmente luteranas, eram instituições distintas sob controle direto dos respectivos reis (HART, 2013); (GREGORY, 2015).

Essa fragmentação religiosa, em concerto com as ambições territoriais dos nascentes estados-nação da Europa Moderna levaram à longos conflitos, com extraordinária mortalidade e destruição para todos os lados envolvidos. Os Países Baixos, esgotados pela violência constante das Guerras de Religião, por volta do século XVII, ensaiaram o primeiro projeto de liberdade religiosa moderna, com uma racionalização curiosa e pragmática para um estado ostensivamente cristão:

Well aware of Reformed Protestant militancy (which had played a crucial role in the success of the Dutch Revolt in the 1570s), the Republic's urban regents reckoned that installing Reformed ministers directly in place of ousted Catholic clergy was likely to hamper trade and the acquisitiveness that drove it. So with commercial rather than confessional priorities, they sanctioned the support of a privileged, Reformed Protestant public church, but without making it the compulsory state religion in a manner analogous to confessional regimes elsewhere³⁴ (GREGORY, 2015 p. 276).

O sucesso do experimento holandês, no entanto, não ficaria confinado à Europa. De forma mais ou menos dependente dos desenvolvimentos europeus, arranjos semelhantes de tolerância religiosa foram experimentados nas colônias inglesas na América, embora mais como um processo acidental do que como intenção por parte dos novos colonos. Povoada em grande medida por minorias religiosas perseguidas no velho mundo - muitas delas oriundas do fervor religioso associado à Guerra Civil Inglesa -, as leis das Colônias Americanas eram frequentemente elaboradas em torno das linhas confessionais dos primeiros migrantes a ocuparem o novo território. Esse foi o caso, por exemplo, dos Puritanos em Massachussetts, dos Quakers na Pennsylvania e dos Anglicanos na Virgínia. Cada uma das confissões que chegava ao novo mundo trazia

³⁴ Bem cientes da militância protestante reformada (que desempenhou um papel crucial no sucesso da Revolta Holandesa na década de 1570), os regentes urbanos da República concluíram que a instalação direta de ministros reformados no lugar do clero católico destituído provavelmente prejudicaria o comércio e a avidez que o impulsionava. Assim, com prioridades comerciais em vez de confessionais, eles sancionaram o apoio a uma igreja pública privilegiada e reformada, mas sem torná-la a religião estatal compulsória de maneira análoga a regimes confessionais em outros lugares.

consigo noções bastante particulares não apenas de teologia, mas também de como organizar a vida social e política. Com exceção de alguns casos notáveis de defesa da liberdade religiosa por princípio, como o de William Penn na Philadelphia e Roger Williams em Rhode Island, de maneira geral, porém, o espírito das diversas colônias não era um de tolerância universal, mas de manutenção da uniformidade religiosa dentro das fronteiras de seus respectivos territórios. Tanto Puritanos como Anglicanos eram unânimes quanto à necessidade de manter a uniformidade confessional dentro de suas respectivas áreas de influência, e episódios famosos de violência e perseguição religiosa como o de Anne Hutchinson³⁵ ou mesmo o das bruxas de Salem marcam a história dos Estados Unidos colonial (GREGORY, 2015); (MILLER, 1935).

Embora algumas colônias tenham obtido certo sucesso na imposição da uniformidade, outras, desde cedo, precisaram contender com a grande variedade de pessoas de diferentes confissões que se estabeleciam em seu território. Nas Carolinas, apesar do desejo dos governantes imporem a Igreja Anglicana como religião única, o grande número de colonos de outras denominações, e sua importância econômica na nascente sociedade, tornou impossível essa tarefa. Em Nova Iorque, a transferência do controle da colônia holandesa de Nova Amsterdã para a Inglaterra também apresentou desafios semelhantes ao entregar para a nova autoridade colonial um território até então acostumado com as políticas de tolerância importadas da antiga metrópole. Com o tempo, porém, a política de benevolência pragmática das Carolinas e de Nova Iorque foram gradualmente copiadas pelas outras - mesmo a austera e puritana Massachussets - de forma que, à altura da Declaração de Independência em 1776, uma atitude geral de tolerância ou de cinismo e indiferença às particularidades religiosas individuais era mais a norma que exceção. Com isso, a cristalização do princípio da separação entre Igreja e Estado logo na primeira emenda da constituição americana, acrescida da natureza volátil e cindível do protestantismo, permitiu no território dos Estados Unidos um fértil espaço para a experimentação religiosa a partir da combinação e influência mútua dos diversos grupos confessionais que lá se instalavam³⁶. O movimento evangélico e, principalmente, o pentecostalismo, tal qual se observa no Brasil, é fruto dessa experimentação (HART, 2013); (MILLER, 1935); (SOARES, 2021).

³⁵ Habitante da colônia de Boston, exilada em 1638 por suas convicções religiosas que geraram conflitos com as lideranças locais. Mais tarde esse episódio ficaria conhecido como a Controvérsia Antinomiana.

³⁶ É ilustrativo dessa característica americana o surgimento de denominações idiossincráticas como os Mórmons ou os Testemunhas de Jeová no século XIX.

3.3 Recristianizando o Brasil

O presente trabalho irá dispensar maior atenção ao pentecostalismo em razão do seu maior sucesso demográfico e impacto no Brasil contemporâneo. No entanto, embora formassem uma minoria no panorama religioso brasileiro até pouco tempo atrás, a história dos protestantes no Brasil é quase tão antiga quanto a do catolicismo e refletiu as dinâmicas políticas e religiosas da Europa nos últimos quatro séculos. A expedição francesa do cavaleiro Nicolas Durant de Villegagnon para fundar a colônia da França Antártica na baía de Guanabara, logo em seu primeiro ano se encontrou em apuros com as fugas de colonos que se casavam com índias tupinambás e os motins de marinheiros descontentes. Na tentativa de encontrar uma saída para a situação, escreveu uma carta pedindo conselhos a um antigo colega de colégio, João Calvino. Embora o reformador estivesse ausente quando a carta foi recebida, seus alunos a leram e alguns se animaram com a perspectiva de espalhar a fé reformada pelo continente recém-descoberto. Entre 1557-1558 huguenotes franceses começaram a se instalar no Brasil e um destes, Jean de Léry, escreveria um dos mais ricos relatos dos povos indígenas que habitavam a região naquele tempo. No entanto, a rigidez dos missionários protestantes, em comparação com a flexibilidade dos jesuítas, encontrou maior resistência da parte dos índios, o que frustrou profundamente os protestantes. Ademais, as diferenças teológicas com os colonos católicos logo fervilharam em conflitos internos semelhantes aos do Velho Mundo, condenando ao fracasso a tentativa francesa de se estabelecer permanentemente no Rio de Janeiro. (CALDEIRA, 2017); (SCHWARCZ; STARLING, 2018).

Um segundo experimento protestante ocorreu durante o Governo Holandês em Pernambuco, sob Maurício de Nassau, que implementou em seus domínios a já mencionada política de tolerância religiosa da metrópole, estabelecendo não apenas igrejas protestantes mas também a primeira sinagoga do Brasil. No entanto, as igrejas protestantes visavam mais a manutenção da fé dos colonos holandeses do que esforços sérios de proselitismo da população local e, com a reconquista de Pernambuco pelos portugueses alguns anos depois, esse projeto logo seria esquecido. O protestantismo só se estabeleceria definitivamente no Brasil após a chegada da família real, com a concessão de permissão em 1810 para o estabelecimento de igrejas anglicanas para atender os aliados ingleses e outros imigrantes, como os alemães luteranos. Esses primeiros protestantes traziam sua fé ao Novo Mundo e, na maior parte, se limitavam a praticá-la em seus próprios enclaves, fenômeno que ficou mais tarde conhecido como

protestantismo de imigração. Eram, no entanto, proibidos de criticarem publicamente a Igreja Católica ou de converterem novos membros.

A constituição de 1824 consagrava a Igreja Católica como religião do Estado, estendendo às outras apenas a “permissão” para culto doméstico em locais “sem forma exterior de templo”. Durante todo o império os limites da tolerância aos cultos protestantes seriam bastante disputados por conservadores e liberais, e somente com a separação entre Igreja e Estado, instituída com a República, é que o protestantismo teria plena liberdade legal no país. Junto ao final do Império e início da República, missionários protestantes predominantemente oriundos dos Estados Unidos, começaram a difundir pela sociedade brasileira suas crenças religiosas. Esses missionários trabalhavam ativamente para a conversão voluntária da população e estabeleceram as primeiras Igrejas Presbiterianas, Metodistas e Batistas no país. O protestantismo oriundo dessa forma de propagação ficou conhecido como *protestantismo missionário* e seu cristianismo de caráter eminentemente anglo-saxão e puritano, contrastava profundamente com o catolicismo ibérico já bastante influenciado por elementos indígenas e africanos então existente no Brasil (REINKE, 2018); (SANTOS, 2018).

O movimento pentecostal no Brasil também tem sua origem nos Estados Unidos e é resultante de diversas influências de origens distintas - especialmente das denominações protestantes consideradas históricas, como a Batista e Metodista - mas que, no entanto, concordavam quanto à centralidade da experiência sobrenatural em seus cultos, demonstrada pela realização de milagres e no fenômeno da glossolalia³⁷. De acordo com a teologia pentecostal, esses aspectos, embora historicamente ignorados tanto por católicos como protestantes anteriores, ainda são reais e seriam demonstração inequívoca de dons concedidos pelo Espírito Santo ao crente, confirmando que este recebeu um segundo batismo, não nas águas como no ritual tradicional de admissão ao cristianismo, mas espiritual: o batismo do Espírito Santo (SOARES, 2021).

Teólogos pentecostais identificam a origem do seu movimento e as justificativas para suas práticas nos acontecimentos sobrenaturais que são narrados no livro de Atos.

Ao chegar o dia de Pentecostes, encontravam-se todos juntos no mesmo lugar. E aconteceu subitamente um som [vindo] do céu como que transportado por um vento violento e encheu toda a casa onde estavam sentados; e apareceram-lhes línguas divididas como que de fogo e [cada

³⁷ Manifestação espontânea em frenesi religioso no qual o crente acredita estar pronunciando sílabas de uma linguagem revelada por Deus.

língua] pousou em cima de cada um deles; e ficaram todos cheios de um espírito santo e começaram a falar em outras línguas, tal como o espírito lhes concedia falar. Estavam residindo em Jerusalém judeus que eram homens piedosos, vindos de toda a nação das que há debaixo do céu. Tendo acontecido aquele ruído, a multidão reuniu-se e ficou confusa, porque cada um ouvia-os a falar na sua própria língua. Ficaram espantados e atônitos, dizendo: “Todos esses que estão falando não são galileus? Então como é que cada um de nós [os] ouve na nossa língua em que nascemos? (BÍBLIA, Atos, 2,1-8)

Esse episódio na tradição cristã é conhecido como o ponto inicial da igreja, ocorrendo na festa de Pentecostes³⁸ do calendário religioso judaico, de onde adquire o nome Pentecostal. Embora algumas manifestações de fervor religioso exibindo características semelhantes àquelas descritas em Atos tenham sido registradas ao longo da história e, especialmente no século XIX, aquela que talvez se destaque como catalisadora do pentecostalismo contemporâneo que veio a se instalar no Brasil é a da Igreja da Rua Azusa. Fundada por William Joseph Seymour em 1906, em Los Angeles, a pequena congregação se tornaria uma importante difusora das doutrinas pentecostais pelos Estados Unidos. Além das características teológicas, um aspecto marcante dessa pequena congregação era seu desafio às normas de raciais então em voga nos Estados Unidos. William Joseph Seymour era um pastor negro, que estudara a teologia pentecostal em uma escola na qual era obrigado a se sentar no corredor, em razão das leis de segregação em Houston, no Texas. O estilo de culto ruidoso, a mistura racial nas reuniões e um grau de interação entre gêneros na igreja de Seymour era considerada inapropriada e logo atraiu críticas e desprezo da parte de observadores contemporâneos. Foi por meio dessas críticas que o antigo professor de Seymour, Charles Fox Parham - também um importante nome na origem do movimento pentecostal moderno - ficou sabendo da fama da congregação em Los Angeles, e buscou conhecer pessoalmente a nascente igreja. No entanto, após sua visita, Parham fez coro com os críticos da congregação e repreendeu os líderes, desaprovando a inclusão racial da congregação e o estilo de culto. Apesar disso, o movimento prosperou e hoje tem assegurado seu lugar de destaque como o grande berço do movimento pentecostal moderno (BOWLER, 2010); (SOARES, 2021); (SYNAN, 2009).

O movimento atraiu William Howard Durham, um pastor de Chicago, que foi até a Rua Azusa e, influenciado pelo que viu, levou o movimento para sua cidade. Da

³⁸ Pentecostes é uma adaptação da palavra grega originalmente usada para designar o Shavuot, ou Festa das Semanas, do calendário religioso judaico que ocorre cinco semanas após a Páscoa.

congregação de Durham saíam diversos missionários pentecostais, dentre eles, os três pioneiros do pentecostalismo no Brasil: o italiano Luigi Francescon, que fundou a Congregação Cristã no Brasil, e os fundadores das Assembleias de Deus no Brasil, os suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren (BOWLER, 2010); (SOARES, 2021); (SYNAN, 2009).

Chegando ao Pará em 1910, a dupla de missionários pentecostais suecos encontrou um país ainda predominantemente Católico e bastante resistente ao protestantismo. No entanto obtiveram considerável êxito na disseminação da sua mensagem, que formaria o núcleo inicial da Assembleia de Deus, concentrado nas regiões Norte e Nordeste do país. Já em 1930 era criada a Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB), órgão máximo responsável por estruturar e manter certa unidade doutrinária entre as diferentes igrejas espalhadas pelo país que, ainda hoje, operam de forma bastante autônoma. Também em 1910, após passar pela Argentina, Luigi Francescon chegou ao Brasil e começou a difundir sua mensagem no Paraná e São Paulo entre as comunidades italianas. Como os suecos, também obteve sucesso e a Igreja formada pelos seus esforços é hoje conhecida como Congregação Cristã no Brasil. Assim, pode-se dizer que, inicialmente, o pentecostalismo no Brasil se espalhou pelo norte e nordeste na forma de Assembleia de Deus e pelo sul e sudeste através da Congregação Cristã. Essas duas denominações foram as principais expoentes do pentecostalismo no Brasil até por volta dos anos 1950 (MARIANO, 2014); (SOARES, 2021); (SPYER, 2020).

Uma segunda onda do pentecostalismo no Brasil se inicia nos anos 1950 com a introdução da Igreja do Evangelho Quadrangular por missionários americanos em São Paulo. Característica marcante dessa segunda onda que justifica sua diferenciação da anterior é a ênfase nas curas milagrosas, além de estratégias proselitistas mais abrangentes como os eventos de massa em estádios e teatros, e o amplo emprego do rádio para difusão da sua mensagem, algo que ainda hoje é evitado pela Congregação Cristã, por exemplo. Esses fatores não apenas ampliaram o alcance do pentecostalismo no Brasil, mas também a diversidade de denominações. Essas duas ondas refletem diferenças institucionais e de ênfase dada aos “dons do Espírito” – glossolalia na primeira onda, curas milagrosas na segunda – mas preservam uma considerável homogeneidade teológica entre si (MARIANO, 2014).

A terceira onda do pentecostalismo no Brasil é aquela que hoje se convencionou chamar de Neopentecostal. Em 1960, o pastor canadense Robert McAlister fundou a Igreja Nova Vida, da qual vieram muitas das práticas adotadas mais tarde pela Universal do Reino de Deus e da Internacional da Graça como, por exemplo, entrevistar “demônios”, combater as religiões de matriz africana, e a adoção da Teologia da Prosperidade. Foi nessa Igreja que Edir Macedo diz ter tido seu verdadeiro encontro espiritual, após tentativas com o catolicismo, espiritismo e umbanda (MARIANO, 2014). Mais tarde, junto com outros membros, se desligaria dessa comunidade para fundar a Igreja Cruzada do Caminho Eterno. Após disputas com outros fundadores pelo controle desta, fundou a Igreja Universal do Reino de Deus, junto com Romildo Ribeiro Soares (R. R. Soares) e Roberto Lopes. O estilo centralizador de Macedo logo levou à novos desentendimentos, resultando na saída de Romildo Soares, seu genro e posteriormente fundador da Igreja Internacional da Graça de Deus (seguindo os mesmos moldes da Universal), e de Roberto Lopes que retornou à Nova Vida. Embora exista certa divergência entre diferentes autores na forma de definir o neopentecostalismo, Ricardo Mariano (2014) detecta uma convergência na Igreja Universal do Reino de Deus como o tipo utilizado para sua caracterização uma vez que se trata da maior igreja Neopentecostal, e da mais controversa. O autor avança, portanto, os seguintes elementos fundamentais para se caracterizar uma igreja como neopentecostal:

Sobre as características do neopentecostalismo, destaco três aspectos fundamentais: 1) exacerbação da guerra espiritual contra o Diabo e seu séquito de anjos decaídos; 2) a pregação enfática da Teologia da Prosperidade; 3) liberalização dos estereotipados usos e costumes de santidade. Uma quarta característica importante, ressaltada por Oro (1992) é o fato de elas se estruturarem empresarialmente (MARIANO, 2014).

O neopentecostalismo enxerga o mundo como palco de uma guerra espiritual cósmica que se manifesta para além das práticas devocionais ou nas batalhas com demônios, espíritos e maldições. Essa guerra espiritual envolve também uma dimensão prática e secular de envolvimento político-partidário, com vistas para uma *recristianização* da sociedade ou, pelo menos, um resgate de valores cristãos considerados abandonados. Essa ideia é conhecida como Teologia do Domínio. De acordo com Garrard (2020) a Teologia do Domínio não é tanto uma teologia, mas uma ideologia e prática para um tipo específico de conservadorismo cristão, cujo objetivo é adotar uma mentalidade de ação cultural que resulte em ação política, ou politização da fé. Seus ativistas falam em “transformar”, “restaurar” e “redimir” a cultura e assim trazer

um “domínio” de Deus sobre a Terra e acelerar a segunda vinda de Cristo. As origens dessa ideologia remontam, por sua vez, ao pensamento do calvinista americano Rousas John Rushdoony com seu livro *The Institutes of Biblical Law* de 1973. Com esse livro, Rushdoony mesclou uma linguagem evangélica a um sentimento de rejeição dos “excessos” do Secularismo Liberal, que já era existente entre alguns conservadores americanos da época. Embora Rushdoony se considerasse um *Restauracionista*³⁹, e não um *Dominionista*, seu trabalho é a origem do que mais tarde se desenvolveria como Teologia da Dominação. Elementos fundamentais da Teologia da Dominação como a necessidade de se regular a sociedade com base em preceitos bíblicos e a seleção de lideranças alinhadas com esse propósito já estavam presentes no pensamento de Rushdoony. Um aspecto marcante de sua proposta, no entanto, é a centralidade dos Estados Unidos como instrumento da providência divina e a necessidade de sua reforma moral para atingir esses objetivos. Na América Latina, a Teologia da Dominação minimiza ou ignora essa ênfase no papel providencial dos Estados Unidos, mas concorda com a necessidade de maior alinhamento das políticas públicas com as leis morais bíblicas. Essa ideologia não é compartilhada por todos, ou mesmo pela maioria dos evangélicos, mas obteve considerável sucesso principalmente entre pentecostais (GARRARD, 2020).

A Teologia do Domínio também propaga a noção de que os males sociais estão associados a forças demoníacas que operam sobre uma região, seja em razão de algum antigo pacto satânico ou devoção sincrética à antigas deidades nativas e que, portanto, precisam ser exorcizadas por oração em uma “guerra espiritual”. Defensores da Teologia do Domínio são parte da *New Apostolic Reformation*, uma corrente pentecostal que não é uma denominação, mas uma rede informal de pessoas ligadas ou pela teologia ou por associações pessoais, e foram responsáveis por darem destaque à Teologia do Domínio no meio evangélico. Garrard (2020) lista Silas Malafaia e José Wellington Bezerra (líderes da Assembleia de Deus) como parte da *New Apostolic Reformation*, e caracteriza Edir Macedo como um “ardente dominionista” (*ardent Dominionist*) (GARRARD, 2020).

³⁹ O restauracionismo de Rushdoony alegava que os *founding fathers* dos Estados Unidos não tinham como objetivo criar uma nação realmente secular, mas sim uma nação regida por princípios bíblicos cristãos em todos os aspectos da vida pública, desde o direito e governança até questões raciais e educacionais. Seria, portanto, dever dos cristãos contemporâneos restaurarem os Estados Unidos a esse ideal. O restauracionismo é um predecessor da teologia do domínio e influencia algumas de suas crenças, como a necessidade de alinhar o estado aos valores cristãos, mas não são sinônimos (GARRARD, 2020).

Há também, diferentemente do asceticismo pessoal dos pentecostais de primeira e segunda onda, uma ênfase maior no engajamento com o mundo e no desfrute de alguns de seus prazeres, justificado pela Teologia da Prosperidade que, de maneira geral, argumenta que o destino do crente é ser saudável e materialmente próspero ainda neste mundo (MARIANO, 2014). A Teologia da Prosperidade é interpretada como uma forma de mágica mental (a tentativa de manipular forças sobrenaturais com a mente) embalada em uma linguagem cristã. De acordo com uma versão comum entre seus adeptos contemporâneos, Jesus morreu para salvar não apenas do pecado, mas também da pobreza. Uma fé correta seria capaz de acessar um poder que vai além da transformação espiritual, garantindo também a mudança no padrão financeiro do crente. Apesar de ter recebido esse nome apenas recentemente, suas raízes podem ser traçadas ao século XIX, no qual abundavam tentativas de se estabelecer uma relação entre uma correta disciplina mental (*positive thinking*) e resultados no mundo material. Essa crença ainda tem muitos adeptos nos Estados Unidos, como demonstrado por sucessos editoriais recentes como o livro *The Secret*, de Rhonda Byrne (2006), que derivam dessa origem comum com a Teologia da Prosperidade adotando, porém, uma linguagem menos carregada pela gramática religiosa cristã. Embora já existissem movimentos cristãos propagando alguma forma de relação entre uma fé inabalável e a manipulação do mundo natural, tais noções encontraram um solo fértil no nascente movimento pentecostal americano no começo do século XX. Eles se propagariam com maior intensidade nos anos do pós-Guerra e alcançariam as massas com televangelistas dos anos 1980, espalhando-se pelo mundo ao longo das décadas seguintes (BOWLER, 2010).

Bowler (2010) argumenta que a Teologia da Prosperidade é um movimento religioso popular que encontrou ressonância com diversas características profundamente arraigadas na imaginação americana (autodeterminação, otimismo, individualismo). É também uma teologia que se adequa bem a uma cultura tão profundamente voltada ao consumo e obtenção de bens, o que torna as promessas de afluência material atraentes, além de fornecer uma racionalização para o sucesso (ou fracasso) de um empreendimento comercial. Nas palavras de Bowler, “a Teologia da Prosperidade é tão americana quanto uma *apple pie* (2010, p. 243, tradução nossa)”.

Para isso, além de uma fé inabalável, o principal sacrifício que Deus exige dos crentes é a fidelidade no dízimo e generosidade nas ofertas para a igreja. Apesar de haver evidente influência das realidades e concepções locais, essas ideias teológicas difundidas

pelo meio neopentecostal podem traçar suas origens a pastores - como os grandes televangelistas e missionários americanos - e instituições acadêmicas protestantes dos Estados Unidos, como o *Fuller Theological Seminary*⁴⁰, por exemplo. Dado o grande sucesso do modelo da Universal, algumas Igrejas das ondas anteriores do pentecostalismo, passaram a adotar práticas distintivamente neopentecostais e mesmo alguns grupos desmembrados de denominações originalmente consideradas protestantes históricas têm incorporado aspectos pentecostais, ganhando a alcunha de Históricas Renovadas. No entanto, nem toda Igreja protestante ou pentecostal surgida após o sucesso da Universal pode ser considerada neopentecostal⁴¹. A diferença entre as igrejas pentecostais clássicas e as neopentecostais não é meramente cronológica, mas essencialmente teológica e de linhagem institucional, tornando necessário uma avaliação desses aspectos antes de seguramente classificar uma nova denominação como pertencente à categoria neopentecostal (MARIANO, 2014).

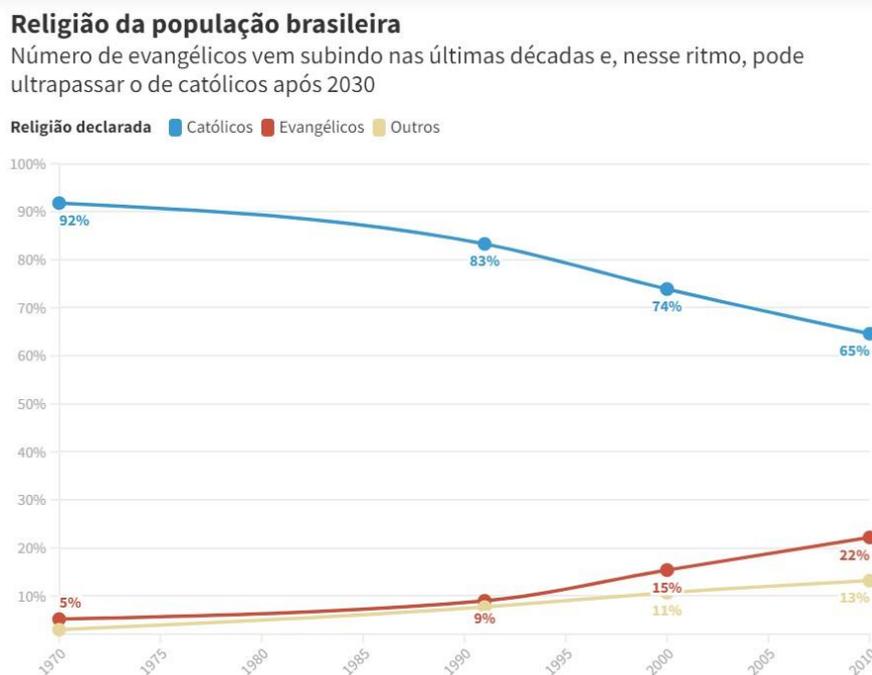
3.4 Quem são os evangélicos brasileiros?

Com esse breve histórico institucional e teológico, é necessário fazer algumas considerações sociológicas sobre a expansão do movimento evangélico no Brasil. Embora ainda seja o país com maior número de católicos no mundo, a tendência de crescimento evangélico concomitante à redução do catolicismo no Brasil, indica que, em meados de 2030, o número de evangélicos deve superar o de católicos.

⁴⁰ A Teologia da Prosperidade tem raízes intimamente ligadas à emergência da mídia religiosa. Charles R. Fuller, pioneiro da rádio-evangelização nos Estados Unidos, mais tarde fundaria o Fuller Theological Seminary (GARRARD, 2013). A instituição tem como missão ser uma instituição evangélica, interdenominacional e mundial voltada a providenciar educação para formação de lideranças cristãs em todos os lugares (FULLER, 2023).

⁴¹ É importante ressaltar que, apesar de alguma influência de práticas neopentecostais em outros segmentos do cristianismo evangélico, há certa vontade, por parte de algumas lideranças pentecostais, de distanciamento dos neopentecostais, seja por razões doutrinárias ou para se afastar dos frequentes escândalos associados às igrejas neopentecostais de maior vulto. Em seu breve capítulo dedicado ao neopentecostalismo, o pastor da Assembleia de Deus Esequias Soares (autor a quem este capítulo deve boa parte das informações históricas sobre o movimento pentecostal) declara, não sem um visível tom de condenação, que os líderes neopentecostais “(...) não têm o mesmo apreço pelas escrituras nem interesse pelo conhecimento bíblico. Não possuem um credo nem sequer um resumo doutrinário. Essa é uma diferença visível entre eles e a maioria dos pentecostais (SOARES, 2021, p.159)”.

Figura 2 - Evolução dos segmentos religiosos no Brasil em matéria disponível no site da Revista EXAME.



Fonte: RIVEIRA; LAGO, 2020

É possível perceber essa mudança já na média etária do católico brasileiro, que se encontra acima dos 40 anos, enquanto o protestantismo evangélico conta com membros mais jovens. Também é importante destacar como o movimento evangélico, mais especificamente os de vertente pentecostal, tem maior força entre as camadas populares, fazendo um notável eco às suas origens também populares nos Estados Unidos. Há razões particulares da história recente do Brasil para isso. O *boom* evangélico começa a ser percebido a partir dos anos 80, especialmente relacionado ao processo de transição do Brasil de país rural para país urbano. Milhares de migrantes nordestinos originalmente católicos, ao chegarem nos centros urbanos, frequentemente se encontravam em comunidades recém-criadas, sem uma paróquia estabelecida e sem as redes de apoio familiar das quais antes dependiam. Em razão da dificuldade de se abrir uma Igreja Católica (devido ao longo tempo de formação de novos padres e da burocracia eclesiástica), as necessidades religiosas dessa população passaram a ser atendidas pelas lideranças evangélicas, cujo modelo descentralizado de administração e menor rigor no treinamento de pastores, permitia um estabelecimento mais ágil nessas nascentes comunidades. Ademais, a Igreja Católica oferecia um discurso mais intelectualizado, favorecendo segmentos escolarizados e desconexo da experiência prática e religiosa, e

dos problemas quotidianos da população mais carente e vulnerável⁴². A natureza fractal do protestantismo permitiu rápida adaptação às realidades locais assim como os aspectos sobrenaturais (batismo do espírito santo, glossolalia, exorcismos etc.) do pentecostalismo se mostram atraentes para as sensibilidades espirituais das camadas populares. Em razão deste processo de formação, pode-se dizer, em uma simplificação estatística, que o evangélico brasileiro atualmente é mulher, se declara parda, ganha até dois salários-mínimos, tem até o ensino-médio e, em razão de um crescimento demográfico recente mais rápido do que no resto do país, é da região norte (BALLOUSSIER, 2020); (SPEYER, 2020).

No entanto, vale destacar outro efeito importante do movimento evangélico em meio as camadas populares, que é o de oferecer uma rede de amparo social nos lugares nos quais o estado não chega, assim como fornecer ao crente um senso de dignidade:

Uma questão largamente aceita por esses sociólogos e antropólogos que estudam o cristianismo no Brasil é que as famílias que adotam a fé evangélica melhoram suas condições socioeconômicas e seu reconhecimento no âmbito da cidadania. A expectativa de ter uma vida materialmente melhor ajuda a explicar por que pentecostais, que emergem principalmente de setores de baixa renda, são predominantemente urbanos, jovens, negros ou pardos, do sexo feminino ficam menos na escola e têm salários menores do que a média da população. Conforme vimos na parte anterior, é essa a população que encontra no cristianismo evangélico as certezas para sobreviverem em um mundo com muitas incertezas (SPEYER, 2020, p.79).

Apesar disso, porém, é um erro considerar que o fenômeno evangélico se limite apenas às camadas populares. De fato, seu alcance tem se estendido também para as classes médias e altas do país. Igrejas evangélicas são vistas desde a periferia até o centro das cidades e já são parte inquestionável da paisagem urbana brasileira. O modelo da Igreja Universal, ao afirmar o mundo e seus prazeres – justificados dentro do contexto de bênçãos recebidas na Teologia da Prosperidade – e relaxar a rigidez dos comportamentos modestos, vestuário simples e distanciamento do mundo, típicos das primeiras ondas do pentecostalismo, se mostrou uma alternativa atraente para desfavorecidos que almejavam uma legitimação de seus desejos pelos prazeres de uma vida de maior luxo, assim como para crentes já com melhores condições financeiras (MARIANO, 2014).

⁴² Alguns autores, como Geoffrey Pleyers (2020), por exemplo, adicionam a esses fatores como o enfraquecimento da Teologia da Libertação, por direção do Vaticano nos anos 1980, levou a uma gradual perda de espaço da Igreja Católica nas favelas e periferias das cidades brasileiras.

Esse foco maior dispensado à vida material por neopentecostais também influencia atitudes das lideranças das igrejas e dos membros diante da política partidária. Assim como a vida do crente se transforma na igreja, também o mundo deve ser transformado pela ação da igreja na política e nos negócios. Nem sempre foi assim, porém. Até meados dos anos 1970, os evangélicos tinham atuação política bastante tímida, refletindo o adágio comum à época de que “crente não se mete com política”. A partir da década seguinte, a postura começa a mudar, tendo como marco a publicação, em 1986, do livro *Irmão vota em irmão. Os evangélicos, a constituinte e a bíblia* de Josué Sylvestre, pertencente à Assembleia de Deus e então assessor do Senado: “Se queremos que Deus abençoe o nosso país, se queremos que o Brasil seja uma nação dinâmica, progressista, menos injusta, votemos em candidatos evangélicos de bom testemunho cristão, preparados e vocacionados para a vida pública” (SYLVESTRE, 1986, p. 38).

Componente fundamental do maior engajamento evangélico com a política à época foi a reabertura democrática e o temor diante da possibilidade de a Assembleia Constituinte restabelecer antigos privilégios à Igreja Católica, ou de possíveis ameaças à liberdade religiosa e valores cristãos por constituintes não-religiosos. Em razão da mobilização política, 32 candidatos evangélicos foram eleitos, consagrando a partir de então o princípio do “irmão vota em irmão” e iniciando uma gradual escalada no número de deputados evangélicos no congresso nacional (BARBALHO; BARBOZA, 2020).

Hoje, algumas igrejas contam com recursos significativos para influenciar politicamente a sociedade. A Igreja Universal do Reino de Deus, por exemplo, lança mão de um verdadeiro império midiático. A aquisição da TV Record, que hoje cobre cerca de 93% do território nacional e teve média de 5,2 pontos de audiência em 2018 permite à igreja grande capacidade de difusão da sua mensagem, ou das pautas que considera relevantes. Ademais, seu periódico semanal *Folha Universal*, circula cerca de “2,5 milhões de exemplares, mais que o dobro da revista *Veja*, considerada a maior do país (SPEYER, 2020, p.191)”.

Mas isso não se limita apenas à Universal. Outras igrejas, cientes do poder dos meios de comunicação em massa, detém fatias importantes de programação na televisão e nas rádios, como o *Show da Fé*, de R.R. Soares, além de empregar redes sociais para evangelização e propagação de sua mensagem, de forma que os meios de comunicação

se tornaram saturados desse tipo de conteúdo⁴³. Toda essa infraestrutura, além do contato direto com fiéis e as redes informais de influência entre os membros, permite que igrejas maiores consigam eleger representantes ligados aos seus interesses. Somado a isso, as igrejas com maior grau de centralização administrativa, como a Universal do Reino de Deus, além do apoio financeiro e midiático, conseguem também articular estrategicamente as candidaturas para cargos de seu interesse, apontando candidatos específicos em uma determinada região para evitar pulverização dos votos ou, a depender da conveniência, filiando-os a diferentes partidos - se beneficiando da falta de compromisso ideológico destes - para tirar proveito de quocientes eleitorais e maximizar as chances de vencer (DANTAS, 2011). Souza (2010) assim detalhou o processo:

O sucesso eleitoral da IURD decorre de um modo próprio de fazer política que ela adotou a partir de 1997 em âmbito nacional. Trata-se do modelo da “candidatura oficial”, cujo número de pleiteantes a cargos eletivos depende do chamado potencial eleitoral que a igreja dispõe. Antes das eleições, a IURD faz um levantamento regionalizado de seus adeptos que são eleitores. De posse desses dados, os bispos decidem quantos candidatos devem ser lançados em cada município ou estado, dependendo do tipo de eleição e do quociente eleitoral dos partidos. Depois de escolher os candidatos representantes da igreja, são usados cultos, concentrações massivas e a mídia própria iurdiana para fazer propaganda (SOUZA, 2010).

Em muitos casos, pastores de pequenas congregações locais percebem na carreira política uma forma de melhorarem seu padrão de vida e oferecer vantagens para si e para suas redes locais de apoio, geralmente no papel de vereadores⁴⁴. Embora traduzir esse sucesso eleitoral do âmbito dos cargos municipais para cargos federais seja difícil para a maioria dos pastores, para aqueles que detêm grandes canais de rádio e televisão, ou que conseguem se tornar famosos como cantores gospel ou televangelistas, as possibilidades aumentam significativamente. De fato, “pastor que atua na mídia” é um dos requisitos para a Igreja Universal lançar alguém como candidato, com algo semelhante sendo observado por parte da Assembleia de Deus⁴⁵ (WEISSENBERG, 2022). Embora haja

⁴³ De acordo com achados de Prata, Lopez e Campelo (2014), sem contar as rádios comunitárias e digitais, cerca de 40% das rádios brasileiras são vinculadas a grupos religiosos.

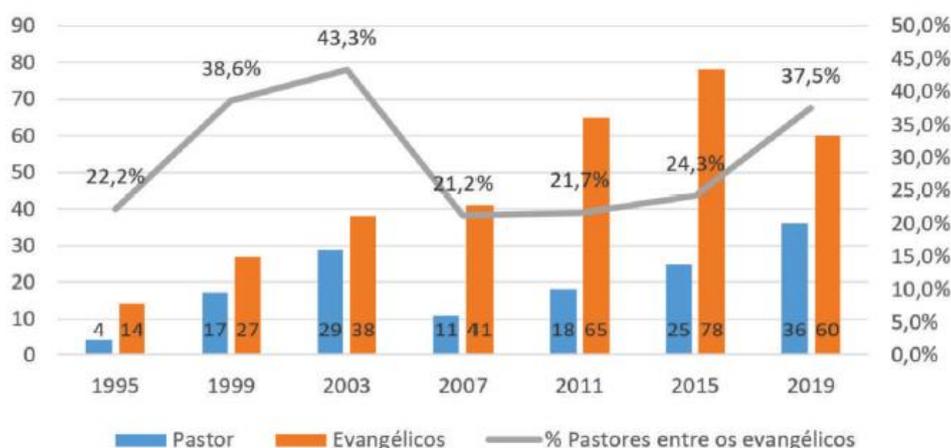
⁴⁴ Em matéria da revista Exame sobre as eleições municipais de 2020, foi detectado, em todo o país, um aumento de 34% no número de candidatos que utilizam a alcunha de pastores e pastoras no nome utilizado nas urnas. Das 11095 candidaturas explicitamente relacionados ao cristianismo, 4915 inscrições são ligadas ao cristianismo evangélico, montante que representa um crescimento de 26% em comparação aos 8783 constatados em 2016. Esse avanço veio especialmente representado no número de postulantes às Câmaras dos Vereadores nos municípios brasileiros (RIVEIRA; LAGO, 2020).

⁴⁵ O Apêndice E traz uma tabela, elaborada a partir de dados do DIAP (Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar), que detalha a atuação profissional de cada um dos deputados evangélicos eleitos em 2018.

uma possibilidade de interpretar esse anseio pela vida política apenas como uma manifestação pragmática de interesse próprio, defesa de privilégios fiscais e tributários para igrejas - algo que frequentes denúncias de corrupção envolvendo pastores demonstram ser seguramente uma motivação possível -, é necessário destacar que muitas dessas lideranças evangélicas enxergam a vida pública como uma extensão de sua atuação pastoral e seu sucesso nessa carreira como ainda outra manifestação da aprovação de Deus do seu ministério (PRANDI; SANTOS, 2017); (SPEYER, 2020).

A Figura 3 e a Tabela 2 refletem o aumento de evangélicos na Câmara Legislativa Federal e o número de pastores nesse grupo⁴⁶. Em um contexto Ocidental contemporâneo de laicidade e de reduzida capacidade da religião cristã estruturar a vida pública e a sociedade, a carreira política é vista como a forma de avançar uma visão social pautada nos princípios que esses religiosos defendem e que, no Brasil, ganharam o nome de pauta dos costumes (PRANDI; SANTOS, 2017); (SPEYER, 2020).

Figura 3 - Parcela de pastores na bancada evangélica
Relação Pastor x Evangélicos



Fonte: Barbalho; Barboza, 2020

⁴⁶ Observa-se um claro decréscimo no número de pastores entre 2003 e 2007. Essa redução se explica, em parte, pelos escândalos de corrupção do Mensalão e das Sanguessugas. Dos denunciados no Mensalão, 10 eram ligados à Assembleia de Deus e 14 à Universal. 14 dos 16 deputados federais da Igreja Universal estavam envolvidos com o escândalo das Sanguessugas. A imagem da Universal foi bastante afetada pelo caso, motivando um trabalho de resgate da imagem pública por parte da instituição, com a expulsão de Carlos Rodrigues da função de bispo da Universal. Por outro lado, o número absoluto de evangélicos continuou crescendo no período graças às denominações tradicionais, em especial a Igreja Batista, que elegeu 10 deputados a ela ligados (SANTOS, 2010).

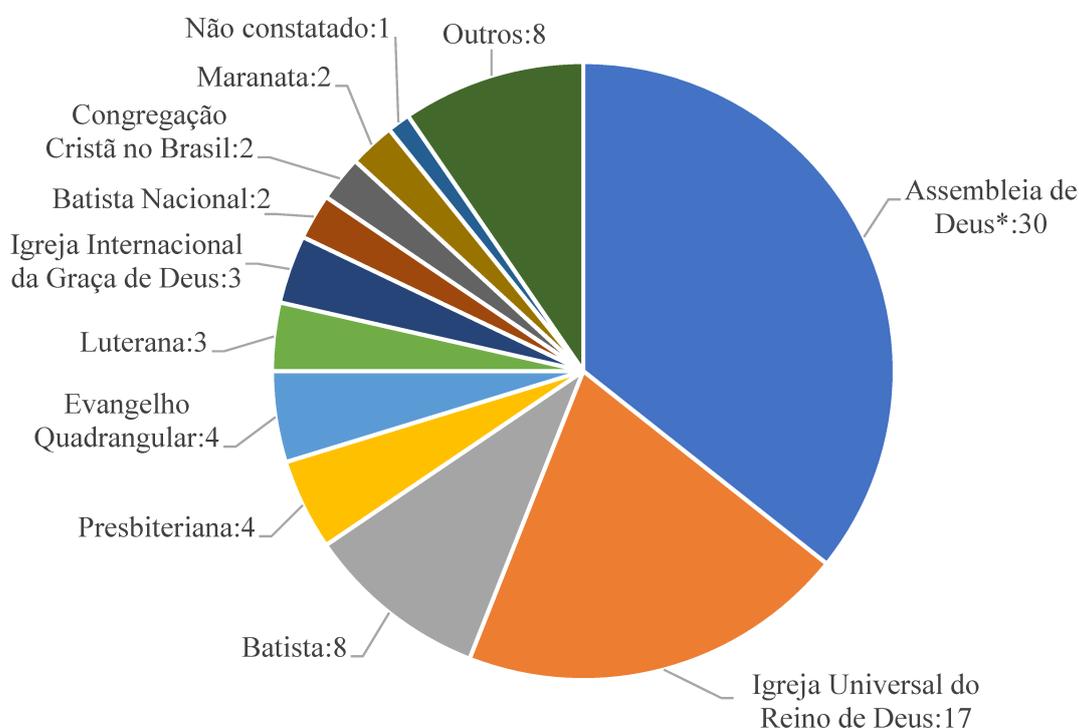
Tabela 2- Deputados por grupo em cada legislatura⁴⁷

Grupos/Anos	2007-2010	2011-2014	2015-2018	2019-2021
Fiéis IURD*	1	3	10	6
Fiéis AD**	4	14	19	15
Fiéis Históricas	7	19	16	18
Fiéis Outras Pentecostais	5	11	14	12
Clero IURD	3	4	5	11
Clero AD	5	8	10	15
Clero Históricas	2	3	2	1
Clero Outras Pentecostais	2	7	7	6
Total	29	69	83	84

* IURD – Igreja Universal do Reino de Deus

** AD – Assembleia de Deus

Fonte: Weissenberg, 2022

Figura 4 - Denominação dos membros evangélicos da Câmara (2019-2022)⁴⁸

* Igrejas de alguma maneira associadas à Assembleia de Deus foram contabilizadas como Assembleia de Deus

Fonte: Elaboração própria com dados de ELEIÇÕES, 2018.

⁴⁷ Há pequenas discrepâncias entre os dados da figura 3 e da tabela 2 em razão da metodologia dos autores. Weissenberg (2022) levantou seus dados a partir do DIAP, que só é feito no início da legislatura. Portanto, somente os deputados que iniciaram o mandato no começo da legislatura são contabilizados, de forma que eventual suplente evangélico que tenha assumido posteriormente, não é contabilizado. Ambos os dados fornecem visões complementares sobre o fenômeno e devem ser interpretados com as particularidades metodológicas dos autores em mente.

⁴⁸ Ver apêndice E para mais detalhes.

A Pauta dos Costumes é assim chamada em razão do seu foco em questões morais e comportamentais da sociedade, geralmente com viés mais conservador. Temas como aborto, direitos LGBTQIA+, oposição à educação sexual e à “educação ideológica” nas escolas, e uso de drogas recebem especial atenção por parte dos evangélicos que, por sua vez, é refletida nos representantes eleitos por esse segmento (BRANDÃO; CÂMARA; MONTEIRO, 2021); (DANTAS, 2011); (PRANDI; SANTOS, 2017); (SPEYER, 2020). Embora a atuação evangélica na câmara seja difusa, são os costumes a principal tônica desses deputados e deputadas nos últimos anos, e a pauta a que têm concentrado a maior parte de seus esforços. Prandi e Santos (2017), especificamente, classificam a atuação dos evangélicos como *reacionária* em razão de se qualificarem menos como atuação propositiva de políticas moralmente adequadas aos seus ideais, e mais como reação a iniciativas que consideram especialmente afrontosas. Quadros e Madeira (2018) concordam com essa natureza reativa da bancada evangélica, mas apontam também como ela representa no cenário político nacional uma ruptura com o paradigma da “direita envergonhada⁴⁹”, sinalizando um redesenho importante nas forças políticas em atuação no congresso nacional. Apesar disso, Barbalho e Barboza (2020) consideram que deputados evangélicos ainda não compõem a chamada elite parlamentar⁵⁰, indicando que a força de mobilização desses deputados ainda é pequena, sugerindo um descompasso entre a visibilidade e tamanho da bancada evangélica frente a sua real capacidade de influência.

3.5 Washington, Brasília e Jerusalém.

Assim como os evangélicos têm uma visão própria de como a sociedade local e o Brasil devem ser dentro de um contexto cristão, também é esperado que essa visão extrapole fronteiras nacionais e influencie a interpretação e as expectativas que os crentes têm dos eventos internacionais. Certas correntes evangélicas nos Estados Unidos imputam ao país um papel importante nos planos da providência divina para a Terra. No entanto, não é somente os Estados Unidos que capturam a atenção de evangélicos de lá,

⁴⁹ Chama-se de “direita envergonhada” o fenômeno político observado nos anos iniciais da República de 1988, no qual lideranças políticas relutavam em se identificarem como pertencentes à direita em razão da conotação negativa com os anos do regime militar. A passagem de tempo ocasionou o surgimento de lideranças políticas desvinculadas do regime militar e, portanto, sem o estigma associado a ele, de forma que posições de *direita*, principalmente, no que diz respeito à moral, vêm ganhando novo espaço nas discussões políticas nacionais. As bancadas evangélica e da bala seriam a ponta de lança dessa mudança.

⁵⁰ Elite parlamentar, de acordo com a definição trabalhada por Barbalho e Barboza (2020) é o nome dado aos parlamentares que se destacam dos demais pelas habilidades, prestígio e posições que ocupam, dando a eles a capacidade de coordenar e decidir pelos demais colegas.

mas também o Estado de Israel contemporâneo. Esse fenômeno já vem sendo estudado nos Estados Unidos há alguns anos (HAIJA, 2006); (STOCKTON, 1987) e é chamado de Sionismo Cristão. Stephen Spector define como “cristãos cuja fé, frequentemente em concerto com outras convicções, emoções e experiências os levam a apoiar o moderno Estado de Israel como a pátria judaica” (SPECTOR, 2009, p. 3, tradução nossa). Uma vez que o movimento evangélico brasileiro é profundamente influenciado pela cultura evangélica dos Estados Unidos, uma breve revisão da literatura existente a respeito das atitudes e atuação dos crentes americanos no que diz respeito a política externa daquele país serve como importante ponto de partida para explorar as semelhanças e diferenças observadas no Brasil.

Como Spector sugere, o sionismo cristão pode ter várias causas distintas que, não obstante, resultam em um apoio ao Estado de Israel. Uma das justificativas populares entre os evangélicos americanos traça suas origens à uma interpretação específica do livro do Apocalipse que resulta em uma teologia conhecida como Dispensacionalismo Pré-milenista. Essa teologia foi elaborada na metade do século XIX por um antigo padre da Igreja Anglicana na Irlanda chamado John Nelson Darby. Sua leitura e interpretação das profecias bíblicas o levaram a conceber a história como dividida em diferentes épocas – ou dispensações – com funções distintas no plano de Deus para a humanidade. Muitos evangélicos nos Estados Unidos acreditam que são 7 dispensações. Cyrus Ignatius Scofield, que muito ajudou a disseminar as ideias de Darby no início do século XIX com sua (ainda) popular Bíblia de Estudos Scofield, assim as define: Era da Inocência; Era da Consciência; Era do Governo Humano; Era Abraâmica; Era da Lei Mosaica; a Era da Igreja, na qual estaríamos vivendo nos dias de hoje; e finalmente na Era do Reino, que seria o tempo do fim e do estabelecimento do Reino de Deus. O complemento “pré-milenista” se deve ao fato de Darby ter considerado que eventos catastróficos do Apocalipse ocorreriam antes de um futuro reinado de mil anos por Cristo na Terra. Nesse complicado e extravagante esquema interpretativo, os crentes serão *arrebatados*, ou levados, ao céu (daí Arrebatamento) enquanto não-crentes permaneceriam na Terra. Durante sete anos⁵¹ o anticristo reinará na Terra, um período repleto de dor e sofrimento para os que ficarem. Nesse meio tempo, porém, os judeus irão reconstruir o Templo com o aval do anticristo, mas serão finalmente traídos por ele, que banirá rituais judaicos e

⁵¹ O esquema de Darby não era inteiramente original, adotando e misturando várias ideias já existentes no imaginário cristão e protestante. Dois aspectos distintivos de sua concepção, no entanto, são o arrebatamento ocorreria antes da tribulação de 7 anos e o papel profético dos judeus nos últimos tempos.

demandará adoração exclusiva. O anticristo então irá liderar exércitos contra Israel, o que eventualmente levará um terço dos judeus a se converterem ao cristianismo e o resto a perecer. Por fim, Jesus retornará com os arrebatados para travar a batalha do Armagedon, derrotar Satanás e estabelecer seu Reino de mil anos na Terra. Ao cabo desse período, Satanás será solto e tentará nova rebelião contra Deus - que será derrotada - e levará aos eventos finais da ressurreição dos mortos, julgamento final e a criação de um novo céu e nova terra (HARDING, 2001)(STOCKTON, 1987)(SPECTOR, 2009).

As ideias de Darby encontraram terreno fértil no protestantismo dos Estados Unidos. Sua interpretação literalista da Bíblia foi recebida com entusiasmo por evangélicos em um período no qual a nascente teologia liberal e as técnicas de crítica textual começavam a questionar a ideia de que a Bíblia era a palavra literal de Deus. O dispensacionalismo premilenista se difundiu por meio de institutos e conferências bíblicas, e Cyrus Scofield ajudou a popularizar a ideia ao inserir a teologia de Darby em comentários e suplementos na sua edição da Bíblia. À altura da Primeira Guerra Mundial, o Dispensacionalismo já era bastante popular entre pentecostais e fundamentalistas bíblicos, de tal forma que hoje é adotado por cerca de 5 milhões de evangélicos nos Estados Unidos (SPECTOR, 2009).

O que é característico nesse sistema, porém, é a centralidade de Israel nos eventos finais. Sem um Estado Judeu, nenhuma das profecias subsequentes podem se cumprir, gerando especial atenção aos eventos políticos e religiosos em Israel por parte de alguns protestantes. Antes mesmo de Theodor Herzl (1860-1904) – motivado principalmente pelo antissemitismo em torno do caso Alfred Dreyfus - dar os primeiros passos do movimento Sionista contemporâneo⁵², uma expectativa de retorno dos judeus à Terra Santa já se propagava no meio evangélico por meio de pessoas como Darby. É por essa razão que a independência de Israel em 1948 – e todos os eventos políticos relevantes

⁵² O Sionismo Cristão não é um fenômeno do século XIX apenas. Embora a tradição cristã Católica e Ortodoxa tenham visto as profecias bíblicas referentes a Israel como figurativas para a - e direcionadas à - Igreja. A ideia de que Israel foi substituído pela Igreja é chamada de *replacement theology* e rejeitada pelos sionistas evangélicos. A ruptura com essa interpretação consagrada pela patrística levou exegetas protestantes a reinterpretarem as antigas profecias como ainda válidas para Israel e seu povo. Na Inglaterra, por exemplo, crenças sobre o tempo do fim esboçam traços de Sionismo Cristão já com Frances Kett, um clérigo de 1585, clamando pelo retorno dos judeus à palestina. Sir Isaac Newton, profundamente interessado no papel do judaísmo nas profecias do apocalipse, era também um premilenista e ardente defensor do retorno dos judeus aos territórios dos antigos reinos de Judá e Israel. Nos Estados Unidos, ainda antes da Guerra Civil, um professor de Hebraico na Universidade de New York, chamado George Bush (ancestral direto dos dois presidentes americanos de mesmo nome) escreveu 1844 que os Judeus deveriam restabelecer seu estado na Palestina, elevando-se assim a um lugar de honra entre as nações de terra (SPECTOR, 2009).

subsequentes – foram interpretados, especialmente nos Estados Unidos, como cumprimento de importantes profecias bíblicas, dando prestígio ao sionismo cristão. O televangelista Pat Robertson, criador da popular *Christian Broadcast Network* (CBN), considerou a tomada de Jerusalém por Israel na Guerra dos Seis Dias em 1967 um evento histórico e de proporções cósmicas⁵³. Outros pastores populares e influentes como Jerry Falwell não apenas propagavam essa teologia como também tentavam influenciar a opinião pública a assumir posturas mais favoráveis a Israel, mesmo durante a polêmica e impopular atuação israelense na Guerra do Líbano no final dos anos 80 (HUMMEL, 2021); (SPECTOR, 2009); (STOCKTON, 1987).

Apesar do Dispensacionalismo ser mais prevalente especialmente entre evangélicos pentecostais, pelo que se pode extrapolar dos dados, a maioria dos evangélicos não adota essa interpretação específica dos eventos do apocalipse e não necessariamente concorda com a centralidade ou mesmo relevância do Estado de Israel para os eventos descritos na obscura linguagem do apocalipse. Para esses, portanto, a razão bíblica mais frequentemente dada para sua predisposição positiva para com o moderno Estado de Israel se encontra não nos eventos catastróficos do fim dos tempos, mas em uma promessa de Deus feita ao patriarca Abraão em Gênesis 12,3⁵⁴, na qual aqueles que abençoarem Israel serão abençoados e os que amaldiçoarem Israel serão amaldiçoados.

Born-again Christians' support for Israel is often generous and heartfelt, but that is not to say that it is selfless. Jews who doubt evangelicals' sincerity or question their motives should consider that Christian Zionists' enthusiasm for Israel and the Jewish people is driven, in large measure, by self-interest. Genesis 12:3 is the central biblical foundation for that. The United States has been blessed, many evangelicals told me, solely because it has blessed Israel and the Jewish people. And they fear that if America should ever turn against Israel, God will do the same to the United States⁵⁵ (SPECTOR, 2009, p. 24).

⁵³ Em 2017, a CBN lançou um documentário dramático (*docudrama*) sobre a captura da cidade histórica de Jerusalém na Guerra dos Seis Dias que se tornou um pequeno sucesso de bilheteria nos Estados Unidos. O propósito dessa produção, de acordo com Gordon Robertson, CEO da CBN, era ilustrar o cumprimento da profecia do retorno dos judeus à terra santa e promover uma *conversa* sobre a política externa dos Estados Unidos para o Oriente-Médio (ANDERMAN, 2017).

⁵⁴ “Abençoei os que te abençoarem, amaldiçoei os que te amaldiçoarem. Por ti serão benditos todos os clãs da terra” (BÍBLIA, 1987).

⁵⁵ O apoio dos cristãos *nascidos de novo* a Israel muitas vezes é generoso e sincero, mas isso não significa que seja desinteressado. Judeus que duvidam da sinceridade dos evangélicos ou questionam suas motivações devem considerar que o entusiasmo dos cristãos sionistas por Israel e pelo povo judeu é impulsionado, em grande medida, pelo interesse próprio. Gênesis 12:3 é a base bíblica central para isso. Muitos evangélicos me disseram que os Estados Unidos foram abençoados apenas porque abençoaram

Para muitos evangélicos que não adotam o dispensacionalismo, essa justificativa oferece uma racionalização mais flexível para o apoio ao Estado de Israel⁵⁶, embora ela também seja invocada por dispensacionalistas famosos, como o já mencionado Jerry Falwell (STOCKTON, 1987).

O discurso evangélico em torno de Israel – seja ele na forma de profecias apocalípticas ou de bênçãos antigas - não é recente nem incomum em Washington. Ele é frequentemente encontrado nas declarações de parlamentares evangélicos, lobistas, assessores presidenciais ou mesmo do próprio presidente, como no caso de Ronald Reagan. A atuação desse *lobby* é constatada, por John J. Mearsheimer e Stephen M. Walt (2007), que mencionam muitos dos temas já abordados até aqui:

Dispensationalists interpreted Israel's seizure of all of Jerusalem and the West Bank (which, like Israel's Likud party, they refer to as Judea and Samaria) as the fulfillment of Old and New Testament prophecy, and these "signs" encouraged them and other Christian evangelicals to begin working to ensure that the United States was on the "right side" as the Bible's blueprint for the end-times unfolded.⁵⁷ (MEARSHEIMER; WALT, 2007, p.133)

A questão que resta, no entanto, é determinar quão eficaz é esse *lobby*. No caso dos Estados Unidos, Mearsheimer e Walt concluíram em 2007 que o lobby religioso pró-Israel é significativo e tem efeitos sensíveis no trato de Washington com Jerusalém, mas que, no entanto, a importância dessa influência não deve ser superdimensionada, uma vez que as organizações evangélicas pró-Israel não têm o mesmo nível de organização de outros lobbies e nem sempre as ações dos Estados Unidos se alinham às expectativas daquelas.

No Brasil, a influência americana sobre o protestantismo que aqui se instalou deu origem ao que Reinke (2018) chamou de protestantismo de “rosto americano”. Muitas

Israel e o povo judeu. Eles temem que, se os Estados Unidos se voltarem contra Israel, Deus fará o mesmo com os Estados Unidos.

⁵⁶ Para observar como a ideia presente nesse breve versículo é articulada para racionalizar decisões de política externa, vale mencionar o tratamento dispensado já no título da matéria da *Christian Broadcast Network* sobre a mudança da embaixada dos Estados Unidos para Jerusalém na administração Trump: “Those Who Bless Israel Will Be Blessed”: US Embassy Move Marks New Era for the World” (CBN NEWS, 2018).

⁵⁷ Os dispensacionalistas interpretaram a tomada de Jerusalém e da Cisjordânia por Israel (aos quais, assim como o partido Likud de Israel, eles se referem como Judéia e Samaria) como o cumprimento da profecia do Velho e do Novo Testamento, e esses "sinais" os encorajaram e outros evangélicos cristãos a começarem a trabalhar para garantir que os Estados Unidos estivessem do "lado certo", à medida que o plano bíblico para o fim dos tempos se desenrolava.

igrejas evangélicas, por terem sido trazidas por missionários americanos, ainda hoje mantêm vínculos eclesiásticos e institucionais com aquele país. Se não institucionais, há também um vínculo cultural com uma imagem ideologizada dos Estados Unidos como fonte espiritual dessa tradição cristã “não-corrompida”, assim como com a linguagem e práxis religiosa daquele país. Um aspecto herdado do protestantismo histórico, e particularmente puritano, dos Estados Unidos é a necessidade de rigorosa correção doutrinária e o frequente desmembramento e surgimento de novas igrejas por divergências teológicas.

Essa relação de proximidade também permite que diversos autores pentecostais da Teologia da Prosperidade como Benny Hinn e Kenneth Hagin sejam traduzidos para o português, influenciando o discurso evangélico no Brasil. Também é comum que estudantes de teologia brasileiros sejam treinados em instituições evangélicas dos Estados Unidos ilustrando e aprofundando a aproximação teológica entre os dois países (REINKE, 2018). Esses e outros fatores contribuem para uma rápida difusão de modismos teológicos dos Estados Unidos para o Brasil, embora não sem um certo grau de adaptação e remodelamento às realidades e preferências brasileiras (MARIANO, 2014). Assim, como no caso da Teologia da Prosperidade, abundam no Brasil livros sobre o Dispensacionalismo. No mercado editorial evangélico, por exemplo, foram identificadas mais de 261 publicações que apresentam uma teologia dispensacionalista com 32 delas de teor claramente sionista. Ademais, deste total, cerca de 55% dos livros são de autores norte-americanos, demonstrando não apenas a influência destes, mas também apontando já um considerável corpo de publicações nacionais. Alguns livros são campeões de vendas como *O conflito árabe-israelense... e a Bíblia*, de Wilbur Smith e *A agonia do grande planeta Terra* de Hal Lindsey, ambos originalmente escritos na década de 70. Este último foi listado como um dos mais influentes da história entre os evangélicos do Brasil pela Editora Ultimato. A editora interdenominacional *Chamada da Meia-Noite* é responsável por 56 livros dispensacionalista e outros 8 sionistas cristãos. Também publica uma revista mensal de mesmo nome voltada a comentar acontecimentos mundiais sob uma ótica bíblica (leia-se dispensacionalista), para Reinke, é a maior divulgadora do dispensacionalismo no Brasil. A editora CPAD, das Assembleias de Deus, tem um corpo considerável de literatura dispensacionalista disponível e, excepcionalmente, a maior parte desses autores são brasileiros. Bíblias de Estudo como a já mencionada Scofield,

mas também a Dake, MacArthur e a La Haye⁵⁸, divulgam o dispensacionalismo em suas notas, ou mesmo o sionismo cristão. O dispensacionalismo e sionismo cristão mantêm evidente influência no Brasil não se tratando de um fenômeno recente, mas algo que pode ser constatado há décadas no mercado editorial evangélico nacional e engloba não apenas a tradução de autores estrangeiros como também expressiva produção por autores brasileiros (REINKE, 2018).

Dentre outros meios de propagação dessa teologia, pode-se apontar o exemplo importante da Rede Record, ligada à Igreja Universal do Reino de Deus, que recentemente veiculou a novela *Apocalypse*, cujo pano de fundo são os eventos finais de acordo com a teologia dispensacionalista da popular série de livros *Left Behind*, de Tim La Haye. Embora a novela tenha desapontado na audiência, o capítulo que dramatiza o arrebatamento se tornou bastante comentado quando foi ao ar⁵⁹. Observa-se também - seguindo uma tendência já bem estabelecida nos Estados Unidos - um crescente mercado brasileiro de turismo religioso para Israel, voltado não apenas para a visita de locais importantes da história bíblica, mas para mostrar locais que terão importância futura no esquema teológico dispensacionalista, como o vale do Armagedon, por exemplo. Líderes religiosos brasileiros encorajam e organizam esse turismo, e o próprio governo de Israel o vê como uma boa ferramenta para melhorar e promover a imagem de Israel no exterior (REINKE, 2018); (SOUZA, 2018).

Embora seja difícil medir com precisão a penetração e importância relativa de uma visão dispensacionalista do apocalipse no meio evangélico brasileiro, é inegável que se trata de uma das mais influentes e disseminadas. Sua popularidade pode ser constatada até mesmo pelo número de vozes no meio evangélico tradicional que criticam essa teologia e sua propagação entre seus membros, mostrando que seu alcance as vezes extrapola o meio pentecostal na qual se consolidou. Como nos Estados Unidos, há também uma forte associação entre uma teologia dispensacionalista e uma predisposição positiva com o Estado de Israel. Mesmo, porém, entre as igrejas que mantêm outras

⁵⁸ Em sua Bíblia de Estudos La Haye chega a afirmar, de forma um tanto extrema, que não basta a fé para estar com Deus, mas também estar ao de Israel: “Sob o olhar atento de Deus, desempenhos são avaliados e destinos são determinados, com base não só no exercício da nossa fé, mas também no nosso relacionamento com o povo judeu” (LA HAYE, 2005, p.705 apud REINKE, 2018, p. 108).

⁵⁹ Assim como na série de livros na qual foi inspirada, e em típica aptidão dramatúrgica da Rede Record, o episódio dramatiza pessoas desaparecendo misteriosamente de suas atividades quotidianas, sem explicação alguma, deixando os outros personagens se questionando sobre a razão daquilo e para onde foram seus conhecidos.

interpretações do Apocalipse, a prevalência e centralidade do povo judeu na história bíblica, assim como a promessa de bênçãos em Gênesis 12,3, são fatores que muitas vezes inspiram um grau de afinidade e solidariedade pelo moderno Estado de Israel. Dada a crescente importância dos evangélicos como força política no Brasil, ou seja, aquilo que Gustavsson (1999) chamaria de *constituency*, é concebível que, assim como nos Estados Unidos, concepções que anteriormente circulavam em ambientes puramente religiosos, comecem a ganhar corpo como balizas para política externa do Brasil. Missionários e teólogos americanos inicialmente disseminaram no meio protestante brasileiro, ideias específicas sobre o papel geopolítico de Israel, mas tais crenças logo ganharam um fôlego próprio no Brasil, com extensa produção local de material sionista-cristão ou pelo menos simpático ao moderno Estado de Israel, e com pastores convencidos de suas implicações disseminando-as aos seus fiéis. É também perfeitamente possível enquadrar a atuação de alguns pastores no papel de *policy entrepreneurs*, especialmente aqueles que conseguem influência política em razão do sucesso em eleições ou os que conquistam a confiança de lideranças políticas estabelecidas. Por meio dessa atuação, pastores e outras lideranças religiosas conseguem ir além de suas responsabilidades espirituais com seu rebanho para influenciarem a elaboração de políticas públicas no Brasil. O governo Bolsonaro apresentou uma janela de oportunidade para que esses *entrepreneurs* testassem sua força para além da já estabelecida agenda dos costumes: a elaboração de política externa.

4 OS EVANGÉLICOS NAS ELEIÇÕES DE 2018 E NO GOVERNO BOLSONARO

4.1 Relações Brasil – Israel: um panorama de 2003 a 2018

Durante os anos 2000, o Brasil começou a ganhar uma projeção no cenário internacional significativa. Com o fim da ditadura no final dos anos 1980, o Brasil passou por uma série de reformas estruturais buscando se estabelecer como uma democracia moderna e bem inserida na nova realidade política global que se esboçava com o fim da Guerra Fria (MILANI; RIBEIRO, 2011). A promulgação da Constituição em 1988, chamada de Cidadã, cristalizava no Brasil, em seu Artigo 4º, 10 princípios regentes das relações internacionais, dentre os quais figuram a: independência nacional; prevalência dos direitos humanos; autodeterminação dos povos; não intervenção; defesa da paz; solução pacífica dos conflitos e cooperação entre os povos para o progresso da humanidade. Essas e outras características mostravam uma Constituição moderna na sua concepção. O Artigo 5º também reforçava o caráter democrático, pacífico que se desejava imprimir a nascente república, tendo o respeito aos direitos humanos fundamentais como “pilastra mestra na construção de um verdadeiro Estado de direito democrático” (MORAES, 2013, p.99); (BRASIL, 2016b).

Ademais, com o processo de redemocratização e fortalecimento institucional, a administração pública do Brasil adquiria caráter republicano. Reformas econômicas como o Plano Real reduziram significativamente a inflação e estabilizaram a moeda. Com tudo isso, o Brasil se encontrava em boa posição para aproveitar o aumento global de demanda por produtos primários, conhecido como *boom das commodities*. Nesse contexto, em 2002, houve a eleição de Lula que, ao se tornar o primeiro presidente não oriundo das tradicionais elites urbanas e rurais do país, parecia sinalizar uma mudança profunda na sociedade brasileira, apontando a possibilidade de maior inserção a participação de segmentos sociais até então completamente às margens do processo político (CALDEIRA, 2017).

No esteio do crescimento econômico, veio também a possibilidade de maior financiamento não apenas de políticas sociais domésticas, mas também de investir mais em setores considerados estratégicos pelo governo. Um desses foi o Ministério das Relações Exteriores, ao qual o Presidente Lula dispensou singular atenção. De 2005 a 2010, por exemplo, o número de diplomatas do Itamaraty foi de 1000 para 1400. Em

2003, o Brasil tinha 150 postos diplomáticos no exterior e já em 2010 esse número era de 230, distribuídos entre embaixadas, consulados e representações diplomáticas em organizações internacionais (AMORIM, 2010). Aliado a isso, o Presidente Lula deu continuidade a uma prática já explorada por seu antecessor, Fernando Henrique Cardoso, e expandiu a atuação do Presidente como agente diplomático importante, consagrando a tendência de *presidencialização*⁶⁰ da política externa brasileira (BARNABÉ, 2015) (DATZ; PETERS, 2013).

Essa confluência de fatores, de acordo com observadores da época, elevou o Brasil a um novo patamar de relevância no cenário global. O Brasil buscou, principalmente através da mobilização de suas capacidades de *soft power*, se estabelecer como ator importante em diversas frentes, especialmente no papel de mediador de alianças entre países do Sul global, enfatizando uma agenda de desenvolvimento, o multilateralismo, a construção de coalizões e a diplomacia como mecanismos para resolução de conflitos. O Brasil também buscava criar um novo eixo de protagonismo internacional centrada nos países do Sul global (AMAR, 2014); (BAEZA, 2013); (DAUVERGNE; FARIAS, 2012). Muito do relacionamento do Brasil com o Oriente Médio durante o governo Lula se pautou por uma tônica de atuação independente e construção de parcerias, também em temas de segurança. Como sintetiza Celso Amorim:

Our attitudes in the Security Council, over the last twenty years, in issues like Iraq, Libya and, more recently, Syria, Lebanon and Iran, contribute to make it clear that Brazil acts in accordance with her own judgement, even when under strong diplomatic pressure. More recently, as contacts with countries in the Middle East multiplied (with Arab nations, as we have seen, but also with Israel, Turkey and Iran), Brazil became more involved in the questions relating to peace and security in that troubled region⁶¹ (AMORIM. 2010, p.236).

Durante o governo Lula, o Brasil recebeu diversas vezes dignatários Israelenses e Palestinos, como Shimon Peres e Mahmoud Abbas. Lula realizou visitas a países árabes e, notadamente, os territórios palestinos e Israel; ação inédita para um presidente

⁶⁰ Barnabé (2015, p.5), seguindo Danese (1999) explica a diplomacia presidencial como “condução pessoal de assuntos de política externa, fora da mera rotina ou das atribuições *ex officio*, pelo presidente, ou, no caso de um regime parlamentarista, pelo chefe de estado e/ou pelo chefe de governo”.

⁶¹ Nossas atitudes no Conselho de Segurança, nos últimos vinte anos, em questões como Iraque, Líbia e, mais recentemente, Síria, Líbano e Irã, contribuem para deixar claro que o Brasil age de acordo com seu próprio julgamento, mesmo sob forte pressão diplomática. Mais recentemente, à medida que os contatos com países do Oriente Médio se multiplicaram (com nações árabes, como vimos, mas também com Israel, Turquia e Irã), o Brasil se envolveu mais nas questões relacionadas à paz e segurança nessa região conturbada.

brasileiro. Além disso, abriu um escritório de representação diplomática em Ramallah em 2004 e reconheceu a soberania do Estado da Palestina demarcado pelas fronteiras de 1967. Empregou também uma política de doações humanitárias à Palestina que ultrapassaram 20 milhões de dólares (CASARÕES; VIGEVANI, 2014). Algumas dessas viagens, logo no início do mandato, foram o ímpeto inicial para a criação de uma Cúpula de conferência inter-regional, que culminaria na Cúpula América do Sul – Países Árabes (ASPA) em 2005. Foi no contexto dessas negociações que foi concedido ao Brasil o status de país observador na Liga Árabe. Em discussões preliminares entre os dois blocos, mesmo com a insistência brasileira para a cúpula ser voltada primariamente à discussão de temas comerciais e de desenvolvimento, os países árabes pressionaram para tornar-se também um fórum para coordenação e declarações políticas, gerando temores em Washington e Jerusalém de que se tornaria uma organização anti-Estados Unidos e anti-Israel. O mal-estar com Israel gerado por essa aproximação com a ASPA só viria a ser atenuado com uma viagem de Celso Amorim à Jerusalém em 2004 (AMAR, 2014) (VAGNI, 2009).

Apesar da atenção aos países árabes, foram também estabelecidos mecanismos de negociação bilateral com Israel, que renderam frutos em contratos com a indústria bélica israelense. Significativa também foi a assinatura de um tratado de livre comércio entre Mercosul e Israel, promovido pelo Brasil, sendo este o primeiro tratado extranacional não-regional do bloco. Iniciativas como essas visavam aumentar a visibilidade do Brasil no conflito Palestino-Israelense e buscavam uma forma de apresentar o país como mediador entre as duas partes. Essa estratégia, porém, gerava algumas políticas que aparentavam contraditórias: ao mesmo tempo que fortalecia laços com Israel, advogava por um Estado Palestino. Ambas essas tendências revelam um misto de ambição, idealismo e pragmatismo da política externa do Brasil nesse período. Apoiar a causa palestina servia ao idealismo doméstico do Partido dos Trabalhadores, que tem a Palestina como uma de suas *causes célèbres*⁶². Por outro lado, essa estratégia também mostrava a ambição brasileira de se tornar um ator mais relevante no cenário internacional, se inserindo como participante em discussões globais. No entanto, nota-se junto a isso um

⁶² A proximidade da diáspora Palestina no Brasil com a esquerda no Brasil pode traçar suas origens já na década de 1980. Ali Khatib, considerado durante os anos 1980 e 1990 o segundo lugar da liderança da Organização pela Libertação da Palestina no Brasil, já cultivava uma relação com Lula desde 1981. A invasão do Líbano por Israel em 1982 também causou uma aproximação da esquerda brasileira com a diáspora árabe, participando e organizando protestos conjuntamente, e fortalecendo a proximidade entre ambos ao longo dos anos 1980 (BISHARAT, 2019).

profundo pragmatismo da política brasileira ao enxergar e se aproveitar do potencial de parcerias com o setor tecnológico e de defesa de Israel (DATZ; PETERS, 2013).

A estratégia de manutenção de uma equidistância que permitisse a manutenção de um status de parte relevante para ambos os lados, porém, não impediram que o Brasil incorresse em alguns desgastes com Israel. A forte condenação brasileira aos ataques de Israel a Gaza entre 2007 e 2008 suscitaram protestos por parte dos Estados Unidos e Israel. Na leitura de Clifford Sobel, embaixador dos Estados Unidos no Brasil, o Itamaraty adotou uma posição moderada, mas a condenação em nota por parte de Ricardo Berzoini, deputado e presidente do PT – chamando as ações de “terrorismo de Estado” e equiparando a conduta do governo Netanyahu ao nazismo – atacaram frontalmente Israel. O reconhecimento da soberania da Palestina em dezembro de 2010, último mês de Lula no poder, também dificultou as relações com Israel e mesmo com os Estados Unidos. A decisão também era uma ruptura com a prática anterior da política externa brasileira, que, apesar de apoiar a criação de um Estado Palestino, negava seu reconhecimento formal, à espera de decisões multilaterais (CASARÕES; VIGEVANI, 2014).

A alta popularidade de Lula durante seu mandato permitiu que fizesse de Dilma Rousseff - ministra em seu governo - sua sucessora na presidência. Pessoalmente, em razão de proximidade partidária e pessoal, Dilma Rousseff compartilhava com Lula visões semelhantes sobre o lugar do Brasil, mas divergia na maneira que concebia a implementação das políticas necessárias. Havia também uma diferença de conjuntura histórica (BRUN, 2016). O novo governo buscava dar continuidade ao rumo traçado pelo seu antecessor, mas as realidades globais tinham mudado significativamente, reduzindo o espaço de manobra no qual o Brasil antes operava:

By the time Dilma Rousseff was inaugurated in January 2011, the events of the Arab Spring, debates at the UN about admission of the Palestinian Authority as a state, and controversy over Iran's nuclear program rendered it more difficult for Brazil to maneuver in this space of geopolitical contradiction where it strived to serve as the Global North's Security Council apprentice all the while acting as a neo-Third Worldist architect of counterhegemony. The uprisings, revolutions, and civil wars that swept through the Middle East, starting coincidentally at the moment of Dilma's election to the presidency, forced Brazil to put its cards on the table and to make hard choices⁶³ (AMAR, 2014, p. 19).

⁶³ À altura que Dilma Rousseff tomou posse em janeiro de 2011, os eventos da Primavera Árabe, os debates na ONU sobre a admissão da Autoridade Palestina como um estado e a controvérsia sobre o programa nuclear do Irã tornaram mais difícil para o Brasil manobrar neste espaço de contradição geopolítica, no qual se esforçava para servir como aprendiz do Conselho de Segurança do Norte Global, ao mesmo tempo em

A primavera Árabe colocou em relevo algumas dissonâncias importantes entre os dois parceiros. As ditaduras militares e autocracias repressivas prevalentes no Oriente-Médio contrastavam com a América Latina vivendo então sua *pink-tide*⁶⁴. Muitos dos então líderes latino-americanos foram, de uma forma ou outra, perseguidos pelas ditaduras de seus respectivos países no período da Guerra Fria. Ademais, lideranças importantes no campo dos direitos humanos observaram perplexos, em algumas ocasiões, a América Latina ceder a pressões de lideranças árabes, para excluir cláusulas de proteção aos direitos humanos e valorização da democracia em pronunciamentos da ASPA, e retirar apoio às resoluções internacionais afirmando a importância dessas pautas⁶⁵ (AMAR, 2014); (BAEZA, 2013).

Por volta dessa época, o Governo Israelense também notara um fortalecimento da esquerda no governo e, conseqüentemente, de posições pró-Palestina. Como forma alternativa de engajamento, Israel observou a distensão entre evangélicos e o governo, e passou a reforçar seu envolvimento com a comunidade evangélica brasileira, de forma a pressionar o governo Dilma. Os frequentes desentendimentos a respeito de Israel na crescente polarização entre o PT e seus apoiadores evangélicos foram importantes fatores no enfraquecimento político de Dilma e ao seu eventual Impeachment (CASARÕES; FELDBERG, 2021). O mandato de Dilma também ficou marcado por uma troca de descortêsias diplomáticas com Jerusalém que culminaram no Brasil ser chamado de “Anão Diplomático⁶⁶” por um porta-voz do Ministério das Relações Exteriores de Israel, após o governo brasileiro anunciar a volta de seu embaixador em Tel Aviv e votar favoravelmente no Conselho dos Direitos Humanos da ONU uma resolução condenando

que agia como arquiteto neo-terceiro-mundista de contra-hegemonia. As revoltas, revoluções e guerras civis que varreram o Oriente Médio, começando coincidentemente no momento da eleição de Dilma para a presidência, forçaram o Brasil a colocar suas cartas na mesa e a fazer escolhas difíceis.

⁶⁴ Podendo ser traduzida como maré-rosa, *pink-tide* foi nome dado à convergência de diversos países latino-americanos (Venezuela, Chile, Brasil, Argentina, Uruguai, Bolívia, Nicarágua, Ecuador e Guatemala) governados simultaneamente por líderes de esquerda ou centro esquerda na primeira década de 2000. Uma característica desses governantes era, de maneira geral, sua postura mais crítica da política dos Estados Unidos para a região (LIEVESLEY, 2009).

⁶⁵ Em março de 2004, o Brasil retirou seu apoio à uma resolução das Comissão das Nações Unidas para os Direitos Humanos sobre direitos LGBT - que o próprio Brasil iniciara - após pressão de países árabes. No acordo fundador da própria ASPA, o Brasil permitiu que uma cláusula sobre a importância de eleições livres e democracia fosse retirada do documento final (AMAR, 2014).

⁶⁶ Yigal Palmor, então porta-voz do Ministério das Relações Exteriores de Israel disse que chamar o embaixador israelense era “uma infeliz demonstração de por que o Brasil, um gigante econômico e cultural, continua sendo um anão diplomático”, acrescentando também que “O relativismo moral por trás desse movimento torna o Brasil um parceiro diplomático irrelevante, que cria problemas em vez de contribuir para soluções” (KEINON, 2014). O episódio resultaria em um pedido de desculpas pelo presidente de Israel à presidente Dilma. Palmor deixou o cargo após o episódio, embora tenha alegado razões pessoais para isso (ISRAELENSE, 2014).

uma invasão israelense a Gaza (ROSAS, 2014). O governo Dilma também registraria uma tensão em torno da nomeação de Dani Dayan como novo embaixador de Israel no Brasil, antigo dirigente do Conselho de Assentamentos Judaicos em Judeia e Samaria (nomes bíblicos para a região da Cisjordânia). Contrário à norma diplomática, o governo Netanyahu anunciou Dayan ao posto antes de comunicar o Brasil da intenção, gerando reação de um grupo de 40 diplomatas brasileiros aposentados. O Brasil se recusou a aceitar o embaixador e Netanyahu disse que manteria a nomeação, mesmo que isso afetasse a relação entre os dois países. Por fim, em maio de 2016, foi anunciado que Dayan seria enviado à Nova Iorque, para ocupar o cargo de Cônsul-geral (ISRAEL, 2016).

Apesar de ter ocorrido no último ano do governo Lula, em 2010, enquanto Dilma ainda se encontrava em campanha, deve-se mencionar o desmoronamento da Declaração de Teerã – protagonizada pelo Brasil, Turquia e Irã na negociação de uma solução visando o controle da produção de material nuclear pelo Irã – após a retirada de apoio pelos Estados Unidos. O episódio foi considerado uma derrota para a política externa brasileira, esfriando os ânimos para maior envolvimento em questões da região. Ademais, domesticamente, já no primeiro mandato de Dilma, começava-se a observar uma desaceleração e estagnação da economia brasileira a partir de 2011, o que contribuiu para uma reorientação das prioridades do governo do palco internacional para os fatos domésticos. Dilma Rousseff também não demonstrava o mesmo interesse pessoal que Lula exibiu nas questões internacionais e não manteve a prática da diplomacia presidencial tão usada pelo seu antecessor, delegando ao seu vice-presidente, Michel Temer, o engajamento diplomático de alto-nível com a região. Com tudo isso, apesar de Itamaraty ostensivamente dar continuidade à política de Lula para a região, o engajamento do Brasil com o Oriente-Médio efetivamente esfriou (AMAR, 2014); (BAEZA, 2013); (BRUN, 2016).

De acordo com Brun (2016), as iniciativas do Itamaraty perdem sua força sem apoio presidencial. Apesar das visitas de Antônio Patriota, então Ministro das Relações Exteriores de Dilma, à Palestina, Jordânia e Israel em 2012 para declarar uma continuidade no interesse do Brasil na região e mesmo propor participação no processo de negociação da paz, a falta de iniciativa presidencial tornou isso pouco mais do que declarações vazias. Algo semelhante ocorreu em 2011 quando o representante do Brasil nas Nações Unidas apresentou a ideia de “Responsabilidade *ao* Proteger”. A sugestão

veio como tentativa de complementar e impor limites à atuação sob a “Responsabilidade de Proteger⁶⁷”, invocada pelos Estados Unidos no contexto de uma intervenção na Líbia de Muammar Gaddafi. Embora ela tenha gerado atenção no início, a sugestão foi perdendo visibilidade, não somente dada a resistência de outros países, como também em razão da falta de apoio e coordenação da presidência (REIS DA SILVA; PÉREZ, 2019).

Com popularidade em declínio, uma crise econômica, investigações da operação Lava-Jato que atingiam lideranças de seu partido, e diálogo ruim com o Congresso, Dilma se viu cada vez mais isolada, especialmente em face aos frequentes movimentos públicos que tomaram as ruas do Brasil a partir de 2013, culminando em um processo de Impeachment que a retiraria da presidência em 2016, com uma maioria definitiva dos deputados evangélicos votando a favor do seu afastamento (CASARÕES; FELDBERG, 2021); (GALLAS, 2016):.

With a qualified majority of 2/3 required, the impeachment would have narrowly passed to the Senate if only non-evangelicals had voted; 289 non-evangelicals voted in favor of impeachment, and 134 against. However, evangelicals gave the “yes” vote a comfortable margin. Of the Chamber’s eighty-one evangelical members, 93 percent voted in favor of the impeachment, following the decision of their caucus leadership as well as the Universal Church of the Kingdom of God (UCKG)-linked Brazilian Republican Party (PRB)⁶⁸ (SMITH, 2019, p.151).

O impeachment foi mais um episódio de uma sequência de eventos que levaram ao distanciamento de Dilma de eleitores religiosos. Em 2010, quando ainda em campanha para presidente, no mês final da campanha, vídeos de uma entrevista de Dilma na qual parecia apoiar a descriminalização do aborto circularam na mídia católica e evangélica. Apesar de esperar ganhar de forma convincente no primeiro turno, Dilma se viu com menos votos do que a maioria necessária para tal e com Marina Silva, candidata pertencente à Assembleia de Deus, alcançando surpreendentes 19% dos votos. Semanas

⁶⁷ Conceito cristalizado no documento Final da Cúpula Mundial de 2005, no qual Chefes de Estado e de Governo reconheceram sua responsabilidade de proteger suas próprias populações de graves violações de direitos humanos como, genocídio, crimes de guerra e limpeza étnica. O conceito também se estende à responsabilidade coletiva destes de promover outros a cumprirem esse compromisso, declarando a prontidão para tomar medidas decisivas, em cooperação com organizações regionais e de acordo com a Carta das Nações Unidas no caso de autoridades nacionais falharem na proteção de suas populações (ONU, 2023).

⁶⁸ Com uma maioria qualificada de 2/3 necessária, o impeachment teria sido aprovado por uma margem estreita para o Senado se apenas os não evangélicos tivessem votado; 289 não evangélicos votaram a favor do impeachment e 134 contra. No entanto, os evangélicos deram uma margem confortável para o voto "sim". Dos oitenta e um membros evangélicos da Câmara, 93% votaram a favor do impeachment, seguindo a decisão de suas lideranças de bancada e do Partido Republicano Brasileiro (PRB), ligado à Igreja Universal do Reino de Deus (IURD).

antes do segundo turno, o Papa instruiu bispos a encorajarem os fiéis a votarem em candidatos contrários ao aborto. Por outro lado, alguns grupos religiosos se manifestaram a favor de Dilma. A própria *Folha Universal*, jornal semanal da IURD, acusou a Igreja Católica de interferir nas eleições nacionais e de promover uma campanha de difamação contra Dilma⁶⁹. A presidente também enfrentara um embate com opositores religiosos em 2011, em torno de um projeto de currículo para ensino médio voltado para o combate ao preconceito e promoção da tolerância da homossexualidade. O currículo foi chamado de *kit-gay* pelos opositores na época e o governo teve que abandonar a iniciativa. 6 anos mais tarde, o novo currículo base aprovado pelo Ministério da Educação eliminaria qualquer referência à gênero e sexualidade existentes nas versões preliminares. No entanto, ainda em 2014, os pastores evangélicos estavam divididos, com parte do apoio fluindo para Dilma e outra parte para Aécio, embora já fosse sensível uma rejeição maior entre evangélicos à candidata do PT do que entre outros grupos religiosos. O governo Dilma também revelaria uma crescente preocupação e organização de lideranças evangélicas em torno do combate a projetos legislativos sobre direitos LGBT e outras iniciativas consideradas ameaças à “família tradicional”. Essa tendência, com o tempo, aproximaria cada vez mais os setores evangélicos da direita (SMITH, 2019).

Eduardo Cunha, deputado do Rio de Janeiro pelo PMDB e presidente da Câmara que deu abertura e conduziu o processo, era um membro da Igreja Assembleia de Deus e articulava discursos para seu eleitorado evangélico tocando nos pontos tradicionais de ameaça à família e aos costumes do povo brasileiro. Também mantinha certa proximidade com o Pastor Silas Malafaia. Embora Malafaia não tenha declarado apoio explícito ao candidato, ambos apareceram juntos em eventos públicos tais como as Marchas para Jesus de 2013 e 2016. Em um *tweet* de sua conta oficial, Malafaia congratulou o candidato quando este se elegeu Presidente da Câmara em 2015, destacando também o fato de ser evangélico e oposição ao PT. Malafaia, porém, procuraria se desvincular da imagem do deputado quando foi preso em 2017 no âmbito da Operação Lava-Jato (ORTUNES; MARINHO; CHICARINO, 2019). Com os escândalos da operação Lava-Jato, o PT perdera cerca de metade do seu apoio popular entre 2012 e 2017 (de 17% para 9%). Com o impeachment, evangélicos abandonaram o partido mais rapidamente do que católicos e outras religiões. Em 2017, somente 7% dos protestantes se identificavam com o PT e 11%

⁶⁹ O mesmo periódico publicaria uma frase de Fernando Henrique Cardoso dizendo que José Serra, seu colega de partido tinha “algum demônio que as vezes nem ele consegue controlar”, dando a entender que o candidato estaria sob influência de forças malignas (SMITH, 2019).

dos católicos brasileiros – denominação historicamente mais próxima do PT e com a qual o partido tentou uma reaproximação após o impeachment – o faziam (SMITH, 2019).

Desse processo de oposição, surgiriam gradualmente, novas lideranças de direita no cenário político nacional, enquanto outras começavam a transbordar para além dos pequenos nichos aos quais eram confinadas anteriormente. Algumas dessas eram bastante críticas do governo Dilma e PT, propondo rupturas radicais com o que representavam esses governos (SCHWARCZ; STARLING, 2018). Pastores como Silas Malafaia e Marco Feliciano despontam no pós-2013 com suas pesadas críticas à Dilma, além de um discurso que mobilizava sobretudo o medo, descrevendo como a esquerda, representada pela presidente e o PT, além de corrupta, ameaçava a família, a liberdade religiosa e elementos da fé dos evangélicos. Assim sintetizam Ortunes, Marinho e Chicarino (2019), a atuação desses pastores – a quem chama de profetas - e seus discursos:

Os messias (profetas) políticos referidos em nossa pesquisa operam um discurso maniqueísta nas duplicidades céu e inferno, bem e mal, esperança e medo, que não se colocam de forma metafísica, mas que se concretizam na denominação de um inimigo em comum – como os destruidores da família, por exemplo – e em sua demonização até a perda da humanidade como um elemento capaz de gerar empatia (ORTUNES; MARINHO; CHICARINO, 2019).

Com o impeachment, Michel Temer, seu vice-presidente, assumiu o cargo e deu início a um processo de mudança na condução do país em diversas frentes. Uma das áreas em que se anunciava uma intenção de mudança significativa foi na política externa brasileira. Indicou-se a intenção de maior aproximação com os Estados Unidos acompanhado de condenações mais explícitas do regime de Nicolás Maduro na Venezuela. De forma um tanto simbólica, e bastante comentada à época, o novo governo rompeu com uma prática de Lula e Dilma ao nomear não um diplomata de carreira, mas um político aliado para o cargo de Ministro das Relações Exteriores. Primeiramente apontou o então Senador José Serra, nome bastante tradicional do PSDB e ex-candidato à presidência. Porém, após pouco menos de um ano, anunciou sua renúncia ao cargo por problemas de saúde⁷⁰ e foi substituído em fevereiro de 2017 pelo também Senador do PSDB, Aloysio Nunes (OLIVEIRA MOREIRA, 2020).

⁷⁰ No que pese para contextualização histórica, José Serra também enfrentava investigações de corrupção naquele momento.

Na ocasião de sua posse como Ministro, José Serra delineou algumas diretrizes que sustentariam, a partir daquele momento, aquilo que chamou de Nova Política Externa Brasileira. Entre elas, a desideologização da política externa, que não mais seguiria “conveniências e preferências ideológicas de um partido político e de seus aliados no exterior” (SERRA, 2016), em clara alusão ao que considerava um vício do governo anterior. Criticou também a insistência em fóruns multilaterais para avançar os interesses do Brasil, que considerou responsável por alijar o Brasil de acordos bilaterais importantes. Por outro lado, reforçou a manutenção de práticas anteriores como a preocupação ambiental e a solução pacífica de conflitos por meio de atuação em fóruns internacionais globais e regionais. Para Jerusalém, a presidência de Temer começou mostrando sinais positivos, com José Serra ameaçando revisar um voto pró-palestino dado pelo Brasil na UNESCO alguns meses antes e, em ocasião de uma visita a Israel para o funeral de Shimon Peres, não estender a viagem aos vizinhos árabes. Visando uma possível candidatura à presidência, e para marcar sua diferença do PT, Serra acenou à comunidade judaica no Brasil e especialmente aos evangélicos⁷¹ (CASARÕES; FELDBERG, 2021).

Em razão do curto período de governo (2 anos e 123 dias no total), alta impopularidade e acusações de corrupção, o governo Temer também dispensou mais atenção à agenda doméstica que externa. Com tudo isso, não se observou durante o governo Temer, rupturas drásticas na orientação da política externa brasileira, sendo observadas pequenas alterações de políticas (REIS DA SILVA; PÉREZ, 2019). Com relação ao conflito entre Israel e Palestina, por exemplo, o governo Temer manteve a postura tradicional brasileira de apoio à solução pacífica e negociada, visando o pleno estabelecimento de dois estados⁷² (OLIVEIRA MOREIRA, 2020). Em parte, por compreender a importância do mercado árabe para o Brasil, Temer, ele próprio filho de imigrantes libaneses, também manteve o apoio humanitário de seus antecessores à

⁷¹ O Ministério das Relações Exteriores, sob José Serra, concedeu polemicamente passaportes diplomáticos ao R. R. Soares e sua esposa, e a Samuel Ferreira e sua esposa Keila, ambos pastores da Assembleia de Deus (AMARAL; COUTINHO, 2016). José Serra também se reuniu com lideranças evangélicas para discutir maiores laços com Israel. Simbolicamente, em uma nota, Serra divulgou que o Brasil iria rever sua aprovação de uma resolução semestral da UNESCO sobre a restrição do acesso de muçulmanos ao Monte do Templo por parte de Israel. Apresentada em abril e outubro de todo ano e rotineiramente aprovada pelo Brasil, o ponto de contenção era uma revisão da redação da resolução, que se referia ao local apenas pelos seus nomes em árabe. Se por pressão brasileira nas negociações ou não, em outubro de 2017, os países árabes não apresentaram essa resolução (SCHREIBER, 2017).

⁷² Em discurso na Assembleia Geral das Nações Unidas, em setembro de 2016, Temer declarou de forma inequívoca a posição do Brasil quanto à questão: “Também nos preocupa a ausência de uma perspectiva de paz entre Israel e Palestina. O Brasil apoia a solução de dois Estados, em convivência pacífica dentro de fronteiras mutuamente acordadas e internacionalmente reconhecidas (TEMER, 2016).”

Palestina, como forma de manter as boas relações. Em 2016, na Assembleia Geral da ONU, Mahmoud Abbas, da Palestina, foi o único chefe de Estado na agenda oficial do presidente. A opção pela manutenção da prática tradicional brasileira foi duramente criticada por parlamentares evangélicos que compunham o governo⁷³, censurando a postura do presidente na UNESCO, considerada anti-Israel. Netanyahu também manifestou insatisfação publicamente quando, em 2017, em visita à América do Sul, evitou o Brasil alegando que não tinha certeza se Temer terminaria seu mandato devido às crescentes denúncias de corrupção (CASARÕES; FELDBERG, 2021).

O anúncio do Governo Donald Trump de que os Estados Unidos iriam mudar sua embaixada para Jerusalém gerou reações em todo o mundo. O Itamaraty, sob Nunes, reiterou a posição tradicional de que negociações deveriam estabelecer o status final de Jerusalém visando a implementação de dois Estados com fronteiras bem definidas internacionalmente e, alguns dias mais tarde, na Assembleia Geral das Nações Unidas, o Brasil votou contrariamente à decisão de Trump. No Brasil, o governo foi duramente criticado por deputados evangélicos, como o deputado Victorio Galli que acusou Aloísio Nunes de ser comunista, anticristão e antisemita. Roberto de Lucena, pastor e deputado federal de São Paulo, sugeriu um referendo perguntando aos brasileiros se queriam a transferência da embaixada, com o argumento que a aproximação com Israel significava não apenas um elo político, mas espiritual. Concomitantemente, associações de lideranças evangélicas como o Concílio Apostólico Brasileiro, a Comunidade Internacional Brasil & Israel da reverenda Jane Silva e a Associação Sionista Brasil-Israel (de judeus ultraconservadores) advogavam abertamente pela mudança da embaixada para Jerusalém (CASARÕES; FELDBERG, 2021)

Porém, apesar da continuidade com o governo anterior na política brasileira para a região, de acordo com Casarões e Feldberg (2021), é durante o Governo Temer que uma nova tendência na relação entre lideranças religiosas e lideranças políticas na condução da política externa nacional se torna impossível ignorar:

When Temer took office, Evangelical leaders leapt to center stage of Brazilian politics, which had noticeable effects on foreign policy discussions. Though they were not immediately able to force the government to change Brazil's traditional positions on the Israeli–Palestinian conflict, the vocal Christian pastors and lawmakers did at

⁷³ Os pastores e deputados Roberto de Lucena do PV-SP, Franklin Lima do PP-MG, e Pastor Eurico PHS/PE, além de outros quatro parlamentares, encaminharam a Temer uma moção de repúdio ao voto brasileiro contra Israel em reunião da Unesco (DEPUTADOS, 2017).

least contribute to the unprecedented politicization of relations with Israel—which also comported with the stance of some institutions of the Brazilian Jewish community. The election of Trump in 2016, and particularly his decision to move the US embassy to Jerusalem a few months later, proved to be a game-changer for Israel—and, likewise, for Brazilian foreign policy⁷⁴ (CASARÕES; FELDBERG, 2021, p.81).

Ao procurarem por um candidato que se mostrasse aberto à criação de maiores laços entre Brasil e Israel, sionistas cristãos no Brasil encontraram em Jair Bolsonaro a pessoa para levar adiante suas aspirações. De forma inédita, um tema de política externa brasileira nunca tivera tanta visibilidade em uma corrida presidencial (CASARÕES; FELDBERG, 2021).

4.2 Bolsonaro Deputado

O Pastor Silas Malafaia, íntimo da família Bolsonaro - tendo realizado seu casamento com sua terceira esposa, Michelle Bolsonaro, além de atuar como conselheiro matrimonial do casal - regularmente organiza viagens turísticas e espirituais (que chama de caravanas) para Israel, propaga a ideia comum no meio evangélico de que aqueles que abençoam Israel serão igualmente abençoados por Deus (LIMA, 2022) (MACHADO, 2019):

Primeiro eu quero fazer um esclarecimento, que eu fico vendo o jornalista falar bobagem. A maioria dos evangélicos apoia a Israel, não tem nada a ver com escatologia; por que Jesus vai voltar. Tem a ver com a promessa feita a Abraão em Gênesis 12: “abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem” (PASTOR, 2019).

Mesmo na figura de líder religioso, porém, Malafaia recorre ao desenvolvimento de Israel e suas conquistas técnicas como argumento a favor do país. Em uma *live* de 2018 no canal do Youtube do então candidato Bolsonaro, na qual chama Israel de nação exemplar, o Pastor exalta a forma como transformaram o deserto do Neguev em terras cultiváveis e, de forma um tanto desconexa e subentendida, sugere isso como um modelo para o Nordeste brasileiro (LIVE, 2018). Bolsonaro, ainda deputado federal, manifestava

⁷⁴Quando Temer assumiu o cargo, os líderes evangélicos saltaram para o centro da política brasileira, o que teve efeitos perceptíveis nas discussões de política externa. Embora eles não tenham conseguido imediatamente fazer o governo mudar as posições tradicionais do Brasil em relação ao conflito israelense-palestino, os pastores cristãos e parlamentares vocais contribuíram pelo menos para a politização sem precedentes das relações com Israel, o que também estava em consonância com a postura de algumas instituições da comunidade judaica brasileira. A eleição de Trump em 2016, e especialmente sua decisão de mudar a embaixada dos EUA para Jerusalém alguns meses depois, provou ser um ponto de virada para Israel e, da mesma forma, para a política externa brasileira.

a mesma ideia em discursos na Câmara. Em vídeo postado nas redes sociais, alternando informações sobre a o tratamento de água para a agricultura israelense e a seca no nordeste brasileiro, Bolsonaro arremata com um clipe de discurso na Câmara. Nele diz que muito do que viu lá (Israel) poderia ser aplicado no Brasil “para o bem do nosso povo”. No mesmo discurso menciona também o seu batismo pelo Pastor Everaldo, presidente do então partido de Bolsonaro (Partido Social Cristão) nas águas do Rio Jordão (ISRAEL, 2017); (SAKAMOTO, 2020).

Essa aproximação do discurso de Bolsonaro com o movimento evangélico, porém, é relativamente recente. Um exame das notas taquigráficas do Congresso Nacional revela que, durante a primeira metade da década de 1990, o então deputado Jair Bolsonaro se ocupava majoritariamente de temas específicos das Forças Armadas, principalmente questões salariais, previdenciárias e de benefícios da classe. Visto como ato intolerável de indiscrição o fato de um militar reclamar da remuneração da classe, essa pauta de Jair Bolsonaro, que vinha já desde os seus tempos de vereador no Rio de Janeiro, resultara em indisposição com o alto comando do exército, culminando em uma investigação de Jair Bolsonaro pelo Serviço Nacional de Informação (SNI) (PIVA, 2022).

Nesse período (anos 1990), em uma das raras vezes que abordou outra pauta no plenário da câmara dos deputados, tratou do tema do planejamento familiar no dia 3 de abril de 1992, sugerindo a necessidade de se reduzir as taxas de natalidade no país através de operações de vasectomia e laqueadura. Curiosamente, apesar de defender a vasectomia e laqueadura como formas de controle de natalidade, para reforçar seu argumento, anexou ao seu discurso uma matéria da Folha de São Paulo registrando que a China iniciaria a distribuição em massa de remédio abortivo para sua população como forma de controle de natalidade (BRASIL, 1992), algo fundamentalmente divergente do posicionamento evangélico em relação ao aborto. Retomaria o tema da esterilização em massa em setembro de 1995 em discurso que elogiou medidas semelhantes por Alberto Fujimori, censurou a então primeira-dama dos EUA por criticar a política chinesa de controle de natalidade e acusou a Igreja Católica de ser uma grande responsável pela miséria no país:

No Brasil já existe um contingente favorável à aplicação de medidas semelhantes, a idéia (sic) só não deslanchou ainda pelo temor às reações da Igreja Católica, que, diga-se de passagem, é uma das grandes responsáveis pela miséria que grassa em nosso meio. A Santa Sé deveria respeitar, pelo menos, os brasileiros que acreditam em Deus mas não são católicos (BRASIL, 1995, p.23249).

Israel, por sua vez, só viria figurar em seus discursos em 2003, apresentado como vítima de terrorismo, em uma crítica a Yasser Arafat (BRASIL, 2003). Bolsonaro voltaria a defender Israel em 2010 por ocasião de uma operação militar israelense em alto-mar que resultou na morte de 10 ativistas de direitos humanos em embarcações rumo à faixa de Gaza, a 60 quilômetros do litoral do país (BRASIL, 2010); (SHERWOOD, 2010). Para Bolsonaro, Israel assumia o lugar de vítima de terrorismo ou de alvo de ameaças internacionais, como o programa nuclear do Irã. Também figurava como nação injustamente condenado pelo PT, acusado pelo deputado de ser perigosamente conivente com o regime iraniano:

Esse Governo sempre esteve ao lado de ditaduras e de ditadores e sempre defendeu regimes de países que nunca admitiram liberdade em seu solo, como o de Fidel Castro. Dilma Rousseff é, no sentido figurativo, apaixonada por Fidel Castro, apaixonada pelo regime norte-coreano. Lula, há pouco tempo, enquanto Presidente, esteve no Irã e fez de tudo junto à comunidade de energia nuclear do mundo para que o Irã enriquecesse urânio acima de 20%. E eles queriam a bomba atômica para quê? Para varrer Israel! Esse Governo tem aparelhado tudo neste País (BRASIL, 2015).

Em 2014, no mesmo incidente em que o Brasil foi chamado de “anão diplomático” (GORTÁZAR, 2019), como forma de se marcar como oposição ao PT, no contexto de operações de Israel em Gaza que custaram a vida de cerca de 2 mil palestinos e 70 israelenses, Bolsonaro enviou uma carta à embaixada de Israel no Brasil se desculpando pelo governo Dilma ter considerado “desproporcional” a represália. Na nota, destacou o envolvimento da presidente com guerrilhas durante a ditadura, sugerindo o motivo de sua conivência com o terrorismo e chamou de “destrambelhada, inoportuna, hipócrita e covarde⁷⁵” a manifestação do governo brasileiro (BOLSONARO, 2014).

Esse padrão mudaria em 8 de agosto de 2016 quando, em um discurso mais longo, Bolsonaro tratou Israel como país exemplar no desenvolvimento tecnológico e segurança, superando diversas dificuldades geográficas e climáticas:

Estive, há pouco, com o meu filho Eduardo em Israel. No tocante às suas dimensões, Israel é menor, territorialmente, do que o menor Estado brasileiro, Sergipe. Eles não têm nada lá, é o único país que não tem sequer petróleo. Só tem areia e pedra, mas lá há um povo e políticos que têm vergonha na cara. Olhem o que eles não têm e o que eles são! Olhem o que nós temos e não somos! É vergonhoso! Eles criam peixe no deserto. Não têm água potável, mas exportam água potável para a Jordânia. Só têm areia e pedra, mas têm uma agricultura de fazer inveja à agricultura

⁷⁵ Ver anexo A para ler a nota integralmente.

brasileira. A precipitação pluviométrica é menor do que a do Sertão nordestino. O Sertão nordestino é uma miséria, e lá é um oásis (...) Apesar de ser uma ilha de democracia naquela região, Israel é muito mais seguro do que o Brasil. E o Deputado Alberto Fraga estava aqui, há pouco, discutindo a questão da segurança. Apesar de a arma ser liberada lá, inclusive fuzil, Deputado Cabo Sabino, vi jovens com fuzil na praça. O serviço militar obrigatório, naquele país, é de 3 anos para o homem e de 2 anos para a mulher (BRASIL, 2016a, p.31).

Depreende-se desse breve histórico que Jair Bolsonaro, com sua atuação focada principalmente nos interesses da caserna, não dispensava muita atenção à temas ligados ao cristianismo no Brasil, nem era um nome natural da bancada evangélica ou historicamente ligado a ela. Também não demonstrava grande atenção às questões de política externa com Israel, preferindo, ocasionalmente, mencionar eventos contemporâneos envolvendo o país como pretexto para criticar os setores à esquerda na política nacional.

As ideias de Israel como símbolo religioso e de superação por meio do avanço tecnológico passariam a figurar no discurso de Bolsonaro com mais frequência tanto durante sua campanha como durante a sua presidência. Por exemplo, em novembro de 2017, quando participava nos Estados Unidos de um evento para seus apoiadores expatriados, ao identificar um apoiador com uma bandeira de Israel em meio ao público que o assistia, pediu que subisse ao palco com a bandeira, declarando em seguida: “Aqui um país a qual eu também me orgulho. Estive lá o ano passado. É um país que não tem nada: não tem petróleo; não tem terras agricultáveis; não tem grandes rios. Mas é um povo que sempre esteve ao lado de Deus” (BOLSONAROS, 2017). Mesmo que não fosse promessa explícita de campanha, vídeos com falas dessa natureza - editados para serem compartilhados de forma viral em redes sociais desde muito antes do período eleitoral - ajudaram a disseminar a perspectiva de que seriam feitos acordos com Israel pela implementação dessas tecnologias no semiárido brasileiro, conquistando o imaginário dos apoiadores do então candidato (OLIVEIRA, 2018).

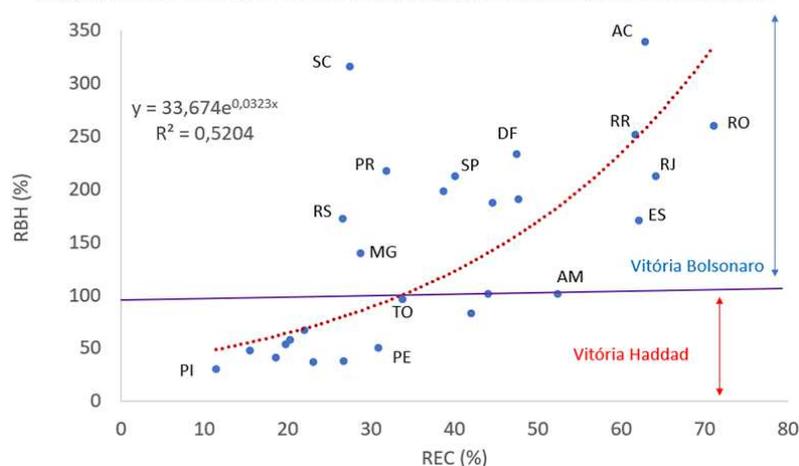
Bolsonaro também tentou aproximação com a comunidade judaica no Brasil, com diferentes graus de sucesso. Por exemplo, em 2017 sua palestra na Hebraica - clube social, cultural e esportivo da comunidade judaica em São Paulo – foi cancelada após protestos por parte de seus membros. Porém, a palestra ocorreu na Hebraica Rio de Janeiro, evento que ficou conhecido nacionalmente após vir à tona que Bolsonaro fez declarações racistas sobre quilombolas. O episódio aprofundou ainda mais a divergência na comunidade

judaica brasileira a respeito do candidato (PESSOA, 2017); (REDAÇÃO, 2017). A Confederação Israelita do Brasil (Conib) criticou o candidato pelo episódio, reforçando a defesa da comunidade pelos direitos das minorias. No entanto, mais tarde naquele mesmo ano, um grupo de apoiadores de Bolsonaro romperia com a Conib e criaria a Associação Sionista Brasil Israel (ASBI), considerando as entidades judaicas tradicionais (entre elas a Conib) tomadas pela “ideologia de esquerda”. No entanto, Mauro Nadvory, um dos coordenadores do movimento *Judeus contra Bolsonaro*, já ressaltava na ocasião que essa aproximação com os judeus no Brasil se devia muito mais ao interesse do candidato em conquistar o numeroso voto evangélico do que necessariamente o judeu, uma vez que somavam apenas uma pequena minoria de cerca de 107 mil pessoas no país (OLIVEIRA, 2018).

Apesar desses episódios, a estratégia deu resultado. A Confederação de Pastores do Brasil, agremiação das principais denominações neopentecostais do país, então sob liderança de Robson Rodovalho – também líder da Igreja Sara Nossa Terra –, declarou seu apoio a Bolsonaro ainda no primeiro turno da eleição. Conforme pesquisa do Datafolha, entre os evangélicos, Bolsonaro tinha ampla vantagem sobre seu principal opositor, Fernando Haddad (PT), com 51% da intenção de votos para aquele, contra 34% para este (MATOSO, 2018). O voto evangélico foi decisivo para a vitória de Jair Bolsonaro, com cerca de 57 milhões de votos, 55,13% do total de votos válidos e pouco mais de 10 milhões a mais que seu adversário no segundo turno.

Figura 5 – Votos válidos para Bolsonaro sobre Haddad relacionado ao número de Evangélicos sobre Católicos por Estado.

Distribuição da Razão de votos válidos em Bolsonaro sobre os votos em Haddad (RBH), no segundo turno da eleição presidencial de 2018, segundo a Razão do número de Evangélicos sobre o número de Católicos (REC), em 2010, por Unidades da Federação



Fonte: Alves, 2018

A Figura 5, elaborada por Alves (2018), mostra ser possível traçar uma relação direta substancial entre a proporção de evangélicos na população e a vitória de Bolsonaro nos diferentes Estados da Federação. Somente entre evangélicos, Bolsonaro recebeu cerca de 11 milhões de votos a mais do que Haddad, número maior que a diferença final de votos entre os dois candidatos. Embora a religião não tenha sido a única variável relevante nos resultados nas urnas, ainda assim elas mostraram um impacto expressivo no pleito e consagraram os evangélicos como uma das mais importantes e articuladas *constituencies* de Bolsonaro.

4.3 O Ministro Ernesto Araújo, o Tradicionalismo no Governo e a intersecção com Israel

Os sionistas evangélicos no governo encontrariam um curioso aliado na figura do Ministro das Relações Exteriores e das suas pitorescas e obscuras influências filosóficas. Ernesto Araújo foi o escolhido por Bolsonaro para liderar o Ministério das Relações Exteriores. A indicação veio no dia 14 de novembro de 2018 e era o oitavo ministro anunciado, em uma sequência de nomes que vinha sendo apresentada desde o dia 29 de outubro, dia seguinte à vitória do candidato (BOLSONARO, 2018a). Durante o período da campanha presidencial, Ernesto Araújo mantinha um blog chamado *Metapolítica 17 – Contra o Globalismo*⁷⁶, hoje desativado. Sem mencionar ser do Itamaraty, assim se apresentava aos leitores:

Sou Ernesto Araújo. Tenho 28 anos de serviço público e sou também escritor. Quero ajudar o Brasil e o mundo a se libertarem da ideologia globalista. Globalismo é a globalização econômica que passou a ser pilotada pelo marxismo cultural. É um sistema anti-humano e anti-cristão”. A fé em Cristo significa, hoje, lutar contra o globalismo, cujo objetivo último é romper a conexão entre Deus e o homem, tornado (sic) o homem escravo e Deus irrelevante. O projeto metapolítico, significa essencialmente, abrir-se para a presença de Deus na política e na história (SFREDO, 2018).

Ernesto Araújo era uma das figuras do governo mais ligadas ao polemista virtual Olavo de Carvalho. Ganhou a atenção do clã Bolsonaro já em 2017, após a publicação de um artigo intitulado “Trump e o Ocidente”, em uma revista do Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais do Ministério das Relações Exteriores. Nesse texto apresentava uma defesa da política externa de Trump e criticava o Globalismo, aspecto recorrente e basilar de sua leitura de mundo. O texto chegou até Olavo de Carvalho, que elogiou

⁷⁶ O 17 era uma referência ao número do então candidato Jair Bolsonaro.

publicamente em suas redes sociais e mais tarde o endossaria junto a Bolsonaro como Ministro. Se mostrava um integrante do Itamaraty com as ideias mais alinhadas às do presidente sobre os rumos da política internacional, se tornando candidato ideal à organização da política externa do governo de acordo com a visão de mundo do polemista Olavo.

A carreira de Araújo no ministério foi discreta. Ingressou no Itamaraty em 2001 e, ao longo de uma carreira quase toda sob governos do PT, negociou acordos comerciais, se tornou especialista na tarifa externa comum do tratado de comércio do Mercosul e atuou em capitais europeias como Berlim e Bruxelas. Atuou também em Washington, como encarregado de negócios, posição logo abaixo do então embaixador Mauro Vieira. Em razão de seu perfil discreto, a postura destoante e as ideias incomuns do agora Ministro surpreenderam colegas de Itamaraty⁷⁷ (AMADO, 2022).

A gestão de Araújo ficou caracterizada por uma subordinação virtualmente automática aos Estados Unidos de Trump, frequentemente apontada como desvantajosa para os interesses Brasileiros (AMADO, 2022); (THOMAZ; VIGEVANI; FERREIRA, 2021). O desejo de transformar o Brasil em principal aliado dos Estados Unidos na América do Sul era uma ambição que Trump, ao menos ostensivamente, apoiava. Essa aproximação com os Estados Unidos também implicava em uma aproximação de Brasília com a política de Washington para o Oriente Médio e Israel (CHATIN, 2019). A aproximação com os Estados Unidos, no entanto, era condicionada a quem ocupava a Casa Branca. Bolsonaro declarou seu apoio explícito a Trump na disputa com Joe Biden nas eleições de 2020, além de propagar no Brasil teses conspiratórias de fraude nas eleições americanas e ser o último país do G20 a reconhecer a vitória de Biden, 38 dias após a vitória do candidato Democrata. No mesmo dia da eleição nos Estados Unidos, Araújo, por meio da Fundação Alexandre de Gusmão, lançou o livro *A Nova Política Externa Brasileira*, no qual publicou artigos e entrevistas suas que refletiam sua visão para o lugar do Brasil no mundo. O livro não economizava elogios à Donald Trump e admissões de admiração pessoal de Araújo pelo presidente americano (ARAÚJO, 2020).

A grande tônica da visão de mundo de Araújo é a luta contra o que ele chama de Globalismo e queria inserir o Brasil em uma posição diametralmente oposta a isso,

⁷⁷ De acordo com matéria da jornalista Juliana Dal Piva (2019), em 2011 Ernesto Araújo chegou mesmo a defender a atuação em resistência armada da então presidente Dilma durante a ditadura.

implicando em mudanças profundas no próprio papel do Brasil no sistema internacional, o equivalente a uma completa mudança de Orientação Internacional, de acordo com a tipologia proposta por Hermann (1990). É difícil apresentar uma definição simples do que é o Globalismo para o ex-ministro pois, na forma que articula a ideia, o Globalismo é na verdade uma designação abrangente – um *umbrella term* – para uma coleção de fatores considerados negativos por Ernesto Araújo. Por exemplo:

É claro que a palavra “globalismo” remete a essa questão dos organismos multilaterais, mas acho que isso é um instrumento. Por isso que as pessoas perguntam: “onde é que está o globalismo?” Claro, ele não está em um lugar, porque ele é um sistema; é um sistema, como eu digo, de antipensamento, que começou como que a se replicar sozinho na cabeça das pessoas. Por isso acho que ele é tão difícil de combater. Porque se fosse uma instituição, uma “Central Mundial do Globalismo”, você vai lá e você toma, ou tenta tomar. Mas o problema é que é como se fosse um vírus de computador que se espalhou na cabeça das pessoas. Como eu digo, eu enxergo o globalismo como o pensamento marxista capturando a globalização (ARAÚJO, 2020, p. 126).

Para Araújo (2020), o Globalismo seria uma manifestação de uma conspiração marxista global que, através da captura do “meio de produção de ideias” (2020, p.85) visaria atacar valores tradicionais de um povo, substituindo-os por *ideais marxistas*. Paulatinamente, discretamente e como um vírus, esses ideais marxistas avançariam sobre as instituições, reforçando a erosão dos valores tradicionais, para finalmente implementar uma sociedade comunista. Preocupação com clima, mudanças na linguagem, o politicamente correto, *ideologia de gênero* e até mesmo a economia liberal seria uma faceta desse marxismo travestido, ou Globalismo. De acordo com Araújo, portanto, a forma de resistir esse avanço seria através de uma recuperação da “supremacia dos valores humanos, dos valores humanistas (uma versão dos valores conservadores) sobre a globalização” (2020, p. 85).

As ideias de Araújo não são originais. Elas são rearticulações de alguns temas já conhecidos por serem aventadas em círculos conspiratórios de direita há algum tempo, como o “Marxismo Cultural” e o “Gramscismo”⁷⁸ (JAMIN, 2018). Um inquestionável e influente difusor dessas ideias no Brasil foi Olavo de Carvalho, algo admitido e declarado

⁷⁸ *Gramscismo* seria uma referência ao pensamento de Antônio Gramsci (1891-1937), o marxista italiano que na primeira metade do século passado fez uma releitura da relação entre estrutura e superestrutura no pensamento de Marx. Sua análise sobre o papel da hegemonia cultural como meio de controle da classe dominante sobre a sociedade o leva a argumentar a favor de uma contra-hegemonia para viabilizar uma transformação radical da sociedade.

pelo próprio Ernesto Araújo que lhe atribui o título de, já nos anos 1990, ser “talvez a primeira pessoa no mundo a ver o globalismo como resultado da globalização econômica, a entender seus propósitos impiedosos e a começar a pensar em como derrubá-lo (ARAÚJO, 2020, p. 55)”. O anti-globalismo de Araújo, no entanto, é apenas uma das várias peças que se encaixam dentro de um arcabouço de ideias políticas conhecido pelo nome de Tradicionalismo, ou Tradicionalismo Guénoniano⁷⁹.

O Tradicionalismo é uma espécie de escola filosófica e espiritual relativamente recente, surgida em meio a um círculo pequeno de místicos - especialmente no pós-Segunda Guerra Mundial - desencantados com a modernidade, dos quais se destacam René Guénon (1886-1951), Julius Évola (1898-1974) e Frithjof Schuon (1907-1998). René Guénon foi um pensador francês que acreditava que houve uma religião ancestral comum, uma Tradição perene, que foi fragmentada e sobrevivia de maneira incompleta em diversas tradições religiosas no mundo contemporâneo, especialmente no Oriente, como por exemplo no hinduísmo, zoroastrianismo e islamismo. Se converteu a esta última, praticando a tradição sufi e veio a morrer no Cairo. Julius Evola era um barão italiano bastante influente no Tradicionalismo, mas que não compartilhava do mesmo entusiasmo com a espiritualidade do Oriente. Acreditava em hierarquias, com a espiritualidade no topo e o material na base. Suas hierarquias incluíam também aquelas entre raças, com a branca ariana acima de semitas e negros; de sexo, com o masculino acima do feminino; e geográfica, com o Norte acima do Sul. Curiosamente – em contraste com alguns de seus seguidores posteriores, como Olavo de Carvalho - ambos consideravam o cristianismo como uma religião decadente que perverteu os valores Tradicionais observados em outras religiões globais. Frithjof Schuon, aluno considerado espécie de herdeiro de Guénon, por sua vez, seguiu os passos do mestre, se convertendo

⁷⁹ Tradicionalismo aqui não deve ser confundido com outras formas de Tradicionalismo (Católico, por exemplo) e o próprio Conservadorismo. Embora num sentido lato as duas palavras possam ser usadas de maneira similar, denotando uma atitude de manutenção de costumes e tradições, enquanto forma de pensamento político, Tradicionalismo e Conservadorismo significam coisas diferentes. Por Conservadorismo descreve-se uma tradição de pensamento político com origem (ou articulação inicial) no inglês Edmund Burke e que argumenta que a sociedade existe em função de uma coleção de costumes e tradições que refletem a resultante das tentativas e erros de pessoas tentando ajustar o seu convívio com as demais. A destruição negligente e incauta desses costumes, portanto, colocaria em risco a manutenção saudável da sociedade, daí a propensão Conservadora a preservá-las e à atitude cautelosa com o progresso. O Conservadorismo, assim posto, é mais uma predisposição difusa à manutenção daquilo que o indivíduo considera importante para manutenção do funcionamento da sociedade do que um projeto político elaborado com diagnósticos e remédios claros (SCRUTON, 2016). Já o Tradicionalismo discutido no presente trabalho será referente àquele derivado das ideias de René Guénon (portanto Guénoniano) e é um sistema místico-filosófico, com uma visão metafísica particular que propõe um esquema da história e do futuro, assim como uma visão para a sociedade.

ao Islã e se declarando líder – *Shaykh* – de uma Tariqa Sufi⁸⁰ na Basileia e que mais tarde implantaria nos Estados Unidos, chamada de *Maryamiyya*. Tentou sintetizar ensinamentos de seu professor, implementar rituais bastante ecléticos oriundos de influências tão diversas quanto as religiões dos nativos americanos e o cristianismo ortodoxo. Esse universalismo contrastava com o exclusivismo de Guénon, que demandava devoção absoluta a apenas uma tradição. Adotava, porém, as hierarquias raciais de Evola, considerando a miscigenação entre raças como um produto do caos da modernidade (SEDGEWICK, 2020, 2021); (TEITELBAUM, 2021).

Por muitos anos, essas ideias circularam de forma discreta entre um pequeno número de radicais da extrema direita, mas, na última década, alguns tradicionalistas se tornaram figuras de alta visibilidade, alcançando posições influentes junto a algumas lideranças conservadoras. Nomes como Steve Bannon, articulador da campanha de Donald Trump nos Estados Unidos, e posteriormente conselheiro em seu governo; Aleksander Dugin, cujas ideias foram aproveitadas pelo Kremlin sob Vladimir Putin; e o próprio Olavo de Carvalho, bastante próximo de Jair Bolsonaro e considerado espécie de guru do ex-presidente (TEITELBAUM, 2021); (ZANINI, 2022).

Benjamin Teitelbaum (2022), que observou e documentou a ascensão recente do movimento observa que é mais fácil entender aquilo que é rejeitado pelos Tradicionalistas do que aquilo que é defendido por eles. Os Tradicionalistas, acima de tudo, rejeitam a modernidade, compreendida como o método de organização da vida social que veio a se estabelecer a partir do século XIX.

Os tradicionalistas aspiram a ser tudo que a modernidade não é – comungar com o que eles acreditam serem verdades e estilos de vida transcendentais e atemporais, em vez de buscar o “progresso”. Alguns Tradicionalistas trabalham seus valores em um sistema de pensamento que vai muito além da divisão política moderna de esquerda ou direita: alguns até dizem que esse sistema está além do fascismo. Consequentemente, esse sistema infundiu o pensamento de propagadores da direita anti-imigração, populistas e nacionalistas, e o fez de maneira estranha. É anticapitalista por exemplo, e pode ser anticristão. Condena o Estado-nação como uma construção modernista e admira aspectos do islã e do Oriente em geral (TEITELBAUM, 2021, p. 20).

⁸⁰ Tariqa é o nome dado a uma espécie de ordem ou escola mística dentro do sufismo islâmico, liderado por um líder espiritual – o *shaykh* - em torno do qual os iniciados aprendem mistérios espirituais e seguem rituais para atingir a iluminação. Ao contrário da criada por Schuon, as Tariqas do mundo islâmico não são secretas.

De acordo com Sedgwick (2021), para os Tradicionalistas, a modernidade se opõe à Tradição Perene, conhecida apenas por uma minoria de iniciados. O “progresso” é, portanto, uma ilusão que esconde, na verdade, um estado de declínio. Tradicionalistas dessa vertente Guénoniana descrevem o atual estágio da história como Kali Yuga⁸¹, termo da escola da filosofia Hindu Vedanta que se refere a uma era de Caos e degeneração (SEDGWICK, 2021).

No Brasil, o Tradicionalismo chegou no começo do século XX por meio de Fernando Guedes Galvão (1900/01 – 1984) - que estudou sob Guénon - e, principalmente, de Michel Veber que, nascido na França, emigrou para o Brasil nos anos 1950. Em 1980 Veber foi convidado para dar uma palestra sobre Guénon na Escola Júpiter, fundada poucos anos antes por um grupo de astrólogos, dentre os quais, o então jornalista *freelancer* Olavo de Carvalho. Olavo gostou da palestra, convidou Veber para mais apresentações e, logo, fundaria seu próprio Instituto de Estudos Tradicionais. Afirmando ser necessário uma prática esotérica em paralelo ao estudo intelectual do tradicionalismo, se juntou primeiro a um grupo de tradicionalistas da Argentina no Brasil e, após desentendimentos com estes que acabariam na justiça, entrou em contato com seguidores do próprio Schuon em Bloomington, nos Estados Unidos. Seguindo o exemplo de outros tradicionalistas, se *converteu*⁸² ao Islamismo, sendo nomeado *muqaddam* (representante sufi) da Tariqa *Maryamiyya* de Schuon no Brasil. Como foi o caso do grupo anterior, Olavo se desapontaria também com a *Maryamiyya*. Após o que relatou ser uma experiência incomum refletindo sobre os milagres do Padre Pio, reveria algumas de suas crenças esotéricas e se converteria ao catolicismo romano (SEDGWICK, 2020); (TEITELBAUM, 2021).

O cristianismo de Olavo e as suas interpretações particulares – frequentemente críticas - de nomes importantes do Tradicionalismo fizeram dele uma figura excêntrica dentro do movimento. A convergência entre os evangélicos e o Tradicionalismo de Olavo de Carvalho e seus seguidores, como Ernesto Araújo não é imediatamente óbvia e tem traços de casamento de conveniência mais do que profunda identificação mútua. O

⁸¹ Era da Kali, demônio hindu associado ao mal, caos, desarmonia, erro. A Vedanta é, junto com o Sufismo e Taoísmo, admirada pelos tradicionalistas.

⁸² Olavo de Carvalho negaria sua conversão alegando que, como Guénon, tradicionalistas compreendem a conversão de maneira distinta do entendimento comum dado ao termo, preferindo dizer que *entraram* em determinada religião. Para todos os efeitos, porém, Carvalho – então chamado de Sidi Muhammad - e seu grupo de seguidores tradicionalistas parecem ter seguido a religião e seus rituais de forma muito mais diligente e pública que seus pares tradicionalistas na Europa (SEDGWICK, 2020).

Tradicionalismo, tal qual avançado por Guénon e Schuon parte de premissas distintas daquelas dos Evangélicos Neopentecostais e almeja fins diferentes. A proximidade entre Cristianismo e Tradicionalismo é um desvio relativamente recente das ideias dos Tradicionalistas originais, apesar de ser observado no pensamento de pessoas como Aleksandr Dugin, Steve Bannon e o próprio Olavo de Carvalho, os Tradicionalistas de maior visibilidade da atualidade. Embora haja disputa em suas visões particulares sobre o que realmente é o cristianismo⁸³, a religião antes desprezada pelos tradicionalistas passou a ser encarada cada vez mais como um aspecto importante da Tradição no Ocidente e um dos remédios para reverter o que diagnosticam como um declínio da sociedade ocidental sob o laicismo e ateísmo. Ainda assim, a relação de Olavo com o Cristianismo, era bastante polêmica, sendo comuns os embates públicos com lideranças tanto evangélicas como católicas (CARVALHO, 2007); (CARVALHO; DUGIN, 2012); (GONÇALVES, 2020); (OLAVO, 2019).

Apesar das dinâmicas distintas da ala tradicionalista e evangélica na base do governo Bolsonaro, essas duas forças, no entanto, convergiam em um apoio tácito à aproximação do Estado brasileiro com Israel. As razões para esse apoio variaram entre o aspecto simbólico de Israel para a história do cristianismo e as conquistas técnico-científicas do pequeno país mediterrâneo. Essa convergência pode ser sintetizada, por exemplo, por Ernesto Araújo em argumento dado para defender a importância de Israel para a política externa brasileira, quando declarou o seguinte em uma aula magna de março de 2019 no Instituto Rio Branco:

E tem também o aspecto simbólico, aqui voltando à questão dos valores. Israel, para muitos brasileiros, por causa da sua fé, é a Terra Santa, tem uma associação, é onde está o Santo Sepulcro. Isso não é algo banal. É claro que, para uma civilização totalmente tecnocrática, tanto faz, mas para pessoas que têm outro tipo de conexão com seu próprio passado, com sua realidade, com sua fé, no caso, é diferente. Então esse aspecto simbólico – no sentido não de menor significação, mas no sentido de símbolo, no sentido mais profundo – é também fundamental na nossa relação com Israel (ARAÚJO, p. 103, 2020)

⁸³ Em um já celebre debate virtual (disponível em: <https://debateolavodugin.blogspot.com> e posteriormente publicado em livro) entre Olavo de Carvalho e Aleksandr Dugin, ocorrido entre março e julho de 2011, ficaram claras as diferenças significativas quanto a interpretação de ambos sobre o cristianismo. Dugin defendia a Igreja Ortodoxa como autêntico repositório do cristianismo, enquanto via o cristianismo do Ocidente como algo decaído em individualismo. Olavo partia para o exato oposto, enxergando no cristianismo ocidental, especialmente aquele existente nos EUA, como a mais forte expressão de manutenção de sociedades comunitárias, ao passo que sugeriu, na própria centralização da igreja russa, as sementes do posterior totalitarismo e anticristianismo soviético. Também discordaram fortemente sobre Israel moderno, com Olavo defendendo o país e Dugin criticando duramente sua conduta com relação aos palestinos. O debate terminou em termos pouco amigáveis entre os dois (CARVALHO; DUGIN, 2012).

4.4 Bolsonaro Presidente

As sinalizações de Bolsonaro a Israel quando deputado e candidato não passaram despercebidas em Jerusalém e, em gesto inédito, mesmo em meio a uma crise política doméstica, um premiê Israelense veio ao Brasil para a posse de um presidente (GOVERNO, 2018). Benjamin Netanyahu, ainda na ocasião de sua breve visita ao Brasil, declarou publicamente, em evento com a comunidade judaica no Rio de Janeiro, que reconhecia a importância do Brasil no contexto Sul-americano⁸⁴ e que Bolsonaro o assegurara que a mudança da embaixada para Jerusalém: “não é uma questão de ser, mas uma questão de quando” (BOLSONARO, 2018b). Outro sinal de aproximação veio ainda em janeiro quando, após o rompimento da barragem de Brumadinho, Bolsonaro anunciou a vinda de uma missão de busca e salvamento de Israel para encontrar vítimas da tragédia em Minas Gerais. A operação permaneceu no Brasil por uma semana sendo ocasião de iniciativas diplomáticas e para melhorar a imagem de Israel com a população (TOLEDO, 2019). A viagem de Bolsonaro a Israel seria uma continuação importante dessa troca de gentilezas e demonstraria o grau de comprometimento do recém-empossado presidente com sua promessa de campanha de seguir o exemplo dos Estados Unidos na transferência da embaixada de Tel Aviv para Jerusalém (BOLSONARO, 2018b). Recém-empossado, após vitória significativa no segundo turno das eleições, e com a mudança da embaixada dos Estados Unidos pelo governo Trump há menos de um ano, o momento se mostrava uma importante *Policy Window*, emprestando a expressão de Kingdon empregada por Gustavsson (1999) para definir os momentos-chave em que oportunidades para mudanças de uma política se apresentam.

Tabela 3 - Acordos celebrados entre Brasil e Israel por presidência

Governo	Número de Acordos
Bolsonaro (2019–2022)	4
Temer (08/2016–2018)	2
Dilma (2011–08/2016)	1
Lula (2003–2011)	12

Fonte: Elaborado com dados da Plataforma Concórdia

⁸⁴ O foi no governo do próprio Netanyahu que o episódio do ano diplomático ocorreu. A mudança de tratamento era evidente. A viagem rendeu ao primeiro-ministro uma condecoração com a Ordem do Cruzeiro do Sul, que é a mais alta honraria brasileira destinada a estrangeiros (NETANYAHU, 2019).

A viagem de 4 dias contou com a assinatura de 4 acordos bilaterais (ver Tabela 3) nos campos de defesa, saúde e tecnologia⁸⁵. Também foi marcado por ser o primeiro presidente a visitar o Muro Ocidental (ou das Lamentações) ao lado de um premiê israelense (BOLSONARO, 2019). O muro é simbólico para o judaísmo e um destino político polêmico por se encontrar na parte Oriental de Jerusalém, um território disputado. No entanto, apesar das expectativas quanto à embaixada, Bolsonaro se limitou a anunciar apenas a abertura de um escritório comercial em Jerusalém que não teria status diplomático nem seria ocupado por pessoal da carreira diplomática nacional. Mesmo com o simbolismo da visita ao Muro, a medida efetivamente não reconhecia Jerusalém como capital, de forma que o premiê israelense declarou que esperava que aquele gesto inicial conduziria eventualmente à mudança definitiva da embaixada (QUERO, 2019). O que na tipologia de Hermann (1990) era anunciado como uma Mudança de Problemas/Objetivos como forma de reescrever os objetivos da política externa do Brasil para a região, dentro do contexto mais amplo de uma mudança de Orientação Internacional, resultou em um gesto simbólico que se adequa a uma Mudança de Ajuste mais modesta. A decisão, aquém das expectativas de Jerusalém, foi mal-recebida por países árabes⁸⁶ e frustrou parte de sua base evangélica⁸⁷. Bolsonaro repetidas vezes tentou explicar a escolha. Em entrevista ao pastor Silas Malafaia publicada no dia 3 fevereiro de 2020⁸⁸, quando indagado sobre Israel, deu uma longa resposta aqui transcrita em sua totalidade:

⁸⁵ São eles: Acordo para Cooperação em Ciência e Tecnologia entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo do Estado de Israel; Acordo entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo do Estado de Israel sobre Cooperação em questões relacionadas à Defesa; Acordo entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo do Estado de Israel para Cooperação em Segurança Pública, Prevenção e Combate ao Crime Organizado; Acordo sobre Serviços Aéreos entre a República Federativa do Brasil e o Estado de Israel. Para um histórico dos acordos celebrados entre Brasil e Israel desde o ano 2000, ver Apêndice E, para mais dados colhidos da Plataforma Concórdia do Ministério das Relações Exteriores.

⁸⁶ Em um comunicado de 19/12/2019 o Conselho da Liga dos Estados Árabes demonstrou sua insatisfação com a abertura do escritório em Jerusalém declarando que o ato representava “uma grave regressão e violão do status legal internacional” da cidade e pedia ao Brasil para desistir da decisão como forma de preservar o posicionamento histórico do país quanto a questão (GRAVE, 2019).

⁸⁷ Além da insatisfação expressa por evangélicos em redes sociais na internet, o deputado e pastor Marco Feliciano fez provocação no mesmo dia, alegando respeitar a abertura do escritório, mas que o eleitorado evangélico, que dera expressiva vantagem a Bolsonaro, esperava que ele cumprisse sua palavra de mudar a embaixada. Já o parlamentar Sóstenes Cavalcante (DEM-RJ), próximo de Silas Malafaia, disse lamentar profundamente a decisão do presidente de se limitar apenas à abertura do escritório (EVANGÉLICOS, 2019).

⁸⁸ A publicação da entrevista correu poucos dias após um incidente especialmente embaraçoso para o governo Bolsonaro. Roberto Alvim, da Secretaria Nacional de Cultura, publicou um vídeo cuja estética e parte do conteúdo tomava inspiração em Joseph Goebbels, ministro da Alemanha Nazista. O incidente repercutiu nacionalmente, com forte condenação por diversas organizações da comunidade judaica no Brasil. Roberto Alvim foi demitido logo em seguida, com a embaixada israelense no Brasil endossando a

Estava em Goiânia num carro de som quando alguém mostrou pra mim: “olha o Trump acabou de decidir pela mudança da embaixada para Jerusalém.” Tinha um cara lá na... uma bandeira azul com o símbolo de Davi - isso mesmo? O cara trouxe a bandeira, eu peguei e falei que ia assumir esse compromisso publicamente. Não sabia dos problemas ainda. O que acontece? Você sabe que eu tenho viajado o mundo. Até mandei algumas mensagens para você: “tô nesse país aqui a aceitação é oito... tinha cinco até. Então nós temos conversado com lideranças de países vizinhos, falando que é uma questão interna nossa. Não é pra afrontá-los; uma questão de entendimento nosso.

Demos um grande passo há poucos dias, o Eduardo Bolsonaro, com Benjamin Netanyahu, bem como o nosso almirante, presidente da APEX, inauguramos um escritório lá em Jerusalém. É lógico que foi dado mais um passo. O sentimento que eu tenho... e todos essas conversas foi num reservado: Arábia Saudita, cadar (sic)... Catar, Emirados Árabes entre outros só com o intérprete ali olha a situação é essa. Só teve uma que achou que ficou meio assim... mas deu sinal verde. Os outros chefes de estado (ininteligível) é uma coisa interna do Brasil.

Então estamos caminhando para isso. Não vou dizer 20, no máximo 21, se Deus quiser, vai nascer sem atritos. Falo muito da questão comercial. O comércio hoje em dia não tem... não tem ideologia. Você vai deixar de comprar do Brasil por uma questão dessa vai comprar de outro país, vai aumentar o preço pro lado de lá... E nós não estamos afrontando, Malafaia; nós estamos conversando, Malafaia. É o convencimento. Pode ter certeza que você será o primeiro a saber e será convidado pra esse ato. se Deus quiser, não vai demorar pra acontecer (ENTREVISTA, 2020).

Exatos 20 dias após a publicação dessa entrevista, em 23 de fevereiro de 2020, o Brasil registrou seu primeiro caso de COVID-19. Nas próximas semanas, a pauta política e jornalística seria dominada pela nova doença e suas consequências devastadoras (FERRAZ, 2020). Com as atenções sobre outro tema, as relações com Israel perderam destaque. As referências ao país pelo presidente continuaram em seus discursos, mas há uma ausência de iniciativas mais concretas ou visíveis de aproximação. Israel voltaria brevemente às manchetes no Brasil no início de 2021 quando uma comitiva diplomática e política de 10 pessoas, chefiada por Ernesto Araújo – já então ex-ministro - e contando com a presença de Eduardo Bolsonaro, visitou o país buscando firmar parcerias de compartilhamento de tecnologias para o combate à pandemia e aquisição de um spray nasal. Apesar de planejada desde maio de 2020 e marcada por gafes da comitiva brasileira⁸⁹, a viagem terminou sem acordo – sob alegação de recusa de assinatura pelo

demissão, além de uma reunião privada de Bolsonaro com Yossi Shelley, o embaixador israelense (COMO, 2020).

⁸⁹ Por causa de membros não vacinados, a comitiva teve que ficar confinada ao hotel durante a visita, saindo apenas para os eventos oficiais agendados. Em um desses eventos, Ernesto Araújo teve que ser orientado pela organização a colocar a máscara de proteção para tirar foto oficial junto ao seu interlocutor israelense.

Ministério da Saúde brasileiro - e com sigilo imposto sob diversos telegramas diplomáticos tratando da viagem (SOARES, 2021). A queda do governo Netanyahu em junho de 2021 também contribuiu para um distanciamento, uma vez que Bolsonaro, após a derrota de Trump nas eleições americanas, o tinha como um dos poucos líderes internacionais com os quais era alinhado no cenário internacional (URIBE, 2021).

Além do plano retórico de ministros e figuras influentes no seu governo, um sinal importante das prioridades da política externa brasileira sob Bolsonaro pode ser medido de maneira prática pelas viagens internacionais realizadas durante seu governo, um total de 24 viagens internacionais durante a sua presidência, visitando 22 países distintos. Em parte devido ao impacto da pandemia global de COVID-19, é um número baixo quando comparado aos 38 primeiros meses de Fernando Henrique (43 viagens), Lula (90 viagens) e Dilma (53 viagens) (CONFIRA, 2022). Oito dessas viagens tiveram como destino os Estados Unidos, metade delas quando o país era governado por Donald Trump e foi, de longe, o país mais visitado, para onde fez sua última viagem após perder as eleições em 2022. Ignorou também destinos tradicionais das viagens presidenciais do Brasil. No caso da América Latina, deixou de visitar México, Colômbia, Peru e Bolívia, mostrando a baixa prioridade à agenda de integração regional (LOPES, 2022). Também não visitou a África durante seu governo, quebrando com uma tradição de todos os presidentes do Brasil desde a redemocratização (MACIEL, 2022).

Destacam-se, no entanto, as viagens de Bolsonaro ao Oriente Médio, tendo viajado aos Emirados Árabes e Catar duas vezes, e Arábia Saudita, Bahrein e Israel uma vez, tornando a região bastante visitada por Bolsonaro. Reis da Silva (2022) argumenta que o Governo Bolsonaro buscou maior aproximação com Estados Unidos e Europa, ao passo que buscou se afastar do Oriente Médio e da África. Embora o número de viagens internacionais realizadas pareça reforçar a aproximação com os EUA e distanciamento da África, no que diz respeito a Europa e Oriente Médio, há aparente discrepância com as conclusões de Reis da Silva. Embora uma análise sobre a Europa fuja do escopo do presente trabalho, com relação ao Oriente Médio, é possível notar que todos os países visitados são considerados parceiros ou aliados pelos Estados Unidos na região (ESTADOS UNIDOS, 2020a, 2020b, 2021, 2022a, 2022b), mostrando que, ao menos nas viagens presidenciais, o contato do Brasil se balizou pela proximidade diplomática dos países com os Estados Unidos.

Ao final de seu governo, Bolsonaro ainda contava com expressivo apoio evangélico, porém não com a mesma força mostrada em sua eleição. Dados de pesquisa do Datafolha publicadas em Setembro de 2022, a poucos dias do primeiro turno, indicavam que 50% dos evangélicos apoiavam Bolsonaro, contra 32% apoiando o candidato Lula. Àquela altura, Lula contava com cerca de 48% das intenções de voto e Bolsonaro, com 34% do total de eleitores brasileiros. Entre católicos o apoio à Lula era maior que a média nacional (55%) e à Bolsonaro, menor (28%), indicando uma diferença bastante acentuada entre as preferências do eleitor católico e evangélico. Apesar da forte liderança entre evangélicos, Bolsonaro não mais se aproveitava de um apoio que chegara a cerca de 70% em 2018. Entre evangélicos, a taxa de aprovação chegou a 29% em setembro de 2021 - seu pior momento - e desde então, Bolsonaro se esforçava para recuperar esses eleitores, moderando seu discurso agressivo e tentando imprimir uma imagem mais suavizada (BALLOUSSIER, 2022).

Entre lideranças evangélicas, eram notadas reações diferentes a essa situação. Edir Macedo continuava atacar o candidato do PT, o chamando de “transtornado e inconsolável” pelo eventos do 7 de Setembro em que, na leitura do editorial da Folha Universal, a multidão dissera que não o queria de volta no poder. Silas Malafaia também seguia firme em seu apoio a Bolsonaro. Já outros pastores, como o Pastor Lucinho, da Igreja Batista da Lagoinha, em vídeo publicado no seu canal de Youtube com 1,3 milhão de inscritos, disse que oraria por Lula, caso vencesse o pleito – como sempre fizera por todos os presidentes - apesar de o considerar “completamente contra os princípios da Bíblia”. Mais do que apoio ao PT, declarações como a do Pastor Lucinho mostravam uma crescente percepção de que Bolsonaro poderia perder. Lula, por outro lado, não concentrara tanto esforço de campanha entre evangélicos, fazendo poucos acenos, algumas mensagens de teor cristão e uma reunião com pastores evangélicos já próximos do ex-presidente (BALLOUSSIER, 2022). Isso não o impediu de receber publicamente apoio de alguns setores evangélicos, como da Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito, que anunciou apoio ao candidato do PT ainda no primeiro turno, alegando preocupação com as ameaças de Bolsonaro e tentativa de manipular os resultados das eleições (GRUPO, 2022).

Às vésperas do segundo turno, pesquisa do PoderData registrava 59% das intenções de votos dos católicos para Lula (contra 41% para Bolsonaro) enquanto 68% evangélicos declaravam apoio a Bolsonaro (versus 32% para Lula). Entre a população

geral, a tendência era de 53% para Lula e 47% para Bolsonaro (PÓS-JEFFERSON, 2022). Após a apertada vitória de Lula, diversos pastores se manifestaram em suas redes sociais. Silas Malafaia, no dia 30 de outubro, publicou *tweet* mostrando seu descontentamento com o resultado:

A VONTADE SOBERANA DO POVO SE ESTABELECEU ! Não fui omissos nem covardes, tenho minha consciência limpa do meu dever cumprido. A minha oração, como diz a Bíblia, é interceder pelas autoridades constituídas. DEUS LIVRE O BRASIL DO CAOS SOCIAL, POLÍTICO E ECONÔMICO (SILAS, 2022, destaques originais).

No dia 31, porém, em culto na sua igreja, Malafaia fez uma oração pedindo bênçãos sobre o novo presidente e as autoridades eleitas, e que Deus livrasse o país do “caos político” (LIMA, 2022). Edir Macedo, em vídeo publicado em suas redes sociais, disse que era preciso perdoar o presidente Lula:

“Não podemos ficar com mágoa, porque é isso que o diabo quer. O diabo quer acabar com sua fé, com seu relacionamento com Deus por causa de Lula ou dos políticos. Não dá, não dá, minha filha, bola pra frente, vamos olhar pra frente. (...) Eu orei: ‘Ó, Deus, eu quero que o Bolsonaro ganhe (sic) mas ‘seja feita tua vontade’ sobretudo, porque o Senhor é quem manda. Deus fez a vontade d’Ele. E o diabo quer exatamente isso. Quer que o Brasil fique com ódio, com mágoa do Lula... ele se candidatou, o povo que votou e ele ganhou e acabou...” (EDIR, 2022).

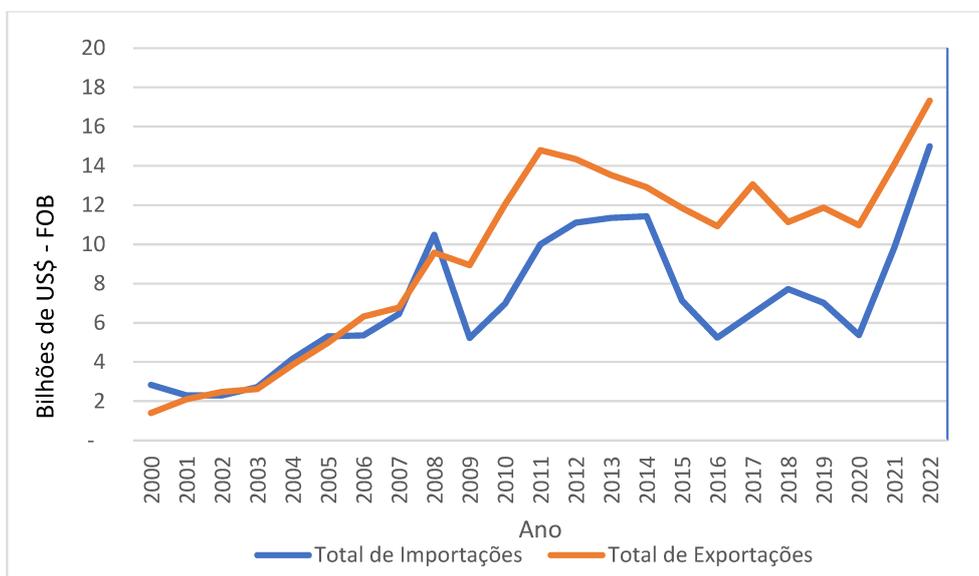
Outros pastores, como Estevam Hernandes, da Igreja Renascer e Renato Cardoso, considerado número dois na liderança da Igreja Universal, seguiram linha semelhante, lamentando a derrota, exortando os fiéis a seguirem em frente, torcendo por um bom governo, mas prontos para resistências ordeiras. Marco Feliciano, pastor e líder da Assembleia de Deus Catedral do Avivamento destacou com aprovação no discurso de vitória de Lula as diversas referências a Deus, o compromisso com a liberdade religiosa e por ter evitado temas que causavam divergência com o meio evangélico. Terminou, porém se indagando: "(Lula) Aprendeu a nos respeitar? Tenho dúvidas. Só o tempo dirá" (MELLO, 2022).

4.5 Relações Comerciais

O chamado “mundo árabe” é uma região bastante sensível para os interesses do Brasil uma vez que representa um importante destino para a exportação de carne nacional. Ciente disso, o agronegócio foi um dos setores que mais expressaram sua preocupação com a mudança da embaixada, temendo que a medida impactasse essa relação favorável com os países árabes (GRAVE, 2019). De fato, historicamente, o comércio com o mundo

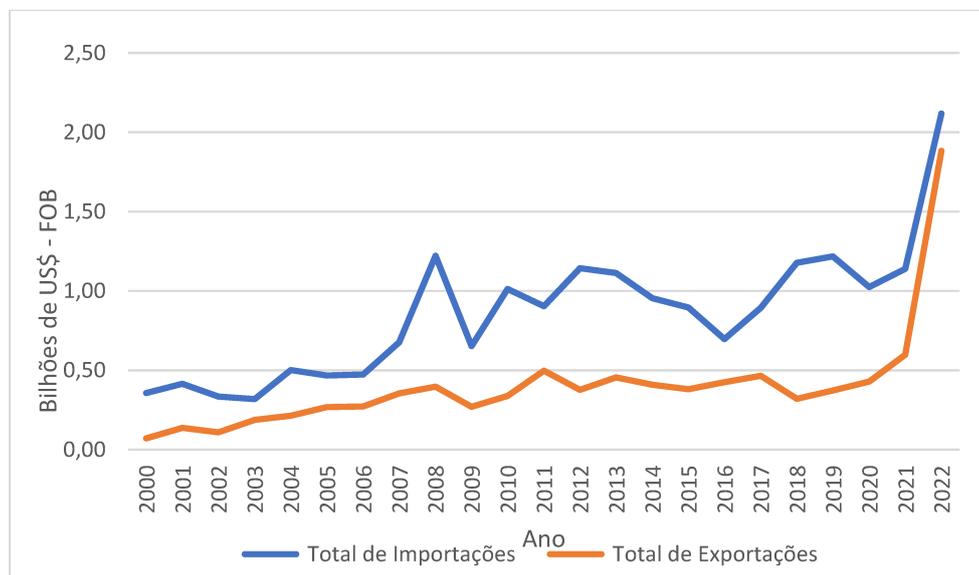
árabe⁹⁰, ocorre em termos bastante favoráveis ao Brasil, sendo superavitário desde 2009 e com significativa corrente de comércio (Figura 6), tornando o mundo árabe o terceiro maior mercado para o Brasil no exterior (CRISTALDO, 2022).

Figura 6- Comércio com Países Árabes



Fonte: Elaboração própria com dados do Ministério da Indústria e Comércio Exterior (MDIC).

Figura 7 - Comércio com Israel



Fonte: Elaboração própria com dados do Ministério da Indústria e Comércio Exterior (MDIC).

⁹⁰ Para o presente trabalho, tomou-se como mundo árabe os países listados pela Câmara de Comércio Árabe-Brasileira - em sua homepage (<https://www.ccab.org.br/pt/home>) - com os quais o Brasil mantém representações diplomáticas. São eles: Argélia, Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Marrocos, Catar, Omã, Bahrein, Kuwait, Egito, Jordânia, Tunísia, Iraque, Líbano, Líbia, Palestina, Síria, Sudão, Mauritânia.

Tabela 4 - Importações de Israel por Classificação por Grandes Categorias Econômicas – CGCE nível 1

Descrição CGCE Nível 1	2018 - Valor FOB (US\$)	2019 - Valor FOB (US\$)	2020 - Valor FOB (US\$)	2021 - Valor FOB (US\$)	2022 - Valor FOB (US\$)
Bens de capital (BK)	\$78.608.520,00	\$92.688.339,00	\$91.691.373,00	\$101.732.480,00	\$133.835.394,00
Bens intermediários (BI)	\$1.077.769.677,00	\$1.093.758.780,00	\$895.505.891,00	\$1.007.719.425,00	\$1.940.759.269,00
Bens de consumo (BC)	\$21.441.741,00	\$30.747.843,00	\$36.528.179,00	\$28.037.961,00	\$34.978.719,00
Combustíveis e lubrificantes	\$161.545,00	\$210.000,00	\$97.011,00	\$210.760,00	\$224.904,00
Bens não especificados anteriormente	\$139.818,00	\$700.658,00	\$1.015.839,00	\$2.734.173,00	\$8.785.987,00

Fonte: Elaboração própria com dados do Ministério da Indústria e Comércio Exterior (MDIC).

Tabela 5 - Exportações para Israel por Classificação por Grandes Categorias Econômicas – CGCE nível 1

Descrição CGCE Nível 1	2018 - Valor FOB (US\$)	2019 - Valor FOB (US\$)	2020 - Valor FOB (US\$)	2021 - Valor FOB (US\$)	2022 - Valor FOB (US\$)
Bens de capital (BK)	\$20.399.456,00	\$13.691.125,00	\$10.118.929,00	\$15.579.748,00	\$17.790.588,00
Bens intermediários (BI)	\$166.100.260,00	\$186.353.739,00	\$248.002.140,00	\$203.931.778,00	\$495.979.159,00
Bens de consumo (BC)	\$134.410.839,00	\$171.769.550,00	\$170.786.611,00	\$244.729.212,00	\$301.798.447,00
Combustíveis e lubrificantes	\$0,00	\$17.197,00	\$140,00	\$133.688.894,00	\$1.067.946.276,00

Fonte: Elaboração própria com dados do Ministério da Indústria e Comércio Exterior (MDIC).

Por outro lado, o comércio com Israel é consistentemente deficitário para o Brasil desde o ano 2000 e atinge uma corrente de comércio cerca de 13 vezes menor que aquela com o mundo árabe (Figura 7). Apesar disso, o último ano do governo Bolsonaro registraria um crescimento bastante expressivo com os dois parceiros comerciais. Com os países árabes, as exportações brasileiras cresceram quase 1,5 vezes (US\$11,9 bilhões para US\$17,3 bilhões) e as importações pouco acima de 2 vezes (US\$7 bilhões para US\$15 bilhões). Com Israel, no entanto, os números são mais expressivos. As exportações saltaram de US\$372 milhões para US\$1,9 bilhões entre 2019 e 2022, um crescimento de 5 vezes. enquanto as importações saíram de US\$1,2 bilhões para US\$ 2.1 bilhões no mesmo período, cerca de 1,74 vezes.

De acordo com a Classificação da Secretaria de Comércio Exterior por Grandes Categorias Econômicas (CGCE), o grande responsável por esse aumento nas exportações (Tabela 5) foram os combustíveis e lubrificantes básicos, (de 0 em 2018 para pouco mais de US\$1 bilhão em 2022), seguidos por Alimentos e bebidas básicos destinados principalmente à indústria (de US\$73,4 milhões em 2018 para US\$349 milhões em 2022). Do lado das importações pelo Brasil (Tabela 4), de longe a categoria mais importante é a dos Insumos Industriais Elaborados, que atingiu US\$1,8 bilhões em 2022 em contraste com os US\$1 bilhão registrados em 2019. Todos os outros produtos importados somaram cerca de US\$270 bilhões em 2022. As tabelas 4 e 5 apresentam os demais valores para as categorias básicas do CGCE. Para maior detalhamento dessas categorias (CGCE nível 3), consultar os Apêndices G e H.

Esse crescimento vertiginoso não eliminou totalmente o déficit comercial com Israel, mas reduziu consideravelmente a diferença. Concomitantemente, o expressivo superávit comercial com os países árabes reduziu também significativamente. A corrente de comércio com o mundo árabe, em média 13 vezes maior do que aquela com Israel nas duas décadas anteriores, caiu para 8 vezes em 2022, uma diferença ainda definitiva, mas bastante alterada em apenas um ano. É necessário ressaltar, porém, que não está claro ainda se esses altos volumes se manterão ou se foram um evento atípico, sendo necessário acompanhamento dos dados nos próximos anos para confirmar ou não uma tendência. Ainda assim, apesar de optar pela não-alienação dos países árabes e pela manutenção da posição conquistada nesse mercado, observa-se um aumento quantitativo significativo do esforço brasileiro no comércio com Israel que - não obstante a contribuição da pressão de outros grupos de interesse junto ao governo e de dinâmicas econômicas diversas - pode

ser considerado um exemplo de Mudança de Ajuste pelo tomador de decisão, de acordo com a tipologia proposta por Hermann (1990). É possível vislumbrar como a dinâmica política e religiosa nacional contribuíram para esse ambiente favorável a novos negócios entre os dois países.

4.6 Púlpito e Palanque

A apropriação e inter-relação de temas importantes tanto aos evangélicos quanto aos tradicionalistas seria refletida na maneira que Bolsonaro articulava suas ideias em seus discursos como Presidente. Fazendo a contagem de algumas palavras de interesse - selecionadas por permitirem ilustrar alguns dos temas religiosos e políticos constatados nos últimos capítulos - é possível ilustrar e confirmar algumas tendências no vocabulário de Bolsonaro. Na Tabela 6, é possível observar como a palavra “deus”, por exemplo, ocorre com mais frequência do que “povo” ou “governo”.

Tabela 6 - 20 palavras mais recorrentes nos discursos de Bolsonaro.

Palavra	Instâncias	Palavra	Instâncias
nao	9185	governo	1417
brasil	4820	sao	1409
aqui	4225	agora	1402
voces	3148	gente	1395
todos	2935	entao	1351
tambem	2709	presidente	1331
la	2021	grande	1303
bem	1910	vai	1229
porque	1649	povo	1224
deus	1460	pais	1158

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados da Biblioteca da Presidência (2023).

Destaca-se também o recorrente e desproporcional uso da palavra Israel por Bolsonaro em seus discursos. Apesar de ter visitado Israel apenas uma vez enquanto presidente – em comparação ao Catar e Emirados Árabes, os quais visitou duas vezes cada um, por exemplo – a palavra “israel” é repetida 191 vezes, cerca de 9 vezes mais do que “catar” e “emirados”. Como forma de comparação, “argentina” aparece 161 vezes e “eua” - de longe o país mais visitado pelo presidente - surge no texto 166 vezes (Tabela 7). A palavra “palestina” é inexistente em seus discursos, e “palestino” tem apenas uma única ocorrência demonstrando a baixíssima prioridade dispensada pelo presidente aos

territórios palestinos. Isso sugere que a importância de Israel para Bolsonaro está situada além de sua relevância meramente econômica ou política para o Brasil.

Tabela 7 - Número de ocorrências de cada palavra de interesse nos discursos de Bolsonaro

Termo	Instâncias	Termo	Instâncias
brasil	4820	padre	22
deus	1460	emirados	21
israel	191	crista	20
desenvolvimento	187	catar	19
eua	166	bahrein	16
argentina	161	judaico	11
agricultura	138	catolico	11
tecnologia	133	jesus	9
cristao	77	jerusalem	6
pastor	75	judeus	1
evangelico	53	judeu	1
biblia	49	palestino	1
cristaos	41	cristas	1
saudita	29	palestina	-

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados da Biblioteca da Presidência (2023).

O contexto em que algumas dessas palavras ocorrem também pode ser ilustrado pelos resultados das matrizes de co-ocorrência relatadas no Apêndice A. Em razão de frequentemente repetir seu *slogan* de campanha “Brasil acima⁹¹ de tudo, Deus acima de todos”, há uma alta correlação entre “deus” e “brasil”. No entanto, “deus” é frequentemente repetido em outros contextos por Bolsonaro, como forma de reforçar sua proximidade com a dimensão religiosa em seus discursos. Se, por um lado, a palavra “deus” é repetida frequentemente por Bolsonaro, a palavra “jesus” é comparativamente rara, repetida apenas 9 vezes, com uma delas ocorrendo em proximidade à palavra “israel”. O fenômeno é um tanto curioso, uma vez que Bolsonaro dispensava pouca atenção a outras tradições religiosas no Brasil. A ênfase colocada no cristianismo sugeriria talvez maior protagonismo à Jesus no corpo discursivo analisado. No entanto, a baixa ocorrência da palavra “jesus” e, por outro lado, a prevalência da palavra “deus”

⁹¹ O lema é uma adaptação de “Brasil acima de tudo”, surgido no final dos anos 1960, como brado de um grupo de paraquedistas nacionalistas, chamado de Centelha Nativista, com o objetivo anunciado de propagar um “nacionalismo não xenóforo” e evitar a “fragmentação do povo pela ideologia e exploração de dissensos na sociedade dividindo o povo nos termos da velha luta de classes do marxismo”. O grupo eventualmente dispersou, mas o brado foi adotado definitivamente pelos paraquedistas a partir de 1985 (BRASIL, 2018).

sugere tanto uma tentativa de manter certa “neutralidade” religiosa (de forma a não alienar seus apoiadores Judeus, por exemplo) ou uma associação exclusiva entre a ideia de uma deidade com apenas o Deus cristão.

Outra tendência tornada bastante clara pelos dados é a predominância dos termos “evangélico” e “pastor” sobre “católico” e “padre”. De fato, a palavra “pastor” ocorre associada a “deus” 36 vezes enquanto “padre” ocorre em associação com “deus” apenas 8 vezes. Essa tendência também é nitidamente ilustrada pelo número de ocorrências dos pares “católico”-“cristão” e “cristão”-“evangélico”, 2 e 12 vezes respectivamente. Esses fatores indicam o destaque dado por Bolsonaro a um segmento sobre o outro, apesar do catolicismo ainda ser a maior denominação no Brasil e a religião que o próprio Bolsonaro diz professar.

Tabela 8 – 11 Pares mais frequentes ordenados por número de co-ocorrências

Par	Ocorrências
brasil-deus	925
brasil-eua	138
brasil-israel	135
brasil-argentina	104
brasil-desenvolvimento	98
brasil-agricultura	64
brasil-tecnologia	57
deus-cristão	49
brasil-cristão	36
deus-pastor	36
deus-israel	19

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados da Biblioteca da Presidência (2023).

Significativamente, também, a matriz de co-ocorrência mostra 11 associações entre “israel” e “pastor” e nenhuma entre “israel” e “padre” indicando, ao menos no plano discursivo de Bolsonaro, sua percepção sobre uma relevância da pauta de Israel para lideranças protestantes mas não para o público católico. Há no entanto 17 instâncias de co-ocorrência dos termos “padre” e “pastor”, uma relação relativamente alta, que mostra uma das formas de Bolsonaro apelar aos dois públicos (católico e protestante), mencionando a figura de suas respectivas lideranças de forma conjunta. “Evangélico” é mais prevalente em termos absolutos, mas também ocorre associado mais vezes a Deus e ao cristianismo do que o catolicismo. Com tudo isso, no entanto, é possível dizer que o cristianismo no discurso de Bolsonaro tem viés evangélico.

Com relação às intersecções do cristianismo e do judaísmo, vale destacar o par “judaico” e “crista”, ocorrendo 10 vezes no corpus analisado e registrando um uso relativamente comum da expressão “judaico-cristã”, exclusivamente no contexto de tradição ou cultura. O tema de uma civilização judaico-cristã é um aspecto bastante ligado ao discurso tradicionalista da ala *olavista* e tradicionalista do governo, representado especialmente por Ernesto Araújo, e um dos pontos de intersecção com os evangélicos. Em viagem a Israel em 2019, por exemplo, Bolsonaro usou esse aspecto como elemento de aproximação com o Brasil:

Muitas coisas nos unem, obviamente o que é mais importante, as tradições, a participação do Brasil no reconhecimento do Estado de Israel a bem como a nossa cultura judaico-cristã. O Brasil deu uma guinada, a condição ideológica deixou de existir (BRASIL, 2019c).

Esse apelo à ideia de uma cultura judaico-cristã é um fator que aproxima evangélicos e tradicionalistas. Para os tradicionalistas, a expressão apela a um senso de solidariedade civilizacional com Israel em razão do Brasil dever parte da sua cultura e tradição à própria tradição filosófica e espiritual judaica transformada pelo cristianismo. Já para os evangélicos, a expressão destaca a continuidade da sua religião com a religião dos profetas e mesmo da Israel bíblica com o Brasil cristão. Surpreendentemente, o número de ocorrências de “argentina” próximo a “deus” é de 25, mais alto que nos casos dos pares “israel-deus” e “eua-deus” (19 e 14 vezes respectivamente).

Bolsonaro não faz referências explícitas ou implícitas ao dispensacionalismo e outros pontos ou termos mais específicos das doutrinas apocalípticas populares entre evangélicos, mostrando baixa ou nenhuma afinidade com essas correntes teológicas em seu imaginário. No entanto, é notório o destaque dado à Israel em seus discursos e como o país é mencionado frequentemente em meio a eventos com pastores e lideranças evangélicas. Além da proeminência do país nas colocações de Bolsonaro, há também alguns indícios sutis e muitas vezes subentendidos de uma relação direta entre o desenvolvimento de Israel e sua fé em Deus, algo que, para Bolsonaro, seria o que falta ao Brasil para se desenvolver plenamente. Isso pode ser constatado nos trechos a seguir em discursos proferidos por Bolsonaro em duas ocasiões distintas:

E voltando para Israel. O que que Israel tem? Eu perguntaria aqui, se tiver, peço que o Embaixador levante o braço: tem petróleo em Israel? Zero. Tem terras agricultáveis? Tem água potável, razoavelmente? Nada. Tem deserto. Mas tem um povo que é unido e tem fé. E olhem o que Israel é. Agora, volta para cá. Temos água em abundância,

biodiversidade, riquezas minerais, terras agricultáveis, área para turismo que ninguém tem. E olha o que nós somos. *O que que nos falta? Onde está o problema? Não vou discutir fé com ninguém. Eu sou terrivelmente cristão* (BRASIL, 2019e, grifo nosso).

E:

Com todo respeito capitão Benjamin Netanyahu, Israel perto do Brasil em recursos naturais não tem quase nada. Em áreas agricultáveis também, em biodiversidade. Mas Israel, o seu povo tem a fé acima de tudo. E essa fé, como diz na bíblia que a fé remove montanhas a fé vem transformando, vem fazendo com que Israel ocupe cada vez um lugar de destaque no mundo. Imagine ao lado do Brasil (BRASIL, 2019a).

Por fim, há de se destacar também um número de 14 ocorrências de “israel” junto a “tecnologia” – em contraste com apenas 4 vezes que “tecnologia” aparece associada a “eua”, por exemplo - indicando uma alta tendência de vincular o país com desenvolvimento tecnológico e técnicas agrícolas modernas. Isso pode ser constatado, por exemplo, na citação a seguir, em ocasião de um almoço do Encontro do Conselho Interdenominacional de Ministros Evangélicos do Brasil (CIMEB) em 2019:

Os demais, prezado, prezado senhor Malafaia, o senhor falou aqui em tecnologia de água, parabéns. Falou até que a precipitação pluviométrica em Israel é menor do que o semiárido nordestino. Mas hoje, por coincidência, está em Campina Grande o nosso Marcos Pontes, astronauta, ele está inaugurando lá o Centro de Testes e Tecnologia de Dessalinização e também o laboratório de referência de dessalinização. Tecnologia israelense (BRASIL, 2019b).

O tema do desenvolvimento técnico de Israel é um dos mais frequentes no discurso de Bolsonaro, e um que surge quase todas as vezes que menciona o país, seja em contextos religiosos, como entre lideranças evangélicas, seja em contextos políticos, como em discursos em eventos públicos. Desde seus tempos de deputados e, especialmente após sua visita ao país, Israel é tomado como exemplo a ser imitado ou como *benchmark* de comparação com a situação brasileira. O desenvolvimento e riqueza de Israel apesar do pequeno tamanho e relativa pobreza de riquezas naturais são consistentemente contrastados com as carências do Brasil apesar de suas dimensões continentais e suas riquezas naturais

Com tudo isso, é possível afirmar que Bolsonaro articulou com frequência diversos temas religiosos no seu discurso, com numerosas alusões a Deus, à Bíblia e ao cristianismo. Pode-se observar uma tendência de maior destaque aos evangélicos do que católicos, apesar de o próprio presidente se dizer católico. Bastante esclarecedor também

é o fato de o Estado de Israel, considerando o tamanho do país e suas relações históricas com o Brasil, estar super-representado no discurso de Bolsonaro, sendo mencionado com mais frequência do que vizinhos como Argentina ou mesmo os Estados Unidos, país mais visitado pelo presidente e que, junto com seu povo, considerava uma “inspiração” para suas decisões (BRASIL, 2019d). Fundamentalmente, Israel tem um lugar simbólico no discurso de Bolsonaro como uma nação que “deu certo” e cujo sucesso pode ser emulado pelo Brasil. Embora não haja, nos discursos analisados, um registro, ainda que sutil, de uma compreensão explicitamente dispensacionalista do papel de Israel nos eventos finais do apocalipse ou de ser abençoado ao abençoar Israel, há sim, de forma nunca explicitamente declarada ou desdobrada com maiores detalhes, uma associação subentendida entre o sucesso do país e fé em Deus. É talvez possível traçar um paralelo com certos aspectos da Teologia da Prosperidade e suas ligações entre fé e crescimento material. No entanto, essa ligação é apenas especulativa e carece de estudo específico mais aprofundado em outra ocasião. Ainda assim, apesar dessas ressalvas, Israel se encaixa no discurso de Bolsonaro como uma peça projetada para mobilizar seu eleitorado evangélico, apelando ao imaginário religioso desse segmento, ainda que as medidas concretas nem sempre acompanhem as intenções declaradas. Por sua vez, em uma relação sinérgica, Israel ganhou tamanha importância nas falas de Bolsonaro em grande medida pelo maior espaço que eleitorado evangélico conquistou no Brasil contemporâneo, assim como sua capacidade de articular suas crenças de forma a se tornarem parte do debate público.

Apesar das mudanças na relação com Israel não tenham sido tão significativas quanto prometidas durante a campanha, diversos eventos no governo Bolsonaro mostram que eleitores evangélicos, importante base eleitoral, formaram um segmento ao qual o presidente buscou constantemente sinalizar durante seu governo e atuar para manter o apoio. Israel se tornou um dos símbolos mais proeminentes dessa dinâmica, empregado frequentemente e com impactos sensíveis na elaboração de política externa, ainda que aquém das expectativas. A religião se mostrou um elemento importante no jogo político doméstico e, em razão das dinâmicas teológicas próprias do meio evangélico, essa importância transbordou para o internacional, quando crenças bastante específicas sobre Israel o alçaram a uma posição singular no imaginário espiritual e geopolítico desse segmento. Ademais, do meio evangélico surgiram lideranças capazes de promoverem essas crenças junto à mais alta autoridade do Executivo, se mostrando um exemplo de

como a religião, mesmo que por meio de uma crença bastante específica e de destaque secundário, foi capaz de se inserir no complexo processo de elaboração de política externa por um governo.

5 CONCLUSÃO

O crescimento demográfico da população de evangélicos no Brasil é uma das transformações sociais mais importantes atualmente em curso. De uma minoria pouco influente, mobilizada de forma quase improvisada durante a constituinte, com medo de perder espaço religioso na nova Constituição, para uma parcela significativa da população virtualmente capaz de agir como o fiel da balança em um processo eleitoral. O fenômeno evangélico demonstra que a tese da privatização da fé, ou seja, a ideia da relegação da fé exclusivamente ao plano privado e doméstico, deve ser admitida apenas com significativas ressalvas. Convicções religiosas informaram profundamente as preferências manifestadas pelo segmento evangélico nas eleições de 2018, de forma que foi escolhido um candidato que adotava em seus discursos e declarações, diversos dos elementos anteriormente exclusivos do púlpito.

As pautas consideradas importantes pelos evangélicos brasileiros, historicamente, afetam primariamente o campo da política doméstica. Gravitam especialmente em torno de temas como casamento homoafetivo e aborto, e já são considerados bandeiras históricas da bancada evangélica no Brasil. No entanto, 2018 também traria um elemento novo ao discurso político nacional. As bandeiras de Israel se tornaram comuns em comícios do candidato Jair Bolsonaro. Sua viagem ao país era amplamente divulgada entre evangélicos, assim como seu batismo – mesmo sendo católico - pelas mãos de um pastor no Rio Jordão. Ademais, o candidato fazia também constantes acenos à comunidade judaica no Brasil, ainda que com resultados incertos e, em uma ocasião, resultando em uma polêmica de alcance nacional que o tornou ainda mais polarizante entre os judeus brasileiros. Israel e Bolsonaro, contudo, foram se tornando duas ideias fortemente relacionadas no imaginário político nacional, reforçado, e de certa forma consagrado, de maneira singular pela visita inédita de um premiê israelense ao Brasil para a posse do novo Presidente.

O Brasil se encontrava em meio a um conturbado processo de transformação política desde meados de 2013, quando dezenas de manifestações eclodiram por todo o Brasil. Uma *direita* até então *envergonhada*, começava a se organizar politicamente, ora libertária, ora liberal, ora conservadora, ora reacionária. Das orlas dessa direita que se organizava, pessoas como Olavo de Carvalho, e lideranças evangélicas como o Pastor Silas Malafaia galvanizavam brasileiros com um discurso contra a esquerda e emergiam

como lideranças capazes de alcançar cada vez mais pessoas fora de seus respectivos nichos de atuação. Embora diferentes em métodos, visão de mundo e objetivos, o mundo do Tradicionalismo Guénoniano e do Cristianismo Evangélico encontrariam causas em comum que fariam dos dois, improváveis aliados de ocasião. *Politics makes strange bedfellows*. Jair Bolsonaro, o deputado do chamado *baixo clero*, de atuação parlamentar pouco relevante e conhecido por suas declarações polêmicas que vez ou outra faziam as manchetes nacionais, aos poucos foi se consagrando como figura política capaz de mobilizar números expressivos de seguidores nas redes sociais. Sua transição de deputado voltado quase que exclusivamente para pautas salariais dos militares para um atinado com as causas próximas dos evangélicos foi bastante lenta e relativamente recente em sua carreira política.

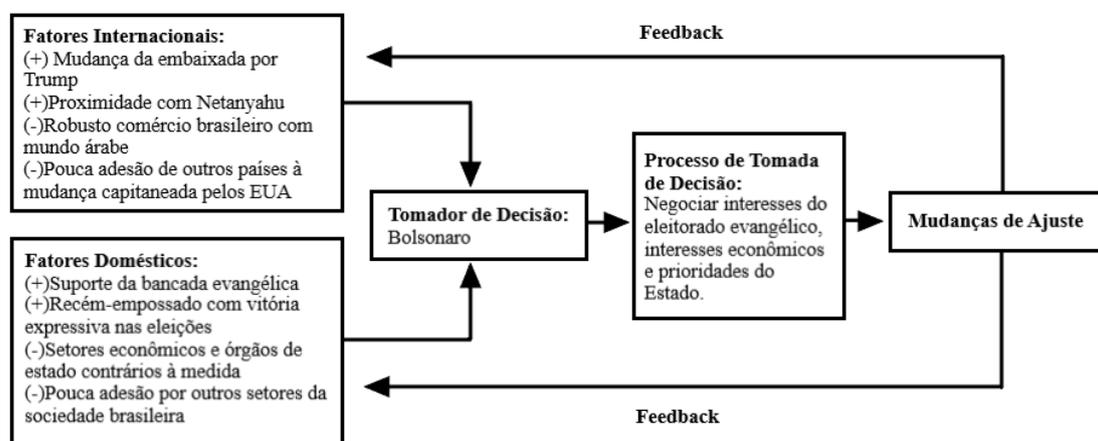
No entanto, os achados provenientes de um tratamento estatístico dos discursos de Bolsonaro deixam evidente o recorrente uso de temas religiosos em seu discurso e a natureza desse uso. Embora ostensivamente direcionado a todos os cristãos brasileiros – evangélicos ou não – é notório o viés a favor de uma linguagem mais associada às bíblias e aos pastores do que aos rosários e aos padres. Bolsonaro é *terrivelmente cristão*, mas sua retórica é particularmente evangélica. Ainda assim, o cristianismo, imprecisamente definido, mas com sotaque evangélico de Bolsonaro, é elevado como uma pedra angular da sociedade brasileira, perpassando toda a cultura e as instituições do país como um de seus mais importantes elementos. E, uma vez que esse cristianismo brota da fonte do antiquíssimo judaísmo e partilham de uma fé no mesmo Deus, está estabelecida uma explicação sobre os motivos pelos quais Brasília e Jerusalém precisam caminhar juntas.

O significado desse caminhar junto, no entanto, é obscuro. As ambiciosas promessas do reconhecimento da antiga capital do reino do Davi bíblico como a capital do moderno Estado de Israel não se materializaram nos quatro anos de governo. No lugar de uma embaixada, um escritório comercial, proposto como saída diplomática para o impasse gerado com um mundo árabe ávido pelo comércio com o Brasil, mas atento à aproximação com Israel. No lugar de acordo sobre transferência de tecnologias para o combate à pandemia, uma sequência de gafes em uma viagem malfadada.

Tanto da parte de Ernesto Araújo como de Jair Bolsonaro, havia uma retórica de completa reorientação da política externa brasileira, de maior alinhamento com seus pares herdeiros da aventada cultura Judaico-cristã; uma radical Mudança de Orientação Internacional. Certamente não foi o que ocorreu. Invocando o modelo proposto por

Gustavsson, observa-se no início do governo Bolsonaro uma série de fatores que sugeririam capacidade de levar a cabo a promessa de transferência de embaixada. Fatores domésticos mostravam uma vitória com certo conforto sobre seu adversário, um sentimento forte contra o governo anterior e desejo de mudar radicalmente a maneira de conduzir o Brasil. Internacionalmente, a sinalização do governo Trump com a mudança da embaixada dos Estados Unidos abria caminho para que outros países seguissem o exemplo. Esses elementos pareciam dar carta branca para um ato igualmente ousado do governo brasileiro; uma janela de oportunidade como há muito esperada pelos *entrepreneurs* dessa medida.

Figura 8 -Quadro esquemático do processo de decisão na mudança da embaixada para Jerusalém seguindo o modelo de Gustavsson.



Fonte: Elaboração própria

No entanto, a proposta esbarrou em outras realidades internacionais e domésticas que precisaram ser consideradas. Internacionalmente, o mundo árabe via de forma negativa a mudança, fazendo com que, domesticamente, setores ligados ao comércio com esses parceiros expressassem preocupação com os negócios, enquanto diplomatas e militares temiam as repercussões de longo alcance de tal ato. O processo de tomada de decisão privilegiou, em última instância, os setores críticos da mudança, de forma que a ambiciosa Mudança de Orientação Internacional seria limitada por alguns obstáculos reais, resultando em mudanças de ajuste bem menos ambiciosas. Esses fatores, discutidos ao longo dessa dissertação podem ser organizados seguindo o esquema proposto por Gustavsson (figura 8) e servem como ilustração do trato com Israel como um todo ao longo do governo. Porém, não é correto dizer que os quatro anos da presidência Bolsonaro foram uma manutenção do *Status Quo* apenas. O crescimento das exportações para Israel foi impressionante, com o ano de 2022 registrando um valor 5 vezes maior que aquele de

2019, comparado ao crescimento para o mundo árabe de cerca de 1,5 vezes no mesmo intervalo. Enquanto isso, o que foi importado de Israel cresceu, comparado às exportações, relativamente pouco - 1,7 vezes - enquanto as importações de países árabes cresceram pouco mais de 2 vezes no mesmo intervalo de tempo. No plano doméstico, Israel obteve um destaque inquestionável no plano discursivo, sendo mencionado em publicamente pelo presidente mais vezes que o próprio Estados Unidos.

Com tudo somado, pode-se dizer que, com relação a Israel, observou-se um processo duplo. Para a política doméstica, Israel atingiu um nível de importância reservado a poucos países, se inserindo no debate público de uma forma até então inédita. O pequeno país mediterrâneo, antes objeto de debates sobre segurança internacional, conflitos e terrorismo no contexto do complexo conflito israelo-palestino, passou a ser tratado pelo presidente como uma espécie de amuleto geopolítico, ao qual o Brasil precisava se aproximar e cultivar boas relações por razões que iam além do interesse meramente material, e do qual buscava extrair vantagens eleitorais. Por outro lado, porém, apesar de um crescimento significativo nas relações comerciais com Israel, as medidas concretas de aproximação política foram mais tímidas do que esse discurso levaria a crer, para a decepção de lideranças evangélicas próximas a Bolsonaro e por ele consideradas chave em seu governo. O que era prometido pelo presidente em termos de uma radical Mudança de Orientação Internacional resultou, quando muito, em Mudanças de Ajuste pelo corpo diplomático, com, de fato, maior esforço dedicado à relação com Israel, mas sem abandonar radicalmente as linhas mestras já herdadas de governos anteriores, demonstrando sensibilidade à complexa posição ocupada pelo Brasil e seus interesses na delicada geopolítica do Oriente Médio.

Resta, no entanto, observar que a religião de um segmento crescente da população brasileira foi um elemento significativo na elaboração da política externa brasileira. Seja por meio do ativismo de seus *entrepreneurs*, seja por meio do presidente atento às expectativas de seus apoiadores, permanece o fato que um país estrangeiro, de importância relativamente baixa para o Brasil em razão de sua distância e impacto econômico (não obstante sua relevância geopolítica), se tornou um símbolo capaz de mobilizar a opinião pública e ocupar espaço de destaque na retórica presidencial em razão de sua significância religiosa para os evangélicos. O episódio revela uma importante intersecção entre as relações internacionais e o estudo das crenças religiosas de uma população, ilustrando a importância de se dedicar estudo às transformações que o

processo de transição do Brasil de um país majoritariamente católico para um país majoritariamente evangélico pode trazer. Com essa realidade que se desenha, novas pesquisas, com ênfase nos aspectos religiosos presentes no corpo discursivo de outros presidentes assim como sua relação com lideranças religiosas influentes em suas respectivas eras, podem auxiliar com uma compreensão mais rica das complexas interrelações religiosas presente da sociedade brasileira, sua integração com o processo político e sua relação com a elaboração política externa

6 REFERÊNCIAS

- 50% dos brasileiros são católicos, 31%, evangélicos e 10% não têm religião, diz Datafolha. **G1**, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml>. Acesso em: 01 mar. 2022.
- ALVES, J. E. D. **O voto evangélico garantiu a eleição de Jair Bolsonaro**. 2018. Instituto Humanitas Unisinos. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/188-noticias-2018/584304-o-voto-evangelico-garantiu-a-eleicao-de-jair-bolsonaro>. Acesso em: 24 fev. 2023.
- AMADO, G. **Sem máscara**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. E-book.
- AMAR, P. The Middle East and Brazil: transregional politics in the Dilma Rousseff era. In: AMAR, P. (ed.). **The middle east and Brazil: perspectives on the new global south**. Bloomington: Indiana University Press, 2014. Cap. 1. P. 17-38.
- AMARAL, L.; COUTINHO, M. **Serra concede passaporte diplomático ao pastor R. R. Soares**. 2016. Revista Exame. Disponível em: <https://exame.com/brasil/serra-concede-passaporte-diplomatico-ao-pastor-r-r-soares/>. Acesso em: 07 maio 2023.
- AMMERMAN, N. T. Religious Identities and Religious Institutions. In: DILLON, Michele (ed.). **Handbook of the Sociology of Religion**. [S.L.]: Cambridge University Press, 2003. p. 207-224. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511807961.016>
- AMORIM, C. Brazilian foreign policy under President Lula (2003-2010): an overview. **Revista Brasileira de Política Internacional**, v. 53, n. spe, p. 214-240, dez. 2010. <https://doi.org/10.1590/S0034-73292010000300013>
- ANDERMAN, N. **Christian Docudrama About Six-Day War Becomes U.S. Box Office Hit**. 2017. Haaretz. Disponível em: <https://www.haaretz.com/israel-news/2017-05-26/ty-article/christian-docudrama-on-1967-war-is-a-hit/0000017f-f7d5-d2d5-a9ff-f7dd51df0000>. Acesso em: 24 jun. 2022.
- ARAÚJO, E. **A nova política externa brasileira: seleção de discursos, artigos e entrevistas do Ministro das Relações Exteriores – 2019**. 1. Ed. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2020.
- BAEZA, C. Le rôle du Moyen-Orient dans les nouvelles relations internationales de l'Amérique latine. **Mouvements**, v. 76, n. 4, p. 25, 2013. <https://doi.org/10.3917/mouv.076.0025>
- BAILEY, J. R.; EASTMAN, W. N. Positivism and the Promise of the Social Sciences. **Theory & Psychology**, [S.L.], v. 4, n. 4, p. 505-524, nov. 1994. SAGE Publications. <https://doi.org/10.1177/0959354394044003>
- BALLOUSSIÉ, A. V. **Cara típica do evangélico brasileiro é feminina e negra, aponta Datafolha**. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/01/cara-tipica-do-evangelico-brasileiro-e-feminina-e-negra-aponta-datafolha.shtml>. Acesso em: 02 jun. 2022.

BALLOUSSIER, A. V. **Datafolha**: bolsonaro fica estável entre evangélicos, e pastores já não descartam vitória de Lula. Bolsonaro fica estável entre evangélicos, e pastores já não descartam vitória de Lula. 2022. Folha de São Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/09/datafolha-bolsonaro-fica-estavel-entre-evangelicos-e-pastores-ja-nao-descartam-vitoria-de-lula.shtml>. Acesso em: 06 jun. 2023.

BARBALHO, A.; BARBOZA, G. Bancada Evangélica: Uma elite parlamentar?. **Revista do Instituto de Políticas Públicas de Marília**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 131–146, 2020. DOI: 10.36311/2447-780X.2020.v6.n1.10.p131. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/RIPPMAR/article/view/9894>. Acesso em: 18 mai. 2022. <https://doi.org/10.36311/2447-780X.2020.v6.n1.10.p131>

BARNABÉ, I. R. O Itamaraty e a diplomacia presidencial nos governos FHC e Lula. **Contextualizaciones Latinoamericanas**, v. 2, n. 7, 20 jul. 2015.

BÍBLIA. Atos. Português. *In*: Bíblia, volume II: novo testamento: apóstolos, epístolas, apocalipse. Tradução de Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

BÍBLIA. Gênesis. Português. *In*: A Bíblia de jerusalém. São Paulo: Edições Paulinas, 1987

BISHARAT, R. The Palestinian Diaspora and Latin American Solidarity with the Palestinian Cause: Brazil as a Model. **Latin American Perspectives**, v. 46, n. 3, p. 102–113, 11 maio 2019. <https://doi.org/10.1177/0094582X19835524>

BOLSONARO elogia Israel e pede desculpas por posicionamento do Brasil. **Pragmatismo Político**, 31 jul. 2014. Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2014/07/bolsonaro-elogia-israel-e-pede-desculpas-por-posicionamento-brasil.html>. Acesso em: 08 mai. 2023.

BOLSONARO deixa Israel sem cumprir promessa de campanha. **Revista Exame**, 3 abr. 2019 Disponível em: <https://exame.com/brasil/bolsonaro-deixa-israel-sem-cumprir-promessa-de-campanha/>. Acesso em: 29 mar. 2023.

BOLSONARO anuncia diplomata Ernesto Araújo para comandar ministério das relações exteriores. **Congresso em Foco**, 2018a. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/bolsonaro-anuncia-diplomata-ernesto-araujo-para-comandar-ministerio-das-relacoes-exteriores/>. Acesso em: 01 dez. 2022.

BOLSONARO mudará embaixada em Israel, diz Netanyahu. **Terra notícias**, 2018b. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/bolsonaro-mudara-embaixada-em-israel-diz-netanyahu,0be0a41f909252f89f08b015875de645n00oejz1.html>. Acesso em: 25 mar. 2023

BOLSONAROS nos eua (boston): último dia. Estados Unidos, 2017. 1 vídeo (19:53). Publicado pelo Jair Bolsonaro. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Dq0i4V_jbLU. Acesso em: 18 ago. 2022.

BOWLER, C. C. **Blessed**: a history of the american prosperity gospel. 2010. 257 f. Tese (Doutorado) - Curso de Teologia, Religião, Duke University, Durham, EUA, 2010.

BRANDÃO, R. A. M.; CÂMARA, Y. R.; MONTEIRO, M. A. Educação domiciliar: a pauta dos costumes e do capital em disputa. **Ensino em Perspectivas**, [S. l.], v. 2, n. 4, p. 1–11, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/6606>. Acesso em: 17 mai. 2022.

‘BRASIL acima de tudo’: conheça a origem do slogan de Bolsonaro. conheça a origem do slogan de Bolsonaro. **Gazeta do Povo**. 24 out. 2018. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/politica/republica/eleicoes-2018/brasil-acima-de-tudo-conheca-a-origem-do-slogan-de-bolsonaro-7r6utek3uk1axzyruk1fj9nas/>. Acesso em: 20 set. 2022.

BRASIL. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. **Frentes Parlamentares: frente parlamentar evangélica do congresso nacional**. Frente Parlamentar Evangélica do Congresso Nacional. 2019. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/internet/deputado/frenteDetalhe.asp?id=54010>. Acesso em: 17 mar. 2022.

BRASIL. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. **Frentes Parlamentares: frente parlamentar evangélica do congresso nacional**. Frente Parlamentar Evangélica do Congresso Nacional. 2023. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/internet/deputado/frenteDetalhe.asp?id=54477>. Acesso em: 12 jun. 2023.

BRASIL. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. **Diário da Câmara dos Deputados**, Brasília, ano 47, n. 42, 4 abril 1992, p. 6.095-6.096. Disponível em: <http://imagem.camara.gov.br/montaPdf.asp?narquivo=DCD04ABR1992.pdf&npagina=81>. Acesso em: 21 dez. 2022. Discurso do deputado Jair Bolsonaro.

BRASIL. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. **Diário da Câmara dos Deputados**, Brasília, ano 50, n. 148, 22 setembro 1995, p. 23.249. Disponível em: <http://imagem.camara.gov.br/Imagem/d/pdf/DCD22SET1995.pdf#page=199>. Acesso em: 21 dez. 2022. Discurso do deputado Jair Bolsonaro.

BRASIL. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. **Diário da Câmara dos Deputados**, Brasília, ano 58, n. 152, 16 setembro 2003, p. 47.448. Disponível em: <http://imagem.camara.gov.br/Imagem/d/pdf/DCD17SET2003.pdf#page=178>. Acesso em: 21 dez. 2021. Discurso do deputado Jair Bolsonaro.

BRASIL. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. **Diário da Câmara dos Deputados**, Brasília, ano 65, n. 83, 1 junho 2010, p. 25.083. Disponível em: <http://imagem.camara.gov.br/Imagem/d/pdf/DCD02JUN2010.pdf#page=181>. Acesso em: 21 dez. 2021. Discurso do deputado Jair Bolsonaro.

BRASIL. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. **Diário da Câmara dos Deputados**, Brasília, ano 70, n. 82, 22 maio 2015, p.142. Disponível em: <http://imagem.camara.gov.br/Imagem/d/pdf/DCD0020150522000820000.PDF>. Acesso em: 08 mai. 2023. Discurso do deputado Jair Bolsonaro

BRASIL. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. **Diário da Câmara dos Deputados**, Brasília, ano 71, n. 135, 9 agosto 2016a, p. 31. Disponível

em: <http://imagem.camara.gov.br/Imagem/d/pdf/DCD0020160809001350000.PDF#page=29>. Acesso em: 21 dez. 2021. Discurso do deputado Jair Bolsonaro.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 2016b. 498 p. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf. Acesso em: 24 out. 2022.

BRASIL. Presidência da República. **Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, durante a cerimônia de abertura do encontro empresarial, Hotel David Citadel**: Tel Aviv/Israel, 2019a. Biblioteca da Presidência. Disponível em: <https://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-durante-a-cerimonia-de-abertura-do-encontro-empresarial-hotel-david-citadel-tel-aviv-israel>. Acesso em: 11 mai. 2023.

BRASIL. Presidência da República. **Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, durante almoço com participantes da edição 2019 do Encontro do Conselho Interdenominacional de Ministros Evangélicos do Brasil (CIMEB)**. 2019b. Biblioteca da Presidência. Disponível em: <https://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-durante-almoco-com-participantes-da-edicao-2019-do-encontro-do-conselho-interdenominacional-de-ministros-evangelicos-do-brasil-cimeb>. Acesso em: 20 mar. 2023.

BRASIL. Presidência da República. **Discurso do presidente da República, Jair Bolsonaro, na assinatura de acordos entre Brasil e Israel: - jerusalém/israel**. 2019c. Biblioteca da Presidência. Disponível em: <https://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-na-assinatura-de-acordos-entre-brasil-e-israel-jerusalem-israel>. Acesso em: 20 mar. 2023.

BRASIL. Presidência da República. **Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, no “Brazil Day in Washington”**: washington/eua. 2019d. Biblioteca da Presidência. Disponível em: <https://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-no-201cbrazil-day-in-washington201d-washington-eua>. Acesso em: 20 mar. 2023.

BRASIL. Presidência da República. **Fala do Presidente da República, Jair Bolsonaro, durante culto especial de comemoração de 25 anos da Igreja Fonte da Vida**: Brasília/DF, 2019e. Biblioteca da Presidência. Disponível em: <https://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos/fala-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-durante-culto-especial-de-comemoracao-de-25-anos-da-igreja-fonte-da-vida-brasilia-df>. Acesso em: 11 mai. 2023.

BRUCE, S. Secularisation and politics. In: HAYNES, Jeffrey (ed.). **Routledge Handbook of Religion and Politics**. [S.L.]: Routledge Taylor And Francis, 2009. p. 145-158.

BRUN, É. Brazil's Relations with Middle Eastern Countries: A Diplomacy in Search for Constancy (2003–2014). Em: **Latin American Foreign Policies towards the Middle East**. New York: Palgrave Macmillan US, 2016. P. 37–57.

https://doi.org/10.1057/978-1-137-59939-1_3

BRYNE, R. **The Secret**. Nova Iorque: Atria Books, 2006.

BUSS, D.; HERMAN, D. **Globalizing family values: the christian right in international politics**. Estados Unidos: University Of Minnesota Press, 2003.

<https://doi.org/10.5749/j.cttstd7>

BYRNES, T. A. Sovereignty, Supranationalism, and Soft Power: The Holy See in International Relations. **The Review of Faith & International Affairs**, v. 15, n. 4, p. 6–20, 2 out. 2017. <https://doi.org/10.1080/15570274.2017.1392140>

CAIRNEY, P. **What is a policy entrepreneur?** 2015. Disponível em: <https://paulcairney.wordpress.com/2015/02/03/what-is-a-policy-entrepreneur/>. Acesso em: 18 maio 2023.

CALDEIRA, J. **História da riqueza no Brasil: cinco séculos de pessoas, costumes e governos**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2017. 624 p.

CAREGNATO, R. C. A.; MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto & Contexto - Enfermagem**, v. 15, n. 4, p. 679–684, dez. 2006. <https://doi.org/10.1590/S0104-07072006000400017>

CARVALHO, O. **O Ocidente islamizado**. 2007. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/o-ocidente-islamizado/>. Acesso em: 24 nov. 2022.

CARVALHO, O.; DUGIN, A. **Os EUA e a Nova Ordem Mundial**: um debate entre Olavo de Carvalho e Alexandre Dugin. Campinas: Vide Editorial, 2012.

CASARÕES, G.; FELDBERG, S. Israel and Brazil: A Long and Unstable Relationship (Part II). **Israel Journal of Foreign Affairs**, v. 15, n. 1, p. 67–86, 2 jan. 2021. <https://doi.org/10.1080/23739770.2021.1924443>

CASARÕES, G.; VIGEVANI, T. O lugar de Israel e da Palestina na política externa brasileira: antissemitismo, voto majoritário ou promotor de paz? **História (São Paulo)**, v. 33, n. 2, p. 150–188, dez. 2014. <https://doi.org/10.1590/1980-43692014000200009>

CBN NEWS. **'Those Who Bless Israel Will Be Blessed': US Embassy Move Marks New Era for the World**. 2018. (4m29s) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dsEqje4RNz0>>. Acesso em: 29 junho 2022.

CERNY, P. G.; PRICHARD, A. The new anarchy: globalisation and fragmentation in world politics. **Journal Of International Political Theory**, [S.I.], v. 13, n. 3, p. 378–394, 20 jun. 2017. <https://doi.org/10.1177/1755088217713765>

CHATIN, M. Brésil: la politique étrangère de Jair Bolsonaro. **Politique étrangère**, v. Été, n. 2, p. 115, 2019. <https://doi.org/10.3917/pe.192.0115>

COMO a relação de Bolsonaro com Israel tem pautado decisões do governo. **Gazeta do Povo**, 30 jan. 2020. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/como-a-relacao-de-bolsonaro-com-israel-tem-pautado-decisoes-do-governo/>. Acesso em 29/03/2023

CONFIRA os países para onde Bolsonaro viajou em 3 anos de governo. **O Globo**. 2022. Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2022-03-13/lista-paises-viagem-bolsonaro-politica-externa-tres-anos-governo.html>. Acesso em: 10 fev. 2023.

CRISTALDO, H. **Investimentos de fundos árabes no Brasil atingem US\$ 20 bilhões**. 2022. Agência Brasil. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2022-07/investimentos-de-fundos-arabes-no-brasil-atingem-us-20-bilhoes>. Acesso em: 02 abr. 2023.

DAL PIVA, J. **Ernesto Araújo, em 2011, exaltou Dilma e sua luta contra a ditadura**. *Época*, 27 mar. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/ernesto-araujo-em-2011-exaltou-dilma-sua-luta-contraditadura-23554629>>. Acesso em: 03 dez. 2022.

DANESE, S. **Diplomacia Presidencial**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999. P. 51.

DANTAS, B. S. do A. **Religião e Política: ideologia e ação da "bancada evangélica" na câmara federal**. 2011. 350 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

DATAFOLHA (São Paulo). **Perfil e opinião dos evangélicos no Brasil: total da amostra**. total da amostra. 2016. Disponível em: <http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2016/12/28/da39a3ee5e6b4b0d3255bfef95601890afd80709.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2022.

DATZ, G.; PETERS, J. Brazil and the Israeli—Palestinian Conflict in the New Century: Between Ambition, Idealism, and Pragmatism. **Israel Journal of Foreign Affairs**, v. 7, n. 2, p. 43–57, 29 jan. 2013. <https://doi.org/10.1080/23739770.2013.11446551>

DAUVERGNE, P.; FARIAS, D. The Rise of Brazil as a Global Development Power. **Third World Quarterly**, v. 33, n. 5, p. 903–917, jun. 2012. <https://doi.org/10.1080/01436597.2012.674704>

DEMERATH III, N. J. Civil Society and Civil Religion as Mutually Dependent. In: DILLON, Michele. **Handbook of the Sociology of Religion**. [S.L.]: Cambridge University Press, 2003. p. 348-358. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511807961.024>

DEPUTADOS evangélicos repudiam voto brasileiro contra Israel. **O Verbo**, 16 mai. 2017. Disponível em: <https://overbo.news/deputados-evangelicos-mocao-voto-brasileiro-israel/>. Acesso em: 08 mai. 2023.

EDIR Macedo fala sobre 'perdoar' Lula, eleito por "vontade de Deus". **UOL**, 03 nov. 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/eleicoes/videos/?id=edir-macedo-fala-sobre-perdoar-lula-eleitor-por-vontade-de-deus-04020C9A3364C4897326>. Acesso em 07 jun. 2023.

ELEIÇÕES 2018: bancada evangélica cresce na Câmara e no Senado. **DIAP**, 2018. Disponível em: <https://www.diap.org.br/index.php/noticias/noticias/88900-eleicoes-2018-bancada-evangelica-cresce-na-camara-e-no-senado>. Acesso em: 12 mai. 2023

ELLIOTT, M. **When cultures collide**. 1996. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/wp-srv/style/longterm/books/reviews/clashofcivilizations.htm>. Acesso em: 09 nov. 2020.

ELWERT, F. Computational Text Analysis. Em: **The Routledge Handbook of Research Methods in the Study of Religion**. London: Routledge, 2021. p. 164–179. <https://doi.org/10.4324/9781003222491-12>

ENTREVISTA EXCLUSIVA COM JAIR BOLSONARO: - PARTE 1. [S. l.:s. n.], 2020. 1 vídeo (18:09). Publicado pelo Canal Silas Malafaia Oficial. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2lju58SIn_E. Acesso em: 29 mar. 2023.

ESTADOS UNIDOS. Bureau Of Near Eastern Affairs. Department Of State (org.). **U.S. Relations With Qatar**. 2020a. U.S Department of State. Disponível em: <https://www.state.gov/u-s-relations-with-qatar/>. Acesso em: 10 fev. 2023.

ESTADOS UNIDOS. Bureau Of Near Eastern Affairs. Department Of State (org.). **U.S. Relations With United Arab Emirates**. 2020b. U.S Department of State. Disponível em: <https://www.state.gov/u-s-relations-with-united-arab-emirates/>. Acesso em: 10 fev. 2023.

ESTADOS UNIDOS. Bureau Of Near Eastern Affairs. Department Of State (org.). **U.S. Relations With Israel**. 2021. U.S Department of State. Disponível em: <https://www.state.gov/u-s-relations-with-israel/>. Acesso em: 10 fev. 2023.

ESTADOS UNIDOS. Bureau Of Near Eastern Affairs. Department Of State (org.). **U.S. Relations With Bahrein**. 2022a. U.S Department of State. Disponível em: <https://www.state.gov/u-s-relations-with-bahrain/>. Acesso em: 10 fev. 2023.

ESTADOS UNIDOS. Bureau Of Near Eastern Affairs. Department Of State (org.). **U.S. Relations With Saudi Arabia**. 2022b. U.S Department of State. Disponível em: <https://www.state.gov/u-s-relations-with-saudi-arabia/>. Acesso em: 10 fev. 2023.

EVANGÉLICOS lamentam recuo de Bolsonaro ao anunciar escritório em Jerusalém. **Folha de São Paulo**, 01 abr. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/04/evangelicos-lamentam-recuo-de-bolsonaro-ao-anunciar-escritorio-em-jerusalem.shtml>. Acesso em 08 mai. 2023.

FERRAZ, L. M. R. Saúde e política na crise da Covid-19: apontamentos sobre a pandemia na imprensa brasileira. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, v. 14, n. 2, 26 jun. 2020. <https://doi.org/10.29397/reciis.v14i2.2128>

FINNEMORE, M.; SIKKINK, K. International Norm Dynamics and Political Change. **International Organization**, vol. 52, no. 4, 1998. <https://doi.org/10.1162/002081898550789>

FLORI, J. **Guerra santa**: formação da ideia de cruzada no ocidente cristão. Campinas: Editora Unicamp, 2013.

FOX, J. Religion as an Overlooked Element of International Relations. **International Studies Review**, v. 3, n. 3, p. 53–73, dez. 2001. <https://doi.org/10.1111/1521-9488.00244>

FUKUYAMA, F. **The end of history and the last man**. Estados Unidos: The Free Press, 1992.

FULLER [Fuller Theological Seminary]. **Mission, Vision, and Values**. 2023. Disponível em: <https://www.fuller.edu/about/mission-and-values/>. Acesso em: 01 maio 2023.

GALLAS, D. **How will history look back on Rouseff's impeachment?** 2016. BBC. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-latin-america-37235510>. Acesso em: 25 jan. 2023.

GARRARD, V. Hidden in Plain Sight: Dominion Theology, Spiritual Warfare, and Violence in Latin America. **Religions**, v. 11, n. 12, p. 648, 3 dez. 2020. <https://doi.org/10.3390/rel11120648>

GARRARD, V. Neopentecostalism and Prosperity Theology in Latin America: A Religion for Late Capitalist Society. **Iberoamericana: Nordic Journal of Latin American and Caribbean Studies**, v. 42, n. 1–2, p. 21–34, 2013. <https://doi.org/10.16993/ibero.32>

GONÇALVES, E. **Líder da Frente Evangélica sobre Olavo: ‘Muito desantenido da realidade’**. 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/lider-da-frente-evangelica-sobre-olavo-muito-desantenido-da-realidade/>. Acesso em: 30 dez. 2022.

GORTÁZAR, N. G. **O que há por trás do idílio político de Bolsonaro com Israel e Netanyahu**. 2019. El País. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/30/internacional/1553969475_732931.html. Acesso em: 21 dez. 2021.

GOVERNO Bolsonaro: Qual é o impacto da presença do premiê israelense Benjamin Netanyahu na posse? **BBC**, 28 dez. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46685876>. Acesso em: 25 mar. 2023.

GRAVE violação: a reação da Liga Árabe à abertura de escritório do Brasil em Jerusalém. **BBC**, 19 dez. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-50845592>. Acesso em: 30 mar. 2023.

GREENGRASS, M. **Christendom destroyed: europe 1517-1648**. Reino Unido: Penguin Books, 2014.

GREGORY, B. S. **The unintended reformation: how a religious revolution secularized society**. Estados Unidos: Harvard University Press, 2015. <https://doi.org/10.2307/j.ctt2jbvrm>

GRUPO evangélico declara apoio a Lula no 1º turno. **Poder360**, 18 ago. 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/eleicoes/grupo-evangelico-declara-apoio-a-lula-no-1o-turno/>. Acesso em 07 jun. 2023.

GUSTAVSSON, J. How Should We Study Foreign Policy Change. **Cooperation and Conflict**, v. 34, n. 1, p. 73–95, mar. 1999. <https://doi.org/10.1177/00108369921961780>

HAIJA, R. M. The Armageddon Lobby: dispensationalist christian zionism and the shaping of us policy towards israel-palestine. **Holy Land Studies**, [S.L.], v. 5, n. 1, p. 75-95, maio 2006. Edinburgh University Press. <https://doi.org/10.3366/hls.2006.0006>

HANSON, S. The secularisation thesis: talking at cross purposes. **Journal Of Contemporary Religion**, Londres, v. 12, n. 2, p. 159-179, jun. 1997. Quadrimestral. <https://doi.org/10.1080/13537909708580797>

HARDING, S. **The Book of Jerry Falwell: fundamentalist language and politics**. Princeton: Princeton University Press, 2001. <https://doi.org/10.1515/9780691190464>

HARRIS, I. Introduction: buddhism, power and politics in theravada buddhist lands. In: HARRIS, Ian (ed.). **Buddhism, power and political order**. Estados Unidos: Routledge, 2007. Cap. 1. p. 1-9. <https://doi.org/10.4324/9780203947494>

HART, D. B. **The Experience of God: being, consciousness, bliss**. Estados Unidos: Yale University Pres, 2013. p. 57-58.

HART, D. B. **The Story of Christianity: a history of 2000 years of the Christian faith**. Londres: Quercus, 2013. Paperback Edition.

HATZOPOULOS, P.; PETITO, F.. The Return from Exile: an introduction. In: HATZOPOULOS, P.; PETITO, F. (ed.). **Religion in International Relations: the return from exile**. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2003. p. 1-20. (Religion in International Relations). https://doi.org/10.1057/9781403982360_1

HAYNES, J. Religion and international relations after ‘9/11’. **Democratization**, v. 12, n. 3, p. 398–413, jun. 2005. <https://doi.org/10.1080/13510340500126814>

HAYNES, J. **An introduction to international relations and religion**. 2. ed. New York: Routledge Taylor And Francis, 2013.

HAYNES, J. Religion and foreign policy. In: HAYNES, J. (ed.). **Routledge Handbook of Religion and Politics**. [S.L.]: Routledge Taylor And Francis, 2009. p. 293-307. <https://doi.org/10.4324/9780203890547>

HERMANN, C. Changing Course: When Governments Choose to Redirect Foreign Policy. **International Studies Quarterly**, v. 34, n. 1, p. 3–21, mar. 1990. <https://doi.org/10.2307/2600403>

HUMMEL, D. G. Religious diplomacy and US–Israeli relations. In: **Handbook on Religion and International Relations**. [s.l.] Edward Elgar Publishing, 2021. p. 363–374.

HUNTINGTON, S. **O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

ISRAEL exemplo para nosso nordeste. [S. l.: s. n.], 2017. 1 vídeo (4:21). Publicado pelo Jair Bolsonaro. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=k2WzdDMAWT8>. Acesso em: 21 ago. 2022.

ISRAEL retira nomeação de ex-líder colono como embaixador no Brasil. **Estadão**, 2016. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/internacional/israel-retira-nomeacao-de-ex-lider-colono-como-embaixador-no-brasil/>. Acesso em 10 mai. 2023

ISRAELENSE que chamou Brasil de 'ano diplomático' deixa o cargo. **G1**, 2014. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2014/09/israelense-que-chamou-brasil-de-ano-diplomatico-deixa-o-cargo.html>. Acesso em 10 mai. 2023

JAMIN, J. Cultural Marxism: A survey. **Religion Compass**, v. 12, n. 1–2, p. e12258, jan. 2018. <https://doi.org/10.1111/rec3.12258>

JUERGENSMEYER, M. **Global Rebellion**: religious challenges to the secular state, from christian militias to al qaeda. Berkeley: University Of California Press, 2008. 359 p. (COMPARATIVE STUDIES IN RELIGION AND SOCIETY).

KEAT, R. Positivism, naturalism, and anti-naturalism in the social sciences. **Journal for the Theory of Social behaviour**, v. 1, n. 1, p. 3–17, 1971. <https://doi.org/10.1111/j.1468-5914.1971.tb00163.x>

KEINON, Herb. **Israel slams 'diplomatic dwarf' Brazil for recalling envoy to protest Gaza operation**. 2014. The Jerusalem Post. Disponível em: <https://www.jpost.com/Operation-Protective-Edge/Brazil-recalls-ambassador-for-consultations-in-protest-of-IDF-Gaza-operation-368715>. Acesso em: 05 maio 2023.

KING, R. E. When Worlds Collide: Politics, Religion, and Media at the 1970 East Tennessee Billy Graham Crusade. **Journal Of Church And State**, [S.I], v. 39, n. 2, p. 273-395, fev. 1997. <https://doi.org/10.1093/jcs/39.2.273>

KRISTENSEN, P. M. Discipline admonished: on international relations fragmentation and the disciplinary politics of stocktaking. **European Journal Of International Relations**, [S.L.], v. 22, n. 2, p. 243-267, 26 jun. 2015. SAGE Publications. <https://doi.org/10.1177/1354066115586206>

LABS, E. J. Beyond victory: offensive realism and the expansion of war aims. **Security Studies**, [S.L.], v. 6, n. 4, p. 1-49, jun. 1997. Informa UK Limited. <https://doi.org/10.1080/09636419708429321>

LEWIS, B. **A crise do islã**: guerra santa e terror profano. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004.

LEWIS, B. **The Middle East**: 2000 years of history from the rise of christianity to the present day. Londres: Phoenix Press, 2000. Payperback Edition.

LIEVESLEY, G. **Pink Tide**. 2009. Oxford Reference. Disponível em: <https://www.oxfordreference.com/display/10.1093/acref/9780199670840.001.0001/acref-9780199670840-e-1571?rskey=RXdeI6&result=1>. Acesso em: 05 maio 2023.

LIMA, B. **As madrugadas de Bolsonaro e Michelle com Silas Malafaia**. 2022. Disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas/guilherme-amado/as-madrugadas-de-bolsonaro-e-michelle-com-silas-malafaia>. Acesso em: 15 nov. 2022.

LIMA, M. P. **Silas Malafaia ora por presidente eleito e pede a Deus "bênção sobre Lula"**. 2022. Correio Braziliense. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/10/5048163-silas-malafaia-ora-por-presidente-eleito-e-pede-a-deus-bencao-sobre-lula.html>. Acesso em: 07 jun. 2023.

LIVE com bolsonaro (04/10/2018). [S. l.: s. n.], 2018. 1 vídeo (26:03). Publicado pelo Jair Bolsonaro. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wqjiPtshOzs>. Acesso em: 24 ago. 2022.

LOPES, D. B. **Bolsonaro e as viagens internacionais**. 2022. Congresso em Foco. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/pais/bolsonaro-e-as-viagens-internacionais/>. Acesso em: 10 fev. 2023.

MACHADO, L. **As caravanas de evangélicos brasileiros que movimentam turismo de Israel**. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47742304>. Acesso em: 16 dez. 2022.

MACIEL, E. **África-Brasil: Jair Bolsonaro será o primeiro Presidente a não visitar um país africano**. 2022. VOA Português. Disponível em: <https://www.voaportugues.com/a/%C3%A1frica-brasil-jair-bolsonaro-ser%C3%A1-o-primeiro-presidente-a-n%C3%A3o-visitar-um-pa%C3%ADs-africano/6600878.html>. Acesso em: 10 fev. 2022.

MANZA, J.; WRIGHT, N. Religion and Political Behavior. In: DILLON, Michele. **Handbook of the Sociology of Religion**. [S.L.]: Cambridge University Press, 2003. p. 297-314. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511807961.021>

MARIANI, D.; DUCROQUET, Simon. **A expansão evangélica no Brasil em 26 anos**. 2017. Nexo Jornal. Disponível em: [A-expansão-evangélica-no-Brasil-em-26-anos](https://www.nexo.com.br/coluna/a-expansao-evangelica-no-brasil-em-26-anos). Acesso em: 01 mar. 2022.

MARIANO, R. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no brasil**. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MARKOWETZ, A.; BŁASZKIEWICZ, Konrad; MONTAG, Christian; SWITALA, Christina; SCHLAEPFER, Thomas E.. Psycho-Informatics: big data shaping modern psychometrics. **Medical Hypotheses**, [S.L.], v. 82, n. 4, p. 405-411, abr. 2014. Elsevier BV. <https://doi.org/10.1016/j.mehy.2013.11.030>

MARMODORO, A. Potentiality in Aristotle's Metaphysics. **Handbook Of Potentiality**, [S.L.], p. 15-43, 2018. Springer Netherlands. https://doi.org/10.1007/978-94-024-1287-1_2

- MATOSO, C. **Contra o PT, Confederação de Pastores do Brasil decide apoiar Bolsonaro**. 2018. Folha de São Paulo. Disponível em: <https://painel.blogfolha.uol.com.br/2018/09/20/contra-o-pt-confederacao-de-pastores-do-brasil-decide-apoiar-bolsonaro/>. Acesso em: 03 fev. 2023.
- MEARSHEIMER, J.; WALT, S. **The Israel Lobby and U.S. Foreign Policy**. New York: Farrar, Straus And Giroux, 2007. <https://doi.org/10.2139/ssrn.891198>
- MELLO, B. **De Silas Malafaia a Estevam Hernandes, veja a posição dos líderes evangélicos após vitória de Lula**. 2022. O Globo. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/eleicoes-2022/noticia/2022/10/de-silas-malafaia-a-estevam-hernandes-veja-a-posicao-dos-lideres-evangelicos-apos-vitoria-de-lula.ghtml>. Acesso em: 07 jun. 2023.
- MESSNER, D.; WEINLICH, S. Introduction: Global cooperation research. In: MESSNER, D.; WEINLICH, S. (Eds.). **Global Cooperation and the Human Factor in International Relations**. 1. ed. Abingdon-on-Thames: Routledge Taylor and Francis, 2015. p. xiii–xviii. <https://doi.org/10.4324/9781315691657>
- MEYER, S. S. Aristotle, Teleology, and Reduction. **The Philosophical Review**, [S.L.], v. 101, n. 4, p. 791, out. 1992. JSTOR. <https://doi.org/10.2307/2185925>
- MILANI, C. R. S.; RIBEIRO, M. C. M. International relations and the paradiplomacy of Brazilian cities: crafting the concept of local international management. **BAR – Brazilian Administration Review**, v. 8, n. 1, p. 21–36, mar. 2011. <https://doi.org/10.1590/S1807-76922011000100003>
- MILBANK, J. **Theology an social theory: beyond secular reason**. 2. ed. Estados Unidos: Blackwell Publishing, 2006. <https://doi.org/10.1002/9780470694121>
- MILLER, P. G. E. The Contribution of the Protestant Churches to Religious Liberty in Colonial America. **Church History**, v. 4, n. 1, p. 57–66, 28 mar. 1935. <https://doi.org/10.2307/3160704>
- MOHSENI, P.; WILCOX, Clyde. Religion and political parties. In: HAYNES, Jeffrey (ed.). **Routledge Handbook of Religion and Politics**. [S.L.]: Routledge Taylor And Francis, 2009. p. 211-230.
- MOMMSEN, T. E. Petrarch's Conception of the 'Dark Ages'. **Speculum**, Chicago, v. 17, n. 2, p. 226-242, abr. 1942. <https://doi.org/10.2307/2856364>
- MORAES, A. de. **Constituição do Brasil interpretada e legislação constitucional**. 9. Ed. São Paulo: Atlas, 2013. 2544 p.
- NETANYAHU, cujo ministro já chamou Brasil de "anão diplomático", vai receber Ordem do Cruzeiro do Sul. **Época**. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/netanyahu-cujo-ministro-ja-chamou-brasil-de-anao-diplomatico-vai-receber-ordem-do-cruzeiro-do-sul-23384490>. Acesso em 10 mai. 2023
- NEUFELD, M. **The restructuring of International Relations theory**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995 <https://doi.org/10.1017/CBO9780511598722>

NUNAN, D.; DOMENICO, M. di. Market Research and the Ethics of Big Data. **International Journal Of Market Research**, [S.L.], v. 55, n. 4, p. 505-520, jul. 2013. SAGE Publications. <https://doi.org/10.2501/IJMR-2013-015>

OLAVO ataca Malafaia e diz que evangélicos entraram na luta contra PT com atraso. **Poder360**, 23 mar. 2019. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/olavo-ataca-malafaia-e-diz-que-evangelicos-entraram-na-luta-contr-pt-com-atraso/>. Acesso em: 30 dez. 2022.

OLIVEIRA MOREIRA, D. S. Continuidades e Descontinuidades nos Governos Temer e Bolsonaro na Política Externa Brasileira (2016-2020) | Continuities and Discontinuities in the Governments Temer and Bolsonaro in Brazilian Foreign Policy (2016-2020). **Mural Internacional**, v. 11, p. e51549, 26 nov. 2020 <https://doi.org/10.12957/rmi.2020.51549>

OLIVEIRA, R. **Batismo no rio Jordão, empresários e promessas vazias: como Bolsonaro construiu a imagem de “amigo de Israel”**. Como Bolsonaro construiu a imagem de “amigo de Israel”. 2018. El País. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/23/politica/1540319360_061442.html. Acesso em: 05 fev. 2023.

ONU. [Organização das Nações Unidas]. **Responsibility to Protect**. 2023. Disponível em: <https://www.un.org/en/genocideprevention/about-responsibility-to-protect.shtml>. Acesso em: 01 maio 2023.

ORTUNES, L.; MARTINHO, S. G.; CHICARINO, T. S.. A instrumentalização do discurso do medo: pastores midiáticos e o período pré-eleitoral de 2014. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 42, n. 2, p. 121–146, maio 2019. <https://doi.org/10.1590/1809-5844201926>

OSIANDER, Andreas. Sovereignty, international relations, and the westphalian Myth. **International Organization**, Reino Unido, v. 55, n. 2, p. 251-287, 09 jul. 2003. <https://doi.org/10.1162/00208180151140577>

PASTOR Silas Malafaia comenta: Bolsonaro está certo ou errado em relação a Israel?. [S. l.:s. n.], 2019. 1 vídeo (3:03). Publicado pelo Silas Malafaia Oficial. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QydYnN-9lwc>. Acesso em: 15 jun. 2022.

PESSOA, Daniela. **Juventude judaica ameaça boicote ao clube Hebraica Rio**. 2017. Revista Veja. Disponível em: <https://vejario.abril.com.br/cidade/juventude-judaica-ameaca-boicote-ao-clube-hebraica-rio/>. Acesso em: 05 fev. 2023.

PIVA, J. **O negócio do Jair: a história proibida do clã 128cercamen**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

PLEYERS, G.. A “guerra dos deuses” no brasil: da teologia da libertação à eleição de Bolsonaro. **Educação & Sociedade**, v. 41, p. e233566, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/HjnXq8pPN6XKBkwNvFmb67Q/?lang=pt#> <https://doi.org/10.1590/es.233566>

PÓS-JEFFERSON: Lula 53% X 47% Bolsonaro, diz PoderData. **PoderData**, 26 out. 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/pos-jefferson-lula-53-x-47-bolsonaro-diz-poderdata/> Acesso em: 07 jun. 2023

PRANDI, R.; SANTOS, R. W. DOS. Quem tem medo da bancada evangélica? Posições sobre moralidade e política no eleitorado brasileiro, no Congresso Nacional e na Frente Parlamentar Evangélica. **Tempo Social**, v. 29, n. 2, p. 187, 8 ago. 2017. <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2017.110052>

PRATA, Nair; LOPEZ, Debora Cristina; CAMPELO, Wanir. Panorama do rádio religioso no Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 37., 2014, Foz do Iguaçu. **Resumo [...]**. Foz do Iguaçu: Intercom, 2014. p. 1-15. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-0548-1.pdf>. Acesso em: 25 maio 2022.

QUADROS, M. P. dos R.; MADEIRA, R. M. Fim da direita envergonhada? Atuação da bancada evangélica e da bancada da bala e os caminhos da representação do conservadorismo no Brasil. **Opinião Pública**, [S. l.], v. 24, n. 3, p. 486–522, 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/op/article/view/8654292>. Acesso em: 17 mai. 2022. <https://doi.org/10.1590/1807-01912018243486>

QUERO, C. **Bolsonaro em Israel: Presidente brasileiro recua sobre embaixada e anuncia escritório comercial em Jerusalém**. 2019. BBC. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47766575>. Acesso em: 25 mar. 2023.

REDAÇÃO. **Bolsonaro é acusado de racismo por frase em palestra na Hebraica**. 2017. Revista Veja. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/bolsonaro-e-acusado-de-racismo-por-frase-em-palestra-na-hebraica/>. Acesso em: 05 fev. 2023.

REINKE, A. D. **O sionismo cristão e sua influência na cultura protestante brasileira**. 2018. 151 f. Dissertação (Doutorado) - Curso de Teologia, Faculdades Est, São Leopoldo, 2018. Disponível em: <http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/handle/BR-SIFE/900>. Acesso em: 23 jun. 2022.

REIS DA SILVA, A. L. De Dilma a Bolsonaro: as transformações matriciais na política externa brasileira. **Interacción Sino-Iberoamericana / Sino-Iberoamerican Interaction**, v. 2, n. 1, p. 1–26, 28 mar. 2022. <https://doi.org/10.1515/sai-2022-0007>

REIS DA SILVA, A. L.; PÉREZ, J. O. Lula, Dilma, and Temer: The Rise and Fall of Brazilian Foreign Policy. **Latin American Perspectives**, v. 46, n. 4, p. 169–185, 3 jul. 2019. <https://doi.org/10.1177/0094582X19846521>

RESNICK, Stephen A.; WOLFF, Richard D.. Marxist Epistemology: the critique of economic determinism. **Social Text**, [s. l.], v. 6, n. 1, p. 31-72, set. 1982. <https://doi.org/10.2307/466616>

RIVEIRA, Carolina; LAGO, Cecília do. **ELEIÇÕES 2020: aumenta em 34% o número de candidatos evangélicos**. aumenta em 34% o número de candidatos evangélicos. 2020.

Revista Exame. Disponível em: <https://exame.com/brasil/eleicoes-2020-aumenta-em-34-o-numero-de-candidatos-evangelicos/>. Acesso em: 5 ago. 2022.

ROSAS, F. **O ruído diplomático entre o Brasil e Israel divide especialistas**. 2014. El País. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/07/25/internacional/1406307880_395695.html. Acesso em: 21 dez. 2021.

ROSE, Gideon (ed.). **The clash at 20 abridged**. What did Samuel P. Huntington's "The Clash of Civilizations?" get right and wrong, and how does it look two decades later?. 2013. Elaborada por Foreign Affairs. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/system/files/c0007.pdf>. Acesso em: 09 dez. 2021.

RUSSETT, Bruce M.; ONEAL, John R.; COX, Michaelene. Clash of Civilizations, or Realism and Liberalism Déjà Vu? Some Evidence. **Journal Of Peace Research**, [S.L.], v. 37, n. 5, p. 583-608, set. 2000. SAGE Publications. <https://doi.org/10.1177/0022343300037005003>

ROSSI, G. B.; SERRALVO, F. A.; JOAO, B. N. Análise de Conteúdo. **Revista Brasileira de Marketing**, v. 13, n. 4, p. 39–48, 11 set. 2014. <https://doi.org/10.5585/remark.v13i4.2701>

SAKAMOTO, L. **Preso por corrupção, Pastor Everaldo “batizou” Bolsonaro e Wilson Witzel**. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2020/08/28/acusado-de-corrupcao-pastor-everaldo-batizou-bolsonaro-e-wilson-witzel.htm>. Acesso em: 14 maio 2022.

SANTOS, M. M. A. dos. **Os limites da tolerância religiosa no Brasil do segundo império e a inserção do protestantismo de missão no Recife: (1855-1873)**. 2018. 142 f. Tese (Mestrado) – Ciências da Religião, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2018.

SANTOS, R. L. de S.; PARDO, T. A. S.. **Python para PLN: nltk e spacy**. NLTK e spaCy. [202-?]. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6288975/mod_resource/content/0/Aula%209%20-%20NLTK%20e%20spaCy.pdf. Acesso em: 20 mar. 2023.

SCHLIESSER, C.; KADAYIFCI-ORELLANA, S. A.; KOLLONTAI, P. **On the Significance of Religion in Conflict and Conflict Resolution**. Londres: Routledge Taylor and Francis, 2021. Kindle Edition. <https://doi.org/10.4324/9781003002888>

SCHMIDT, S. To Order the Minds of Scholars: The Discourse of the Peace of Westphalia in International Relations Literature1. **International Studies Quarterly**, v. 55, n. 3, p. 601–623, set. 2011. <https://doi.org/10.1111/j.1468-2478.2011.00667.x>

SCHREIBER, M. **Lideranças evangélicas querem que Brasil siga EUA e transfira embaixada em Israel para Jerusalém**. 2017. BBC Brasil. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-42263407>. Acesso em: 08 maio 2023.

SCHWARCZ, L. M.; STARLING, H. M. **Brasil: uma biografia**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

- SCRUTON, R. **Como ser um conservador**. 4. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2016.
- SEDGWICK, M. Traditionalism in Brazil. **Aries**, v. 21, n. 2, p. 159–184, 9 out. 2020. <https://doi.org/10.1163/15700593-20201001>
- SEDGWICK, M. Guénonian Traditionalism in South American literature and academia. **International Journal of Latin American Religions**, v. 5, n. 1, p. 164–180, 19 jun. 2021. <https://doi.org/10.1007/s41603-021-00134-6>
- SEN, A. K. Democracy as a Universal Value. **Journal of Democracy**, [S.L.], v. 10, n. 3, p. 3-17, 1999. Project Muse. <https://doi.org/10.1353/jod.1999.0055>
- SERRA, J. **Discurso do ministro José Serra por ocasião da cerimônia de transmissão do cargo de ministro de estado das Relações Exteriores – Brasília, 18 de maio de 2016**. 2016. Disponível em: https://www.gov.br/mre/pt-br/canais_atendimento/imprensa/notas-a-imprensa/discurso-do-ministro-jose-serra-por-ocasio-da-cerimonia-de-transmissao-do-cargo-de-ministro-de-estado-das-relacoes-exteriores-brasilia-18-de-maio-de-2016. Acesso em: 06 jan. 2023.
- SFREDO, M. **Novo chanceler brasileiro é ativista contra globalismo**. 2018. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/marta-sfredo/noticia/2018/11/novo-chanceler-brasileiro-e-ativista-contra-globalismo-cjohjsrl80du301piw2voyd1s.html>. Acesso em: 01 dez. 2022.
- SHANI, G. Transnational religious actors and international relations. In: HAYNES, Jeffrey (ed.). **Routledge Handbook of Religion and Politics**. [S.L.]: Routledge Taylor And Francis, 2009. p. 308-322.
- SHERWOOD, H. **Israeli commandos kill activists on flotilla bound for Gaza**. 2010. Jornal The Guardian. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2010/may/31/israel-kills-activists-flotilla-gaza>. Acesso em: 21 dez. 2021.
- SILAS Malafaia após vitória de Lula: 'Deus livre o Brasil do caos político'. **UOL**, 31 out. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/10/31/silas-malafaia-lula.htm>. Acesso em 07 jun. 2023.
- SMITH, A. E. **Religion and Brazilian Democracy: mobilizing the people of god**. Cambridge: Cambridge University Press, 2019. <https://doi.org/10.1017/9781108699655>
- SMITH, P. H. Science on the Move: recent trends in the history of early modern science. **Renaissance Quarterly**, [S.L.], v. 62, n. 2, p. 345-375, 2009. Cambridge University Press (CUP). <https://doi.org/10.1086/599864>
- SMITH, Q. The Metaphilosophy of Naturalism. **Philo**, v. 4, n. 2, p. 195–215, 2001. <https://doi.org/10.5840/philo20014216>
- SNOW, D. A.; BYRD, S. C. Ideology, Framing Processes, and Islamic Terrorist Movements. **Mobilization: An International Quarterly**, Estados Unidos, v. 12, n. 2, p. 119-136, 1 jun. 2007. <https://doi.org/10.17813/maiq.12.2.5717148712w21410>

- SOARES, E. **O pentecostalismo brasileiro: um guia histórico e teológico para compreender o pentecostes no Brasil**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2021.
- SOARES, G. **Brasil não fecha acordo do spray nasal que motivou viagem a Israel**. 2021. Poder360. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/brasil-nao-fecha-acordo-do-spray-nasal-que-motivou-viagem-a-israel/>. Acesso em: 30 mar. 2023.
- SOARES, P. G. C. O secular, o secularismo e a secularização: conceitos análogos e concepções divergentes. In: CARLETTI, A.; NOBRE, F. R. F.; FERREIRA, M. A. S. V. (org.). **Relações internacionais e religião: reflexões rumo a um contexto pós-laicista**. João Pessoa: Editora UFPB, 2020. Cap. 2. p. 39-59.
- SOUZA, A. R. Os Evangélicos nas Eleições Municipais. **Correlatio**, v. 9, n. 17, p. 26–45, 30 jun. 2010. <https://doi.org/10.15603/1677-2644/correlatio.v9n17p26-45>
- SOUZA, M. P. de. **A história recente do turismo religioso brasileiro e seu papel no conflito Israel-Palestina**. 2018. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo, 2018. doi:10.11606/T.8.2019.tde-13052019-112211. Acesso em: 2022-06-20. <https://doi.org/10.11606/T.8.2019.tde-13052019-112211>
- SOLOVYOV, V. **The Crisis of Western Philosophy**. Hudson, EUA: Lindisfarne Books. 1996. Kindle Edition.
- SPECTOR, S. **Evangelicals and Israel : the story of American Christian Zionism**. 1. ed. New York: Oxford University Press, 2009. <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780195368024.001.0001>
- SPYER, J. **Povo de Deus: Quem são os evangélicos e por que eles importam**. São Paulo: Geração Editorial, 2020.
- STOCKTON, R. Christian Zionism: Prophecy and Public Opinion. **Middle East Journal**, [S.L.], v. 41, n. 2 p.234-53, 1987. Middle East Institute.
- STRAYER, Joseph R. **On the medieval origins of the modern state**. Estados Unidos: Princeton University Press, 2016.
- SWATOS JUNIOR, W. H.; CHRISTIANO, K. J. Secularization Theory: the course of a concept. **Sociology Of Religion**, Reino Unido, v. 60, n. 3, p. 209-228, set. 1999. <https://doi.org/10.2307/3711934>
- SYLVESTRE, J. **Irmão vota em irmão: os evangélicos, a constituinte e a Bíblia**. Brasília: Pergaminho, 1986.
- SYNAN, V. **O século do espírito santo: 100 anos do avivamento pentecostal e carismático**. São Paulo: Vida, 2009.
- TEITELBAUM, B. **Guerra pela eternidade: o retorno do tradicionalismo e a ascensão da direita populista**. Campinas: Editora da Unicamp, 2021.

TEMER, M. **Leia o discurso de Temer na íntegra**: presidente defendeu a legalidade do impeachment e o papel do Brasil no mundo. Presidente defendeu a legalidade do impeachment e o papel do Brasil no mundo. 2016. Jornal El País. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/09/20/politica/1474388524_553168.html. Acesso em: 07 jan. 2023.

TESCHKE, B. Theorizing the Westphalian System of States: international relations from absolutism to capitalism. **European Journal Of International Relations**, [S.I.], v. 8, n. 1, p. 5-48, 1 mar. 2002. <https://doi.org/10.1177/1354066102008001001>

TEXT: bin laden's statement. **The Guardian**. 2001. Tradução para inglês pela Associated Press. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2001/oct/07/afghanistan.terrorism15>. Acesso em: 09 dez. 2021.

THOMAZ, L. F.; VIGEVANI, T.; FERREIRA, E. C. **A política subordinada de Bolsonaro a Trump (2019-2020)**: Estudos de casos – Embraer, Alcântara, RDT&E e Vistos. **Sul Global**, v. 2, n. 2, 28 maio 2021.

URIBE, G. **Mesmo com saída de Netanyahu, Bolsonaro tentará manter aliança com Israel**. 2021. CNN. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/mesmo-com-saida-de-netanyahu-bolsonaro-tentara-manter-alianca-com-israel/>. Acesso em: 30 mar. 2023.

VAGNI, J. J. La cumbre América del Sur-Países Árabes (ASPA): Balances de um 133ceramento estratégico. **Revista de Estudios Internacionales Mediterráneos**, [S.l.], n. 8, 2009. Disponível em: <https://revistas.uam.es/reim/article/view/822>. Acesso em: 12 dez. 2022.

VATICANO. Igreja Católica Apostólica Romana. (ed.). **Catechismus catholicae ecclesiae**. 1992. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/catechism_lt/p123a9p4_lt.htm#I.%20Hierarchica%20Ecclesiae%20constitutio. Acesso em: 17 mar. 2022.

VEYNE, Paul. **Quando o nosso mundo se tornou cristão**: 312-394. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

WARE, Timothy. **The Orthodox Church**: an introduction to eastern christianity. Londres: Penguin Books, 2015.

WEISSENBERG, P. P. S. **Os evangélicos na Câmara dos Deputados**: uma análise quantitativa dos seus discursos (2007 - 2021). 2022. 68 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciência Política, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <http://www.bdt.d.uerj.br/handle/1/19423>. Acesso em: 05 maio 2023.

WILLIAMS, Rhys H.. Religious Social Movements in the Public Sphere: organization, ideology, and activism. In: DILLON, Michele (ed.). **Handbook of the Sociology of Religion**. [S.L.]: Cambridge University Press, 2003. p. 315-330. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511807961.022>

WILSON, Adrian; ASHPLANT, T. G.. Whig History and Present-centred History. **The Historical Journal**, [S. L.], v. 31, n. 1, p. 1-16, mar. 1988.
<https://doi.org/10.1017/S0018246X00011961>

ZANINI, F. **Guru do governo Bolsonaro, Olavo de Carvalho era ícone dos conservadores**. 2022. Disponível em:
<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/01/guru-do-governo-bolsonaro-olavo-de-carvalho-era-icone-dos-conservadores.shtml>. Acesso em: 03 dez. 2022.

ANEXO A – Nota de Bolsonaro à Embaixada Israelense

NOTA DE APOIO

Parte da história de vida da Senhora Presidente da República Dilma Rouseff está materializada em processo que se encontra no cofre da Presidente do Superior Tribunal Militar, sem acesso público, inclusive da imprensa. (*Jornal "Folha de São Paulo", de 17/08/2010*).

Entretanto é de domínio público que, desde cedo, ela militou em grupos terroristas no Brasil, como a VAR Palmares, Colina e VPR que, dentre outros "feitos", em 10/05/1970, torturaram e executaram, no Vale do Ribeira, o jovem Tenente Alberto Mendes Júnior, da Força Pública de São Paulo e lançaram, no dia 26/06/1968, um carro-bomba no QG do II Exército, causando a morte do soldado Mario Kozel Filho, cujo corpo ficou completamente mutilado. Também, em 12/10/1968, sob a acusação de representar o "Imperialismo Americano", executaram, na frente de sua esposa e de seus 4 filhos menores – Darryl (9 anos), Jeffrey (4 anos), Todd (3 anos) e Luanne (3 meses), o Capitão do Exército dos EUA Charles Rodney Chandler (herói da Guerra do Vietnã)

Seu primeiro companheiro, Claudio Galeno, cedeu sua residência a terroristas do Grupo Colina para planejamento e execução do Capitão Boliviano Gary Prado (acusado de ser o responsável pela morte do guerrilheiro Che Guevara), operação que culminou com a morte do Major Alemão Edward Von Westernhagen, em 01/07/1968.

Seu ex-marido, Carlos Araújo, em depoimento utilizado para ilustração de novela da Televisão SBT, demonstrou orgulho em ter participado com Dilma Rouseff em expropriação de bancos para compra de armas, roubos de armamento em quartéis do Exército e da Polícia Militar, além da prática de assaltos a caminhões de carga na Baixada Fluminense, ressaltando ainda julgar "bastante romântico" essa última atividade.

O que causa espanto são as declarações da Senhora Presidente da República, já no exercício de sua função atual, afirmando que muito se orgulha de seu passado. Tal fato só encontra respaldo na grande parte de eleitores anestesiados por programas assistencialistas – sem estímulo à produtividade – e desprovidos de um mínimo de instrução motivado, propositalmente, pelo baixo nível do ensino escolar proporcionado por esse Governo.

A nota bolivariana do Itamarati, representando a Presidente da República, acusando Israel de agir com desproporcionalidade pode ser comparada a uma condenação de policial que tenha revidado com Fuzil 7,62 a ataque de marginais utilizando armas de calibre .38.

No passado, o Brasil também enfrentou o seu terror quando a esquerda, pelas armas e financiada pelo comunismo, tentou chegar ao Poder e a justa reação do Estado está sendo contestada, assim como Israel o está ao se defender do Hamas.

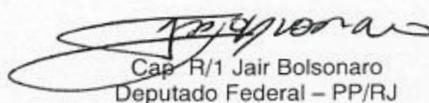
Os brasileiros – civis e militares – que lutaram por democracia e liberdade também sofreram, e ainda sofrem, ataques da mídia semelhantes aos que hoje são praticados contra o povo de Israel por sua resposta às agressões sofridas pelo Hamas.

Fique certo, Senhor Embaixador, que a maioria dos brasileiros dotados de cultura, dignidade e bom senso está com o povo de Israel e contra o terrorismo, sempre ao lado da democracia, da liberdade e do respeito aos verdadeiros direitos humanos.

O atual Governo brasileiro ao longo dos últimos 11 anos sempre esteve ao lado do que há de pior no mundo, como Fidel Castro, Hugo Chavez, Ahmadinejad, Evo Morales, Kim Jong-un, entre outros, na contramão do pacífico, ordeiro e trabalhador povo brasileiro. Reforça tal afirmativa a edição do Decreto 8.243, de 23/05/2014, que anula o Legislativo Brasileiro.

Em nome destes é que peço desculpas ao povo israelense pela destrambelhada, inoportuna, hipócrita e covarde manifestação do Governo brasileiro.

Rio de Janeiro-RJ, 25 de julho de 2014


Cap R/1 Jair Bolsonaro
Deputado Federal – PP/RJ

Recebi

Em, _____ de _____ de 20____

Embaixada de Israel

Waldyr Azeredo 25/07/2014

APÊNDICE A – Matrizes de co-ocorrência

(continua)

Termos-chave	deus	jesus	israel	palestin.	brasil	argentín.	eua
deus	-	3	19	-	925	25	14
jesus	3	-	1	-	7	-	-
israel	19	1	-	-	135	3	13
palestina	-	-	-	-	-	-	-
brasil	925	7	135	-	-	104	138
argentina	25	-	3	-	104	-	7
eua	14	-	13	-	138	7	-
catar	-	-	1	-	16	-	-
saudita	2	-	-	-	23	-	1
emirados	1	-	3	-	22	-	-
bahrein	1	-	11	-	16	-	-
jerusalem	-	-	4	-	2	-	2
judaico	1	-	7	-	9	-	-
judeu	-	-	1	-	-	-	-
judeus	-	-	-	-	-	-	-
crístao	49	1	2	-	36	-	-
crístaos	18	-	-	-	23	-	1
crístá	6	-	7	-	16	-	-
crístas	-	-	-	-	1	-	-
palestino	-	-	1	-	1	-	-
bíblia	10	-	3	-	12	-	-
pastor	36	-	11	-	15	-	-
padre	8	-	-	-	5	-	-
evangélico	12	-	-	-	10	-	-
católico	2	-	-	-	2	-	-
tecnología	6	-	14	-	57	1	4
desenvolvimento	6	-	3	-	98	3	1
agricultura	5	-	5	-	64	-	-

(continuação)

Termos-chave	catar	saudita	emirad.	bahrei.	jerusale.	judaico	judeu
deus	-	2	1	1	-	1	-
jesus	-	-	-	-	-	-	-
israel	1	-	3	11	4	7	1
palestina	-	-	-	-	-	-	-
brasil	16	23	22	16	2	9	-
argentina	-	-	-	-	-	-	-
eua	-	1	-	-	2	-	-
catar	-	8	14	4	-	-	-
saudita	8	-	9	1	-	-	-
emirados	14	9	-	5	-	-	-
bahrein	4	1	5	-	-	-	-
jerusalem	-	-	-	-	-	-	-
judaico	-	-	-	-	-	-	-
judeu	-	-	-	-	-	-	-
judeus	-	-	-	-	-	-	-
cristao	-	-	-	-	-	-	-
cristaos	-	-	-	-	-	-	-
crista	-	-	-	-	-	10	-
cristas	-	-	-	-	-	1	-
palestino	-	-	-	-	-	-	-
biblia	-	1	1	-	-	1	-
pastor	-	-	-	-	-	1	-
padre	-	-	-	-	-	-	-
evangelico	-	-	-	-	-	-	-
catolico	1	1	-	-	-	-	-
tecnologia	1	1	1	-	2	-	-
desenvolviment o	-	-	-	-	-	-	-
agricultura	-	-	-	-	-	-	-

(continuação)

Termos-chave	judeus	cristao	cristaos	crista	cristas	palesti.	biblia
deus	-	49	18	6	-	-	10
jesus	-	1	-	-	-	-	-
israel	-	2	-	7	-	1	3
palestina	-	-	-	-	-	-	-
brasil	-	36	23	16	1	1	12
argentina	-	-	-	-	-	-	-
eua	-	-	1	-	-	-	-
catar	-	-	-	-	-	-	-
saudita	-	-	-	-	-	-	1
emirados	-	-	-	-	-	-	1
bahrein	-	-	-	-	-	-	-
jerusalem	-	-	-	-	-	-	-
judaico	-	-	-	10	1	-	1
judeu	-	-	-	-	-	-	-
judeus	-	-	-	-	-	-	-
cristao	-	-	9	-	-	-	8
cristaos	-	9	-	1	-	-	1
crista	-	-	1	-	-	-	1
cristas	-	-	-	-	-	-	-
palestino	-	-	-	-	-	-	-
biblia	-	8	1	1	-	-	-
pastor	-	7	-	1	-	-	5
padre	-	2	2	-	-	-	3
evangelico	-	12	3	-	-	-	5
catolico	-	2	-	-	-	-	3
tecnologia	-	-	-	-	-	-	-
desenvolvimento	-	-	-	-	-	-	-
agricultura	-	-	-	-	-	-	-

(final)

Termos-chave	pastor	padre	evange.	catol.	tecnol.	desenvolv.	agricul.
deus	36	8	12	2	6	6	5
jesus	-	-	-	-	-	-	-
israel	11	-	-	-	14	3	5
palestina	-	-	-	-	-	-	-
brasil	15	5	10	2	57	98	64
argentina	-	-	-	-	1	3	-
eua	-	-	-	-	4	1	-
catar	-	-	-	1	1	-	-
saudita	-	-	-	1	1	-	-
emirados	-	-	-	-	1	-	-
bahrein	-	-	-	-	-	-	-
jerusalem	-	-	-	-	2	-	-
judaico	1	-	-	-	-	-	-
judeu	-	-	-	-	-	-	-
judeus	-	-	-	-	-	-	-
cristao	7	2	12	2	-	-	-
cristaos	-	2	3	-	-	-	-
crista	1	-	-	-	-	-	-
cristas	-	-	-	-	-	-	-
palestino	-	-	-	-	-	-	-
biblia	5	3	5	3	-	-	-
pastor	-	17	17	1	-	-	-
padre	17	-	4	-	-	-	-
evangelico	17	4	-	4	-	-	-
catolico	1	-	4	-	-	-	-
tecnologia	-	-	-	-	-	9	7
desenvolvim.	-	-	-	-	9	-	2
agricultura	-	-	-	-	7	2	-

APÊNDICE B – Código Fonte

```
import re
import nltk
import numpy as np
import pandas as pd
from nltk.corpus import stopwords
from scipy.sparse import lil_matrix

# Open the txt file and read its contents
with open(r'Discursos Bolsonaro TXT.txt', 'r', encoding='utf-8') as f:
    text = f.read()

# Remove unwanted characters and convert text to lowercase
text = re.sub('[^A-Za-zÀ-ú]+', ' ', text.lower())

# Load the Portuguese stopwords
nltk.download('stopwords')
stopwords = set(stopwords.words('portuguese'))

# Tokenize the text and remove stopwords
tokens = [word for word in nltk.word_tokenize(text) if word not in stopwords]

# Get the word frequency
word_frequency = nltk.FreqDist(tokens)

#Get number of occurrences of specific terms and sort from highest to lowest
terms = ["deus", "jesus", "israel", "palestina", "brasil", "argentina",
"eua", "catar", "saudita", "emirados", "bahrein", "jerusalem", "judaico",
"judeu", "judeus", "cristao", "cristaos", "crista", "cristas", "palestino",
"biblia", "pastor", "padre", "evangelico", "catolico", "tecnologia",
"desenvolvimento", "agricultura"]

word_counts = {}
for word in tokens:
    if word in terms:
```

```

    if word not in word_counts:
        word_counts[word] = 1
    else:
        word_counts[word] += 1

# Get the co-occurrence matrix; 15 words prior

word_dict = {word: i for i, word in enumerate(terms)}
co_occurrence = lil_matrix((len(terms), len(terms)), dtype=np.float64)
for i in range(1, len(tokens)):
    if tokens[i] in terms:
        word1 = tokens[i]
        for j in range(max(0, i - 15), i):
            if tokens[j] in terms and tokens[j] != word1:
                word2 = tokens[j]
                co_occurrence[word_dict[word1], word_dict[word2]] += 1
                co_occurrence[word_dict[word2], word_dict[word1]] += 1

        pd.set_option('display.max_rows', None)
        pd.set_option('display.max_columns', None)
        pd.set_option('display.width', None)
        pd.set_option('display.max_colwidth', None)

# Print the results
print(" ")
print("Tokenized text sample")
print(tokens[:100])

print(" ")
print("Word Frequency:")
print(word_frequency)

```

```
print(" ")
print("20 most common words:")
for word, freq in word_frequency.most_common(20):
    print(f"{word}: {freq}")

print(" ")
print('Instances of each word of interest:')
word_counts = dict(sorted(word_counts.items(), key=lambda item: item[1],
reverse=True))
for word, count in word_counts.items():
    print(f'{word}: {count}')

print(" ")
print("Co-occurrence Matrix:")
print(pd.DataFrame(co_occurrence.toarray(), index=terms, columns=terms))
```

APÊNDICE C – Resultados

Tokenized text sample

```
['excelentissimo', 'presidente', 'congresso', 'nacional', 'senador',
'eunicio', 'oliveira', 'senhoras', 'senhores', 'chefes', 'estado', 'chefes',
'governo', 'vice', 'chefes', 'estado', 'vice', 'chefes', 'governo', 'honram',
'presenças', 'vice', 'presidente', 'republica', 'federativa', 'brasil',
'hamilton', 'mourao', 'contemporaneo', 'academia', 'militar', 'agulhas',
'negras', 'presidente', 'camara', 'deputados', 'prezado', 'amigo',
'companheiro', 'deputado', 'rodrigo', 'maia', 'ex', 'presidentes',
'republica', 'federativa', 'brasil', 'senhor', 'jose', 'sarney', 'senhor',
'fernando', 'collor', 'mello', 'presidente', 'supremo', 'tribunal',
'federal', 'ministro', 'dias', 'toffoli', 'senhoras', 'senhores',
'ministros', 'estado', 'comandantes', 'forças', 'aqui', 'presentes',
'procuradora', 'geral', 'republica', 'raquel', 'dodge', 'senhoras',
'senhores', 'governadores', 'senhoras', 'senhores', 'senadores', 'deputados',
'federais', 'senhoras', 'senhores', 'chefes', 'missões', 'estrangeiras',
'acreditados', 'junto', 'governo', 'brasileiro', 'querida', 'esposa',
'michelle', 'daqui', 'vizinha', 'ceilandia', 'filhos', 'familiares', 'aqui']
```

Word Frequency:

<FreqDist with 20832 samples and 346361 outcomes>

20 most common words:

nao: 9185

brasil: 4820

aqui: 4225

voces: 3148

todos: 2935

tambem: 2709

la: 2021

bem: 1910

porque: 1649

deus: 1460

governo: 1417

sao: 1409

agora: 1402

gente: 1395

entao: 1351

presidente: 1331

grande: 1303

vai: 1229

povo: 1224

pais: 1158

Instances of each word of interest:

brasil: 4820

deus: 1460

israel: 191

desenvolvimento: 187

eua: 166

argentina: 161

agricultura: 138

tecnologia: 133

crisao: 77

pastor: 75

evangelico: 53

biblia: 49

cristaos: 41

saudita: 29

padre: 22

emirados: 21

crista: 20

catar: 19

bahrein: 16

judaico: 11

catolico: 11

jesus: 9

jerusalem: 6

judeus: 1

judeu: 1

palestino: 1

cristas: 1

Co-occurrence Matrix:

	deus	jesus	israel	palestina	brasil	argentina	eua	\
deus	0.0	3.0	19.0	0.0	925.0	25.0	14.0	
jesus	3.0	0.0	1.0	0.0	7.0	0.0	0.0	
israel	19.0	1.0	0.0	0.0	135.0	3.0	13.0	
palestina	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	
brasil	925.0	7.0	135.0	0.0	0.0	104.0	138.0	
argentina	25.0	0.0	3.0	0.0	104.0	0.0	7.0	
eua	14.0	0.0	13.0	0.0	138.0	7.0	0.0	
catar	0.0	0.0	1.0	0.0	16.0	0.0	0.0	
saudita	2.0	0.0	0.0	0.0	23.0	0.0	1.0	
emirados	1.0	0.0	3.0	0.0	22.0	0.0	0.0	
bahrein	1.0	0.0	11.0	0.0	16.0	0.0	0.0	
jerusalem	0.0	0.0	4.0	0.0	2.0	0.0	2.0	
judaico	1.0	0.0	7.0	0.0	9.0	0.0	0.0	
judeu	0.0	0.0	1.0	0.0	0.0	0.0	0.0	
judeus	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	
cristao	49.0	1.0	2.0	0.0	36.0	0.0	0.0	
cristaos	18.0	0.0	0.0	0.0	23.0	0.0	1.0	
crista	6.0	0.0	7.0	0.0	16.0	0.0	0.0	
cristas	0.0	0.0	0.0	0.0	1.0	0.0	0.0	
palestino	0.0	0.0	1.0	0.0	1.0	0.0	0.0	
biblia	10.0	0.0	3.0	0.0	12.0	0.0	0.0	
pastor	36.0	0.0	11.0	0.0	15.0	0.0	0.0	
padre	8.0	0.0	0.0	0.0	5.0	0.0	0.0	
evangelico	12.0	0.0	0.0	0.0	10.0	0.0	0.0	
catolico	2.0	0.0	0.0	0.0	2.0	0.0	0.0	
tecnologia	6.0	0.0	14.0	0.0	57.0	1.0	4.0	
desenvolvimento	6.0	0.0	3.0	0.0	98.0	3.0	1.0	
agricultura	5.0	0.0	5.0	0.0	64.0	0.0	0.0	
\	catar	saudita	emirados	bahrein	jerusalem	judaico	judeu	
deus	0.0	2.0	1.0	1.0	0.0	1.0	0.0	
jesus	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	
israel	1.0	0.0	3.0	11.0	4.0	7.0	1.0	

palestina	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
brasil	16.0	23.0	22.0	16.0	2.0	9.0	0.0
argentina	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
eua	0.0	1.0	0.0	0.0	2.0	0.0	0.0
catar	0.0	8.0	14.0	4.0	0.0	0.0	0.0
saudita	8.0	0.0	9.0	1.0	0.0	0.0	0.0
emirados	14.0	9.0	0.0	5.0	0.0	0.0	0.0
bahrein	4.0	1.0	5.0	0.0	0.0	0.0	0.0
jerusalem	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
judaico	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
judeu	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
judeus	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
cris tao	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
cris taos	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
cris ta	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	10.0	0.0
cris tas	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	1.0	0.0
palestino	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
biblia	0.0	1.0	1.0	0.0	0.0	1.0	0.0
pastor	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	1.0	0.0
padre	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
evangelico	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
catolico	1.0	1.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
tecnologia	1.0	1.0	1.0	0.0	2.0	0.0	0.0
desenvolvimento	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
agricultura	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0

	judeus	cris tao	cris taos	cris ta	cris tas	palestino	\
deus	0.0	49.0	18.0	6.0	0.0	0.0	
jesus	0.0	1.0	0.0	0.0	0.0	0.0	
israel	0.0	2.0	0.0	7.0	0.0	1.0	
palestina	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	
brasil	0.0	36.0	23.0	16.0	1.0	1.0	
argentina	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	
eua	0.0	0.0	1.0	0.0	0.0	0.0	
catar	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	

saudita	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
emirados	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
bahrein	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
jerusalem	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
judaico	0.0	0.0	0.0	10.0	1.0	0.0
judeu	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
judeus	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
crístao	0.0	0.0	9.0	0.0	0.0	0.0
cristaos	0.0	9.0	0.0	1.0	0.0	0.0
crista	0.0	0.0	1.0	0.0	0.0	0.0
cristas	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
palestino	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
bíblia	0.0	8.0	1.0	1.0	0.0	0.0
pastor	0.0	7.0	0.0	1.0	0.0	0.0
padre	0.0	2.0	2.0	0.0	0.0	0.0
evangélico	0.0	12.0	3.0	0.0	0.0	0.0
católico	0.0	2.0	0.0	0.0	0.0	0.0
tecnologia	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
desenvolvimento	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
agricultura	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0

	bíblia	pastor	padre	evangélico	católico	tecnologia \
deus	10.0	36.0	8.0	12.0	2.0	6.0
jesus	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
israel	3.0	11.0	0.0	0.0	0.0	14.0
palestina	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
brasil	12.0	15.0	5.0	10.0	2.0	57.0
argentina	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	1.0
eua	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	4.0
catar	0.0	0.0	0.0	0.0	1.0	1.0
saudita	1.0	0.0	0.0	0.0	1.0	1.0
emirados	1.0	0.0	0.0	0.0	0.0	1.0
bahrein	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
jerusalem	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	2.0
judaico	1.0	1.0	0.0	0.0	0.0	0.0

judeu	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
judeus	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
crístao	8.0	7.0	2.0	12.0	2.0	0.0
crístaos	1.0	0.0	2.0	3.0	0.0	0.0
crístá	1.0	1.0	0.0	0.0	0.0	0.0
crístas	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
palestino	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
bíblia	0.0	5.0	3.0	5.0	3.0	0.0
pastor	5.0	0.0	17.0	17.0	1.0	0.0
padre	3.0	17.0	0.0	4.0	0.0	0.0
evangélico	5.0	17.0	4.0	0.0	4.0	0.0
católico	3.0	1.0	0.0	4.0	0.0	0.0
tecnologia	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
desenvolvimento	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	9.0
agricultura	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	7.0

	desenvolvimento	agricultura
deus	6.0	5.0
jesus	0.0	0.0
israel	3.0	5.0
palestina	0.0	0.0
brasil	98.0	64.0
argentina	3.0	0.0
eua	1.0	0.0
catar	0.0	0.0
saudita	0.0	0.0
emirados	0.0	0.0
bahrein	0.0	0.0
jerusalem	0.0	0.0
judaico	0.0	0.0
judeu	0.0	0.0
judeus	0.0	0.0
crístao	0.0	0.0
crístaos	0.0	0.0
crístá	0.0	0.0

cristas	0.0	0.0
palestino	0.0	0.0
biblia	0.0	0.0
pastor	0.0	0.0
padre	0.0	0.0
evangelico	0.0	0.0
catolico	0.0	0.0
tecnologia	9.0	7.0
desenvolvimento	0.0	2.0
agricultura	2.0	0.0

APÊNDICE D – *Stopwords* usadas no pré-processamento

'de', 'numa', 'houvera', 'for', 'terão', 'nossa', 'teu', 'estivéramos',
 'sem', 'pelas', 'houvessem', 'houvéramos', 'num', 'houvemos', 'tivermos',
 'estar', 'só', 'foi', 'que', 'terá', 'tivesse', 'por', 'tiveram', 'tínhamos',
 'forem', 'havemos', 'teriam', 'seja', 'é', 'hão', 'não', 'tém', 'tenha',
 'seria', 'esses', 'aos', 'seu', 'até', 'você', 'já', 'houveria', 'éramos',
 'nosso', 'essa', 'estiverem', 'aqueles', 'tivessem', 'esteve', 'se',
 'estiver', 'sejamos', 'houveriam', 'há', 'esta', 'isto', 'esteja',
 'houvermos', 'estejamos', 'hei', 'tivera', 'tenham', 'e', 'pelos',
 'estivéssemos', 'mesmo', 'qual', 'nas', 'entre', 'fosse', 'seremos', 'sua',
 'serão', 'os', 'aquele', 'ser', 'o', 'no', 'tivemos', 'ao', 'somos', 'quem',
 'minha', 'um', 'tive', 'houverem', 'vos', 'nos', 'pelo', 'tivéssemos',
 'eram', 'aquilo', 'na', 'teremos', 'ou', 'estivessem', 'tenhamos', 'estamos',
 'estivera', 'meu', 'da', 'mais', 'vocês', 'houvesse', 'estejam', 'minhas',
 'seríamos', 'estas', 'teus', 'tinham', 'houverá', 'estiveram', 'houverei',
 'houve', 'foram', 'muito', 'sou', 'uma', 'dela', 'tenho', 'também', 'em',
 'delas', 'fui', 'lhe', 'isso', 'teríamos', 'tinha', 'com', 'são', 'tu',
 'estivesse', 'houveremos', 'tivéramos', 'estivermos', 'tuas', 'houvéssemos',
 'serei', 'haja', 'seus', 'tiver', 'fôramos', 'formos', 'houveram', 'sejam',
 'seriam', 'tem', 'aquela', 'às', 'era', 'estava', 'pela', 'está', 'fomos',
 'eles', 'me', 'haver', 'houverão', 'tereí', 'tua', 'lhes', 'estão', 'fossem',
 'mas', 'ela', 'teve', 'houver', 'meus', 'nem', 'estavam', 'depois', 'quando',
 'aquelas', 'será', 'nossos', 'dos', 'fora', 'fôssemos', 'essas', 'ele',
 'nossas', 'te', 'estou', 'hajam', 'nós', 'como', 'deles', 'as', 'elas',
 'esse', 'a', 'tiverem', 'houveríamos', 'estive', 'para', 'este', 'eu',
 'suas', 'estávamos', 'dele', 'estes', 'temos', 'hajamos', 'à', 'das', 'do',
 'teria', 'estivemos'

APÊNDICE E – Deputados evangélicos eleitos em 2018, com base em dados do DIAP

(continua)

DEPUTADO/A	PARTIDO	UF	MANDATO	VOTOS	PROFISSÃO	DENOMINAÇÃO
Alan Rick	DEM	AC	2º	22.263	Jornalista e Apresentador de TV	Assembleia de Deus
Pastor Manuel Marcos	PRB	AC	1º	7.489	Pastor	Iurd
Severino Pessôa	PRB	AL	1º	70.413	Comerciante	-
JHC	PSB	AL	2º	178.645	Empresário	Igreja Internacional da Graça de Deus
Silas Câmara	PRB	AM	6º	117.181	Empresário	Assembleia de Deus
André Abdon	PP	AP	2º	12.856	Político e Engenheiro	Assembleia de Deus
Aline Gurgel	PRB	AP	1º	16.519	Advogada	Iurd
Pastor Sargento Isidoro	Avante	BA	1º	323.264	Policia Militar e Técnico em Enfermagem	Assembleia de Deus
Alex Santana	PDT	BA	1º	62.922	Corretor de Imóveis	Assembleia de Deus
Pastor Abílio Santana	PHS	BA	1º	50.345	Pastor e Bacharel em Direito	Assembleia de Deus
Márcio Marinho	PRB	BA	4º	95.204	Radialista	Iurd
Sérgio Brito	PSD	BA	6º	105.427	Empresário, Servidor Público e Administrador de Empresas	Batista
Moses Rodrigues	MDB	CE	2º	128.526	Empresário e Guarda Municipal	Adventista
Dr. Jaziel	PR	CE	1º	65.300	Médico	Assembleia de Deus
Heitor Freire	PSL	CE	1º	97.201	Administrador e Empresário	Evangelho Pleno
Julio Cesar	PRB	DF	1º	79.775	Pastor	Iurd
Sérgio Vidigal	PDT	ES	2º	73.030	Médico	Batista
Lauriete	PR	ES	2º	51.983	Empresária e Música	Assembleia de Deus
Dra. Soraya Manato	PSL	ES	1º	57.741	Médica	Maranata
João Campos	PRB	GO	5º	106.014	Delegado da Polícia Civil	Assembleia de Deus

(continuação)

Glaustin da Fokus	PSC	GO	1º	100.437	Empresário e Pastor	Assembleia de Deus
Pastor Gildenemyr	PMN	MA	1º	47.758	Pastor	Assembleia de Deus
Cleber Verde	PRB	MA	4º	101.806	Servidor Público e Bacharel em Direito	Congregação Cristã
Lucas Gonzalez	Novo	MG	1º	64.022	Empresário e Advogado	Batista
Lincoln Portela	PR	MG	6º	105.731	Radialista e Comunicador	Batista Nacional
Gilberto Abramo	PRB	MG	1º	162.092	Teólogo	Iurd
Stefano Aguiar	PSD	MG	3º	115.795	Administrador de Empresas	Evangelho Quadrangular
Léo Motta	PSL	MG	1º	51.073	Cantor Gospel	Assembleia de Deus
Marcelo Álvaro Antônio	PSL	MG	2º	230.008	Empresário	Maranata
Rose Modesto	PSDB	MS	1º	120.901	Servidor Público Estadual	Igreja do Nosso Senhor Jesus Cristino
Jose Medeiros	Pode	MT	1º	82.528	Policia Rodoviário Federal	Presbiteriana
Olival Marques	DEM	PA	1º	135.398	Teólogo e Cantor Gospel	Assembleia de Deus
Vavá Martins	PRB	PA	1º	158.717	Radialista e Pastor	Iurd
Paulo Bengtson	PTB	PA	1º	96.722	Pastor e Veterinário	Evangelho Quadrangular
Aguinaldo Ribeiro	PP	PB	2º	120.220	Empresário	Batista
Pastor Eurico	PATRI	PE	3º	125.025	Comerciário e Comunicador de Rádio	Assembleia de Deus
Bispo Ossesio	PRB	PE	1º	65.939	Pastor Evangélico	Iurd
Andre Ferreira	PSC	PE	1º	175.834	Bacharel em Turismo	Assembleia de Deus
Margarete Coelho	PP	PI	1º	76.338	Servidora Pública do Estado	Iurd
Rejane Dias	PT	PI	2º	138.800	Administradora	Batista
Dra. Marina	PTC	PI	1º	70.828	Médica	Presbiteriana
Christiane de Souza Yared	PR	PR	2º	107.636	Empresária e Pastora	Evangelho Eterno
Aroldo Martins	PRB	PR	1º	52.572	Comunicólogo e Bispo Evangélico	Iurd

(continuação)

Toninho Wandscheer	PROS	PR	2º	72.475	Empresário – Imobiliário	Assembleia de Deus
Felipe Francischini	PSL	PR	1º	241.537	Advogado	Assembleia de Deus
Sóstenes	DEM	RJ	2º	94.203	Sacerdote	Assembleia de Deus - Ministério Vitória em Cristo
Daniela do Waguinho	MDB	RJ	1º	136.286	Professora	Nova Vida
Altineu Cortes	PR	RJ	2º	55.367	Produtor Agropecuário	Assembleia de Deus
Wladimir Garotinho	PRP	RJ	1º	39.398	Empresário	Presbiteriana
Otoni de Paula	PSC	RJ	1º	120.498	Pastor	Assembleia de Deus - Missão Vida
Alexandre Serfiotis	PSD	RJ	2º	37.526	Médico	Fazei Discipulos
Flordelis	PSD	RJ	1º	196.959	Administradora	Assembleia de Deus
Chris Tonietto	PSL	RJ	1º	38.525	Advogada	Congregação Cristã no Brasil
Benedita da Silva	PT	RJ	5º	44.804	Assistente Social	Assembleia de Deus
Aureo	SD	RJ	3º	68.414	Empresário	Metodista
Lucio Mosquini	MDB	RO	2º	38.630	Empresário e Engenheiro Eletricista	Batista Nacional
Johnathan de Jesus	PRB	RR	2º	13.429	Empresário	Iurd
Shéridan	PSDB	RR	2º	12.129	Psicóloga	Evangelho Quadrangular
Onyx Lorenzoni	DEM	RS	5º	183.518	Empresário e Médico Veterinário	Luterana
Marcel Van Hattem	NOVO	RS	1º	349.855	Cientista Político e Jornalista	Luterana
Carlos Gomes	PRB	RS	2º	103.373	Aposentado e Pastor	Iurd
Liziane Bayer	PSB	RS	1º	52.977	Pastora	Igreja Internacional da Graça de Deus
Lucas Redecker	PSDB	RS	1º	114.346	Político	Luterana
Geovania de Sá	PSDB	SC	2º	101.937	Administradora	Assembleia de Deus
Laércio Oliveira	PP	SE	4º	68.014	Empresário e Administrador de Empresas	Presbiteriana

(final)

David Soares	DEM	SP	1º	99.865	Advogado	Igreja Internacional da Graça de Deus
Pr. Marco Feliciano	PODE	SP	3º	239.784	Conferencista, Empresário e Pastor Evangélico	Catedral do Avivamento, igreja ligada à Assembleia de Deus
Roberto de Lucena	PODE	SP	3º	56.039	Conferencista, Escritor e Pastor Evangélico	O Brasil para Cristo
Fausto Pinato	PP	SP	2º	118.684	Advogado	Iurd
Paulo Freire Costa	PR	SP	3º	109.461	Ministro do Evangelho	Assembleia de Deus
Policia Katia Sastre	PR	SP	1º	264.013	Policia Militar	Assembleia de Deus
Marcos Pereira	PRB	SP	1º	139.165	Advogado	Iurd
Maria Rosas	PRB	SP	1º	71.745	Administradora	Iurd
Milton Vieira	PRB	SP	2º	77.413	Pastor	Iurd
Roberto Alves	PRB	SP	3º	82.097	Metalúrgico	Iurd
Vinicius Carvalho	PRB	SP	3º	97.862	Advogado	Iurd
Jefferson Campos	PSB	SP	5º	99.974	Pastor, Advogado, Tecnólogo, Radialista e Bacharel em Teologia	Evangelho Quadrangular
Rosana Valle	PSB	SP	1º	106.100	Jornalista	Batista
Gilberto Nascimento	PSC	SP	3º	91.797	Advogado, Delegado de Polícia e Graduado em Teologia	Assembleia de Deus
Cezinha de Madureira	PSD	SP	1º	119.024	Pastor	Assembleia de Deus
Bruna Furlan	PSDB	SP	3º	126.847	Bacharel em Direito e Empresária	Assembleia de Deus
Eduardo Bolsonaro	PSL	SP	2º	1.843.735	Escrivão da Polícia Federal	Batista
Joice Hasselmann	PSL	SP	1º	1.078.666	Jornalista	Batista
Eli Borges	SD	TO	1º	48.812	Pastor	Assembleia de Deus

Fonte: ELEIÇÕES, 2018

APÊNDICE F – Acordos entre Brasil e Israel (2000-2022)

Título do acordo	Assunto	Data	Status
Acordo sobre Serviços Aéreos entre a República Federativa do Brasil e o Estado de Israel	Transporte Aéreo	31/03/2019	Tramitação Congresso Nacional
Acordo entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo do Estado de Israel para Cooperação em Segurança Pública, Prevenção e Combate ao Crime Organizado.	Segurança Pública	31/03/2019	Tramitação Congresso Nacional
Acordo entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo do Estado de Israel sobre Cooperação em questões relacionadas à Defesa.	Defesa e Assuntos Militares - Cooperação	31/03/2019	Em promulgação/Casa Civil
Acordo para Cooperação em Ciência e Tecnologia entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo do Estado de Israel.	Cooperação Científica e Tecnológica	31/03/2019	Em promulgação/MRE
Emenda ao Acordo entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo do Estado de Israel (Ministério da Defesa) sobre Proteção de Informações Classificadas e Materiais assinado em Tel Aviv em 24 de novembro de 2010.	Defesa e Assuntos Militares	06/06/2018	Em ratificação da(s) outra(s) Parte(s)
Acordo entre a República Federativa do Brasil e o Estado de Israel de Previdência Social	Previdência Social	27/02/2018	Tramitação Congresso Nacional
Memorando de Entendimento sobre Cooperação Mútua e Treinamento de Diplomatas entre o Instituto Rio Branco do Ministério das Relações Exteriores da República Federativa do Brasil e o Escritório de Treinamento de Pessoal e Desenvolvimento do Ministério de Negócios Estrangeiros do Estado de Israel	Academias Diplomáticas	26/02/2013	Em Vigor
Acordo entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo do Estado de Israel sobre Proteção de Informação Classificada e Materiais	Defesa e Assuntos Militares	24/11/2010	Em ratificação da(s) outra(s) Parte(s)

Acordo entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo do Estado de Israel na Área de Turismo	Turismo, Feira e Exposições	11/11/2009	Em Vigor
Memorando de Entendimento entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo do Estado de Israel para a Promoção de Ações Conjuntas em Benefício de Terceiros Países	Cooperação Científica e Tecnológica	11/11/2009	Em Vigor
Tratado de Extradicação entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo do Estado de Israel	Extradicação	11/11/2009	Em Vigor
Acordo de Coprodução Cinematográfica entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo do Estado de Israel	Cooperação Artístico-cultural	11/11/2009	Em Vigor
Acordo Bilateral sobre Serviços Aéreos entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo do Estado de Israel	Transporte Aéreo	22/07/2009	Superado
Acordo-Quadro de Cooperação no Campo Educacional entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo do Estado de Israel	Cooperação Educacional e Esportiva - Cooperação Artístico-cultural	06/08/2008	Em Vigor
Programa Executivo de Cooperação Cultural para os Anos de 2008, 2009 e 2010	Cooperação Artístico-cultural	13/02/2008	Expirado
Acordo sobre Cooperação no Campo da Agropecuária	Agricultura	04/12/2007	Em Vigor
Memorando de Entendimento entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo do Estado de Israel sobre Cooperação Bilateral em Pesquisa e Desenvolvimento Industrial no Setor Privado.	Cooperação Científica e Tecnológica	27/02/2007	Situação especial
Acordo entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo do Estado de Israel sobre Cooperação nos Campos da Saúde e de Medicamentos	Saúde	19/06/2006	Em Vigor
Acordo de Assistência Mútua Administrativa para a Correta Aplicação da Legislação Aduaneira e a Prevenção,	Aduanas, Impostos e Tarifas	19/06/2006	Em Vigor

Investigação e Combate a Infrações Aduaneiras			
Memorando de Entendimento para o Estabelecimento de Consultas Bilaterais entre o MRE e o MNE.	Consultas Diplomáticas	29/05/2005	Em Vigor
Acordo sobre o Exercício de Atividade Remunerada por Parte de Dependentes do Pessoal Diplomático, Consular, Administrativo e Técnico.	Dependentes – Atividades Remuneradas	12/12/2002	Em Vigor
Convenção Destinada a Evitar a Dupla Tributação e Prevenir a Evasão Fiscal em Relação ao Imposto sobre a Renda.	Aduanas, Impostos e Tarifas	12/12/2002	Em Vigor

Fonte: Elaborado com dados da Plataforma Concórdia do Ministério das Relações Exteriores.

APÊNDICE G – Importação detalhada de produtos israelenses pelo Brasil

(continua)

Descrição CGCE Nível 3	2022 - Valor FOB (US\$)	2021 - Valor FOB (US\$)	2020 - Valor FOB (US\$)	2019 - Valor FOB (US\$)
Insumos industriais elaborados	1.848.267.474,00	916.640.348,00	813.419.831,00	1.013.496.545,00
Bens de capital (exceto equipamentos de transporte)	93.655.296,00	92.594.173,00	72.408.538,00	88.946.743,00
Peças e acessórios para bens de capital	76.720.122,00	74.659.224,00	57.946.249,00	60.603.766,00
Equipamentos de transporte industrial	40.180.098,00	9.138.307,00	19.282.835,00	3.741.596,00
Bens de consumo não duráveis	21.499.783,00	13.809.318,00	23.230.837,00	18.009.285,00
Bens não especificados anteriormente	8.785.987,00	2.734.173,00	1.015.839,00	700.658,00
Peças para equipamentos de transporte	8.527.810,00	8.348.711,00	16.454.607,00	12.001.946,00
Insumos industriais básicos	5.243.469,00	6.646.966,00	6.935.866,00	5.898.764,00
Alimentos e bebidas básicos, destinados principalmente ao consumo doméstico	5.224.165,00	5.543.558,00	3.899.470,00	3.569.160,00
Bens de consumo duráveis – exceto transportes	4.635.697,00	4.653.980,00	4.857.071,00	3.688.669,00
Bens de consumo semiduráveis	2.906.340,00	3.322.683,00	3.632.998,00	4.874.850,00
Alimentos e bebidas elaborados, destinados principalmente à indústria	2.000.394,00	1.424.176,00	716.782,00	1.757.759,00
Alimentos e bebidas elaborados, destinados principalmente ao consumo doméstico	712.734,00	708.422,00	904.256,00	605.879,00

(final)

Combustíveis e lubrificantes elaborados - exceto (motor spirit) gasolinas para automóvel	224.242,00	210.760,00	97.011,00	210.000,00
Combustíveis e lubrificantes básicos	662,00	-	-	-
Alimentos e bebidas básicos, destinados principalmente à indústria	-	-	32.556,00	-
Equipamentos de transporte não industrial	-	-	3.547,00	-

Fonte: Elaboração própria com dados do Ministério da Indústria e Comércio Exterior (MDIC).

APÊNDICE H – Exportação detalhada de produtos brasileiros para Israel

Descrição CGCE Nível 3	2022 - Valor FOB (US\$)	2021 - Valor FOB (US\$)	2020 - Valor FOB (US\$)	2019 - Valor FOB (US\$)
Combustíveis e lubrificantes básicos	1.067.946.276,00	133.688.754,00	-	-
Alimentos e bebidas básicos, destinados principalmente à indústria	349.153.743,00	123.036.100,00	165.379.926,00	112.172.211,00
Alimentos e bebidas elaborados, destinados principalmente ao consumo doméstico	275.286.321,00	220.247.405,00	149.437.339,00	149.956.987,00
Insumos industriais elaborados	128.323.070,00	68.958.494,00	69.728.216,00	65.410.271,00
Bens de consumo semiduráveis	19.610.996,00	18.631.866,00	15.300.161,00	14.603.123,00
Bens de capital (exceto equipamentos de transporte)	15.728.793,00	14.811.750,00	9.361.370,00	13.690.836,00
Insumos industriais básicos	6.707.910,00	7.659.104,00	8.741.124,00	4.793.505,00
Alimentos e bebidas elaborados, destinados principalmente à indústria	4.454.899,00	900.687,00	957.674,00	399.060,00
Peças para equipamentos de transporte	4.278.464,00	1.186.549,00	1.156.893,00	1.774.375,00
Bens de consumo duráveis – exceto equipamentos de transportes	3.461.931,00	2.187.436,00	1.538.685,00	3.026.752,00
Peças e acessórios para bens de capital	3.061.073,00	2.190.844,00	2.038.307,00	1.804.317,00
Alimentos e bebidas básicos, destinados principalmente ao consumo doméstico	2.087.056,00	2.357.261,00	2.816.614,00	1.576.489,00
Equipamentos de transporte industrial	2.061.795,00	767.998,00	757.559,00	289,00
Bens de consumo não duráveis	1.352.143,00	1.302.330,00	1.684.029,00	2.591.619,00
Equipamentos de transporte não industrial	-	2.914,00	-	-
Combustíveis e lubrificantes elaborados - exceto gasolinas para automóvel	-	140,00	140,00	17.197,00
Automóveis para passageiros	-	-	9.783,00	14.580,00

Fonte: Elaboração própria com dados do Ministério da Indústria e Comércio Exterior (MDIC).